

VOLTAIRE

CARTAS ILUMINISTAS

correspondência selecionada e anotada

inclui a famosa querela com Rousseau





Voltaire

Cartas Iluministas
Correspondência selecionada e anotada



Seleção, organização e notas:
André Telles e Jorge Bastos





SUMÁRIO

[Apresentação, por Jorge Bastos](#)

[Sobre os destinatários](#)

[Cronologia de vida e obra](#)

[Cartas, 1718-1778](#)

[Nota dos organizadores](#)

[Índice de cartas por destinatário](#)



APRESENTAÇÃO

Há obras muito superiores aos autores que as escreveram e há autores que emprestam brilho pessoal a obras que não lhes sobrevivem. Mas há também obras e autores que se aliam e mutuamente se completam. Neste último caso, é claro, autor e obra existem por conta própria, independentes um do outro.

O Voltaire apresentado nesta edição junta personagem e obra, pois traz à tona o inveterado missivista, polivalente e “moderno”, de cartas concisas e brilhantemente eficientes – e elas chegam a cerca de dezessete mil, somando treze volumes da edição *Bibliothèque de la Pléiade*.

Os livros de Voltaire que se publicam e vendem até os dias de hoje são sobretudo os das novelas e contos, que não perderam o frescor, e também um pouco dos seus “escritos filosóficos”. Nada mais dos escritos científicos, que ele tanto prezava, nem do seu teatro – de todos os gêneros, o que lhe dava maior prazer, no qual investia suas maiores ambições e que lhe angariou em vida muitos louros. Do personagem em si, dois séculos e meio depois, nos é familiar sua silhueta esquelética e pontuda, esparramada numa poltrona, de pernas cruzadas e chinelo pendente do pé, assim como seu sorriso sibilino, esculpido por Houdon, famoso como o que se imagina em Sócrates, ou o do gato de Cheshire.

Voltaire, que escreveu também volumosos trabalhos em história, entre eles *O século de Luís XIV*, viveu plenamente o seu século, depois chamado “das Luzes”, “do Iluminismo”, “dos déspotas esclarecidos” etc. Não foi certamente um “revolucionário” – muito lhe teriam desagradado os acontecimentos de 1789, a começar pela derrubada da Bastilha, onde ele próprio esteve preso duas vezes sem que nem por isso se sentisse injustiçado. Era um homem da corte e acreditava no rei da mesma forma como, sem dúvida, acreditava em Deus: julgando merecer uma

comunicação privilegiada, livre e direta, sem a intermediação de instituições monárquicas ou católicas.

Vindo da *petite noblesse*, ele aspirava à aristocracia – não só a de sangue, mas também aquela que ele, extraordinariamente para a época, adquiriu: pela cultura e pela civilidade (para não dizer mundanidade). Mas foi traumatizante a lição sofrida aos 31 anos, quando pensou poder, por sua nobreza “adquirida”, responder em pé de igualdade à nobreza de sangue. Para se resguardar, era preciso dinheiro, e em suas cartas vemos também como ele se torna um formidável homem de negócios.

Voltaire cedo havia abandonado seu nome demasiado plebeu, François-Marie Arouet, e buscado aproximação com a corte pelo teatro e pela historiografia, acreditando, sem dúvida, vir a ocupar o lugar que fora o de Corneille e de Racine. Brilhou nos salões mundanos e iniciou uma menos conhecida, mas não menos brilhante, carreira financeira. No final da vida, ele havia ascendido à nobreza nobiliárquica, à Academia e à fortuna. Como mostram as cartas mais tardias, tornou-se um senhor, um dono de terras e de muitas *almas*, na pura acepção feudal, como a mais antiga aristocracia. Seu sucesso em todos os planos foi total e seu funeral, em Paris, teve proporções inéditas, igualado talvez apenas pelo de Victor Hugo, um século depois.

As cartas aqui selecionadas abrangem o período de 1718 a 1778 e apresentam um panorama do que foi a carreira intelectual e humana de Voltaire. Elas acompanham também seu périplo geográfico, traçado por um temperamento irrequieto e pelo temor da prisão e da censura; temor que o levou a frequentemente escrever sob pseudônimos (além do “oficial”), a renegar seus escritos que, ironicamente, lhe garantem o renome (finge se surpreender que lhe atribuam *Cândido*, segundo ele uma “obra de colegial”) e a preferir a vizinhança das fronteiras.

Para melhor orientar o leitor, incluímos nesta edição um catálogo dos destinatários das cartas, “janelas” entre elas, procurando situar fatos e personagens atuantes, e também uma cronologia. Como exceção, introduzimos a famosa resposta de Jean-Jacques Rousseau a uma igualmente famosa carta de Voltaire.

A obra desse autor-personagem que sobreviveu ao tempo está naturalmente divulgada e disponível em edições comerciais. Estas *Cartas iluministas*, em número muito abreviado em razão de sua abundância original – e algumas em versão reduzida – tentam apontar o personagem

nem sempre muito “politicamente correto”, porém o mais representativo do seu século luminoso, que assistiu à ascensão da burguesia. Um século *voltairiano*: revolucionário *malgré soi*.

JORGE BASTOS



SOBRE OS DESTINATÁRIOS

Alembert, Jean le Rond d' (1717-1783): Matemático, filósofo e enciclopedista francês, foi um dos protagonistas, ao lado de seus amigos Voltaire e Diderot, da luta contra o absolutismo religioso e político, que ele denuncia nos incontáveis verbetes que escreveu para a *Encyclopédie*. Seu “Discurso preliminar”, objeto de algumas cartas incluídas aqui e considerado um verdadeiro manifesto da filosofia do Iluminismo, proclama a existência de um elo direto entre o progresso do conhecimento e o progresso social.

Amelot de Chaillou, Jean-Jacques (1689-1749): Político francês, membro da Academia de Letras e da Academia de Ciências.

Argens, Jean-Baptiste de Boyer (marquês d') (1703-1771): Nobre de vida licenciosa, e tendo preferido a carreira das armas à magistratura, foi deserdado pelo pai. Ferido em batalha, dedicou-se à literatura e suas diatribes contra o cristianismo atraíram a atenção de Frederico II, que o convidou para integrar sua corte. Escreveu *Cartas judias, chinesas e cabalísticas* e provavelmente também *Teresa filósofa*, romance filosófico-pornográfico.

Argenson, René-Louis de Voyer (marquês d') (1694-1757): Colega de colégio de Voltaire, ministro do Exterior e conselheiro do rei. Voltaire dizia que ele nascera mais para ser secretário de Estado na República de Platão do que no reino da França.

Argental, Charles-Augustin de Ferriol (conde de) (1700-1788): Conselheiro no Parlamento de Paris, era conhecido por sua entusiástica

amizade com Voltaire, que o consultará incessantemente sobre as obras que destina ao palco, sempre referindo-se a ele e à esposa como “meus divinos anjos”.

Arnaud, Baculard d’ (1718-1805): Poeta precoce, protegido de Voltaire e favorito de Frederico II, que nele via “o sol nascente”, em oposição a Voltaire, “o sol poente”. Relegado ao ostracismo, permaneceu apenas um ano em Berlim.

Bagieux, Jacques (?-1775): Cirurgião do rei.

Beaumarchais, Pierre-Augustin Carron de (1732-1799): Escritor e dramaturgo francês, autor das célebres comédias *As bodas de Fígaro* e *O barbeiro de Sevilha*, escapou à guilhotina e acabou se tornando o primeiro editor das obras completas de Voltaire.

Bento XIV (1675-1758): Prospero Lambertini, eleito papa em 1740 (após seis meses de concílio e 233 escrutínios), foi um pontífice liberal, patrono das artes e amigo dos iluministas.

Berger (?): Informante literário de Voltaire; amante das letras e das artes, foi secretário do príncipe de Carignan, depois diretor do fornecimento de forragem para o Exército. Voltaire escreveu-lhe com regularidade de 1733 a 1741. Conservaram-se cerca de sessenta cartas.

Bernières, Marguerite-Madeleine du Moutier (marquesa de, presidenta de): Amiga de Voltaire, casou-se com um presidente do parlamento de Rouen. Voltaire hospedou-se em diversas ocasiões em seu castelo na Normandia e era frequentador assíduo de sua residência em Paris, no cais dos Théatins, nos anos de 1722 a 1726. Foi nos coches da marquesa que os primeiros exemplares da *Henriade* entraram em Paris.

Bournonville, Antoine-Charles Esmangart de (1728-1777): Secretário do ministro da Guerra, encarregado dos assuntos suíços, responsável, entre outras coisas, pela emissão de passaportes.

Brenles, Jacques Clavel de (1717-1771): Suíço protestante, amigo de Voltaire.

Breteuil, Louis-Nicolas Le Tonnelier (marquês de) (1686-1743): Antigo protetor de Voltaire, o qual irá apaixonar-se por sua filha, Émilie du Châtelet.

Brossette, Claude (1671-1743): Cofundador da Academia de Lyon. Amigo de Boileau, com quem manteve importante correspondência, de 1699 a 1710, editou em 1716 as obras do satirista, com comentários e esclarecimentos.

Calmet, Antoine (1672-1757): Erudito beneditino, abade de Sénones desde 1728, escreveu vastas compilações, sobretudo o *Comentário literal* e o *Dicionário histórico da Bíblia*, nos quais Voltaire pesquisará para estabelecer seus próprios comentários críticos. Ocupou-se também da história da Lorena e foi genealogista da família du Châtelet.

Catarina II, “Catarina a Grande” (1729-1796): Imperatriz de “todas as Rússias”, apresentou-se como mecenas das artes, da filosofia e da literatura. Incentivadora da *Enciclopédia* (dispôs inclusive a terminar de editar a obra na Rússia), manteve abundante correspondência com d’Alembert, Diderot, a quem recebeu em São Petersburgo, e Voltaire, de quem comprava relógios e cuja biblioteca irá adquirir (como fizera com a de Diderot), após sua morte.

Châtelet, Émilie du (marquesa de) (1706-1749): Por orientação do pai, o marquês de Breteuil, recebeu uma educação fora do comum para uma menina da época, aprendendo latim, grego, alemão, italiano e inglês, assim como música, dança e teatro. Nem por isso deixava de colecionar vestidos e sapatos, para não mencionar as joias. Teve vários amantes, porém Voltaire veio a ser sua maior influência, incentivando-a a se aprofundar em física e em matemática, disciplinas nas quais ele a considerava superior. Possuía um laboratório para experimentos práticos instalado em sua residência, no castelo de Cirey, e traduziu Newton para o francês.

Chesterfield, Philip Dormer (lorde) (1694-1773): Nobre e mecenas inglês, admirado por Pope, Swift e Voltaire.

Cideville, Pierre-Robert Le Cornier de (1693-1776): Magistrado francês em Rouen, colega de Voltaire no liceu Louis-Le-Grand e amigo “tão sábio quanto essencial”.

Condamine, Charles-Marie de la (1701-1774): Físico, químico e arqueólogo, grande viajante e explorador francês, foi o primeiro cientista a descer o Amazonas. Era membro da Academia de Ciências, da Academia Francesa, da Academia Real de Londres, Berlim, Petersburgo, entre outras.

Damilaville, Étienne-Noël (1723-1768): Escritor francês, amigo de Voltaire e Diderot, feroz adversário da Igreja.

Deffand, Marie de Vichy de Chamrond (marquesa du) (1697-1780): De família nobre, mas remediada, casou-se cedo com o marquês du Deffand, bem mais velho. Dotada de grande beleza, cercou-se de admiradores e levou uma vida bastante livre. Suas reuniões atraíam os nomes mais prestigiosos da corte, da magistratura e da literatura. Nunca renegou sua amizade por Voltaire, mas não tolerava Émilie du Châtelet. Ficou cega em 1754, passando a viver no convento Saint-Joseph e mantendo abundante correspondência. Pelo estilo de suas cartas, Saint-Beuve considerou-a, “junto com Voltaire na prosa, o clássico mais puro daquela época”.

Denis, Marie-Louise Mignot (1712-1790): Sobrinha e companheira de Voltaire, após as mortes de seu marido e da sra. du Châtelet, respectivamente em 1744 e 1749. Com poucos recursos, porém dinâmica e alegre, teve grande ascendência sobre o tio. De Berlim, Voltaire escreveu-lhe cerca de cinquenta cartas com suas mais sinceras impressões sobre o período na corte de Frederico II. Tornou-se a legatária universal de Voltaire. Escreveu uma comédia, *A coquete castigada*.

Desforges-Maillard, Paul (1699-1772): Poeta francês.

Devaux, François-Antoine (1712-1796): Poeta, xodó das senhoras da corte de Lorena, onde era conhecido como “Panpan”.

Diderot, Denis (1713-1784): Escritor, filósofo e enciclopedista francês, ao lado de d’Alembert foi um dos grandes idealizadores e editores da *Encyclopédia*, à qual dedicou vinte anos de sua vida. Embora misantropo e

avesso à vida social, visitou São Petersburgo a convite de Catarina II e manteve intensa correspondência com Voltaire, o qual o consola e apoia por ocasião das tentativas de censura impetradas contra a *Encyclopédie*. Seus romances e peças teatrais só vieram a ser redescobertos no fim do século XIX.

Dubos, Jean-Baptiste (padre) (1670-1742): Historiador, crítico e diplomata francês, nomeado secretário perpétuo da Academia Francesa, autor de *Reflexões críticas sobre a poesia e a pintura*, livro que exerceu grande influência na época.

Dupleix de Bacquencourt, Guillaume-Joseph (1727-1794): Conselheiro de Estado, foi guilhotinado sob o Terror.

Épinay, Louise d' (1726-1783): Escritora francesa, amiga dos iluministas, manteve um importante salão literário. Autora de *Contraconfissões*, livro no qual desanca Jean-Jacques Rousseau.

Fleury, André-Hercule (cardeal de) (1653-1743): Preceptor de Luís XV, tornou-se uma espécie de primeiro-ministro do Estado.

Fontaine, Marie-Elisabeth de Dompierre de (1715-1771): Sobrinha de Voltaire.

Formont, Jean-Baptiste Nicolas de (1700-1758): Poeta francês, mais conhecido por suas relações com Voltaire, que o chamava de “o mais indiferente dos sábios”.

Francisco I (1729-1737): Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, a quem Voltaire recorre após ter sido banido da corte de Frederico II.

Frederico II o Grande (1717-1786): Terceiro rei da Prússia, considerado o modelo ideal do príncipe iluminista e do “déspota esclarecido”. Atraiu à sua corte diversos luminares das artes e das ciências, o mais famoso deles sendo indubitavelmente Voltaire. Ele próprio autor de versos (em francês), entrou em rota de colisão com o filósofo francês, no campo literário e pessoal, e é com cartas mordazes e elegantes que Voltaire lhe dá o troco.

Helvétius, Claude Adrien (1715-1771): Filósofo influenciado por Locke, anticristão, que definia Deus como “causa ainda desconhecida da ordem e do movimento”. Seu livro *Do espírito* escandalizou o mundo e a Igreja, fazendo-o desistir de publicar outras obras em vida.

Hénault, Charles-Jean François (1685-1770): Presidente do Parlamento de Paris, teve uma vida social agitada e promoveu jantares reunindo políticos e letrados, mas que acabaram sendo proibidos pelo rei. Teve incontáveis casos amorosos (foi apaixonado por Marie du Deffand), escreveu canções de grande sucesso e poemas apreciados na sociedade. Converteu-se ao catolicismo em 1765, o que lhe valeu zombarias de Voltaire e de Marie du Deffand.

Hervey, John (lorde) (1696-1743): Poeta, filósofo e também político. Voltaire o conheceu em sua temporada na Inglaterra.

Joly de Fleury, Jean-François (1718-1802): Político francês, nomeado administrador geral das finanças por Luís XIV.

Lally-Tollendal, Gérard de (1751-1830): Filho de um oficial francês de origem irlandesa considerado culpado pela derrota da França em Pondichéry e condenado e executado pelo Parlamento de Paris. Voltaire assumiu sua defesa.

Lanoue, Jean-Baptiste Sauvé de (1701-1761): Ator e dramaturgo francês, integrou a trupe da Comédie-Française de 1742 a 1757 e escreveu uma peça, *Maomé II*.

Lutzelbourg, Marie-Ursule de Klingin (condessa de)

(1683-1765): Nobre francesa, casada com Valter de Lutzelbourg, tenente-coronel de cavalaria do Regimento da Alsácia.

Maine, Anne de Bourbon-Condé (duquesa du) (1676-1753): Neta do “grande Condé”, tornou o castelo de Scéaux um centro de vida mundana e literária. Bem jovem, Voltaire frequentou Scéaux, onde recitou seus primeiros versos. Mais tarde, lá apresentou a peça *Zaïre* e dedicou *Rome sauvée* à duquesa.

Maupertuis, Pierre Louis Moreau de (1698-1759): Matemático e astrônomo, propagador das ideias de Newton na França, empreendeu expedição ao Polo Norte a fim de comprovar a teoria newtoniana sobre a forma da Terra (contra Descartes, defendido por Jacques Cassini). Dirigiu a Academia de Ciências da Prússia, chocando-se com Voltaire em disputas palacianas.

Olivet, Pierre-Joseph Thoulhier (abade d') (1682-1768): Amigo de Boileau e professor de Voltaire, a quem recebeu na Academia. Excelente gramático, consagrou-se ao estudo de Cícero e publicou comentários sobre Racine. Voltaire manteve com ele uma amizade respeitosa.

Orléans, Philipe d' (1674-1723): Neto de Luís XIII e regente na minoridade de Luís XV, promoveu reformas inovadoras e buscou a paz na Europa. Autor de óperas, sua vida amorosa foi permeada por escândalos. Exilou Voltaire em Sully, em 1716, e aprisionou-o, por onze meses, na Bastilha, em 1717-18.

Polier de Bottens, Antoine-Noé de (1713-1783): Teólogo protestante suíço e amigo de Voltaire, colaborou com verbetes para a *Encyclopédia*.

Richelieu, Louis François Armand (duque de) (1696-1788): Diplomata, general e mecenas. Autodidata, precariamente alfabetizado, foi eleito para a Academia de Letras. Conhecido pela vida galante (foi amante da sra. du Châtelet e da marquesa du Deffand), também obteve grandes sucessos militares. Voltaire, que o conhecera na juventude, chamava-o de “meu herói” e conservou-lhe a amizade apesar de diversas afrontas.

Rousseau, Jean-Jacques (1712-1778): Escritor e filósofo francês, ícone do Iluminismo e um dos inspiradores da Revolução Francesa. Autor de *O contrato social*, *Discurso sobre a origem da desigualdade* e *Confissões*, entre outros, redigiu também a maior parte dos verbetes na área de música para a *Encyclopédia*. Por ironia, seus restos mortais, trasladados para o Panthéon, repousam em frente à sepultura de Voltaire, seu desafeto.

Saint-Cyr, Joseph Giry de (1699-1761): Padre francês, que acabará se voltando contra os enciclopedistas em 1757.

Thibouville, Henri Lambert d'Herbigny (marquês de) (1710-1784): Autor de alguns romances e tragédias, do círculo do sr. d'Argental.

Thieriot, Nicolas-Claude (1696-1772): Confidente, correspondente (na verdade, informante, pois era pago para isso) e factótum de Voltaire, que lhe legou os direitos sobre *Cartas inglesas*, e de Frederico II (a quem Voltaire recomendou-o como “historiógrafo dos cafés de Paris”).

Tronchin, Théodore (1709-1781): Médico suíço, um dos mais respeitados na época, era consultado por toda a Europa, teve em Voltaire um de seus pacientes mais ilustres. Escreveu verbetes de medicina para a *Enciclopédia*.

Valori, Charles de (1658-1734): General e engenheiro militar francês.

Vauvenargues, Luc de Clapiers (marquês de) (1715-1747): Escritor, moralista e ensaísta, inscreveu um livro no cânone das letras francesas, *Reflexões e máximas*.

Virotte, Louis Anne La (1725-1759): Médico, colaborou com alguns verbetes para a *Enciclopédia*.

Voisenon, Claude-Henri de Fusée (vigário de) (1708-1775): Exemplo do eclesiástico mundano, versátil e independente. Escreveu para o teatro e foi eleito para a Academia de Letras com o apoio de Voltaire.



CRONOLOGIA DE VIDA E OBRA

1694. Voltaire nasce em Paris, com o nome de François-Marie Arouet. A mãe morre-lhe cedo; o pai, tabelião, mora gratuitamente no Palácio e deseja que o filho estude direito, fazendo-se advogado do rei.

1702. Guerra de Sucessão na Espanha.

1704. Voltaire ingressa no colégio jesuíta Louis-le-Grand, o melhor da época, onde teve bons professores. *Puer ingeniosus sed insignis nebulo*: “rapaz de talento, mas patife notável”, dizia um relatório de professores. Aproxima-se de futuros ministros e de filhos dos que tinham acesso e posição na corte. Quando adolescente, o padre de Chateauneuf o levará, nos dias de folga, à casa da já idosa Ninon de Lenclos e à frequência de libertinos militantes, epicuristas voluptuosos e poetas galantes. Essa dupla influência será marcante: não o fará cristão, leva-lo-á ao prazer e ao livre-pensamento, mas arraigando-lhe ódio ao jansenismo, assim como uma concepção trágica do cristianismo e uma obsessão pelo pecado original.

1713. Paz de Utrecht. Temporada de Voltaire em Haia como secretário do embaixador da França, o mesmo padre e marquês de Chateauneuf. Apaixona-se por uma moça, Pimpette, que se traveste de homem para encontrar o namorado. François-Marie, com dezenove anos, é mandado de volta a Paris. Procura o bispo de Evreux com a intenção de trazer Pimpette para a cidade e subtraí-la da influência protestante da Holanda, mas não obtém sucesso.

1715. Escreve versos. Compõe uma ode sobre Luís XIII que não é premiada pela Academia. Vinga-se com uma sátira contra o vencedor, o sr.

de La Motte, e vê-se obrigado a deixar Paris. Morre Luís XIV; o duque de Orléans, regente, toma o poder.

1717. Já se assinando Voltaire, é preso por onze meses na Bastilha por escritos, cuja autoria nega, contra o Regente. Dedica *Édipo*, primeiro sucesso teatral, à sra. duquesa de Orléans.

1719. Período de turbulência econômica e forte inflação monetária. Início do “sistema” financeiro Law. Voltaire frequenta os corretores e agiotas; com muito sucesso, especula.

1722. Morte do pai de Voltaire. Viagem à Holanda em companhia da sra. de Rupelmonde. Encanta-se com a tolerância e a prosperidade comercial do país. Polêmica com o poeta Jean-Baptiste Rousseau.

1723. Publica *La Ligue* (futura *A Henriade*), primeira versão do poema épico sobre as guerras de religião e Henrique IV. Lê trechos nos salões, onde admiram o escritor a caminho da glória. Tem varíola.

1725. Cai nas boas graças da poderosa sra. de Prie. Assiste ao casamento de Luís XV, quando são apresentadas três peças de Voltaire.

1726. Entrevero com o Cavaleiro de Rohan, que finge ter esquecido o nome do escritor (“Arouet ou Voltaire?”), no *foyer* da Comédie Française. Voltaire responde acerbamente. Dias depois, em 4 de fevereiro, lacaios surram-no à porta do palácio do duque de Sully, enquanto Rohan, em sua carruagem, assiste. Voltaire quer bater-se em duelo, mas um nobre não se rebaixa cruzando ferros com um simples literato. Voltaire desespera-se, apela aos amigos da nobreza, mas todos se riem. Em 17 de abril, volta à Bastilha. É libertado em maio para exilar-se na Inglaterra. Já é um homem rico, protegido pelo embaixador inglês em Paris e pelo ministro da França em Londres. Morte da sra. de Mignot, irmã de Voltaire.

1727. Em janeiro é apresentado ao rei Jorge I. Trava relações com os escritores Young, Pope, Swift e com os filósofos Berkeley e Clarke. Em 8 de abril, assiste aos funerais de Newton. Fala inglês bastante mal (porém toda a intelectualidade da Europa fala o francês), mas em dezembro publica dois opúsculos nessa língua.

1728. Publica, em Londres, *A Henriade*, que dedica à rainha da Inglaterra. Em novembro volta à França.

1729. Prepara *História de Carlos XII*, *Brutus* e *Cartas filosóficas*. Junto com La Condamine, tenta explorar as falhas de determinada loteria.

1730. Morte da grande atriz Adrienne Lecouvreur. A Igreja recusa-lhe sepultura, e Voltaire, indignado, escreve o poema “A morte da senhorita Lecouvreur”. Encena *Brutus*, tragédia “ao estilo de Shakespeare”, com enorme sucesso.

1731. Publica *História de Carlos XII*, sua primeira obra histórica, apaixonante como um romance mas solidamente documentada. É um novo aspecto de Voltaire, que namora a ideia de candidatar-se a um possível cargo de historiógrafo do rei.

1732. Em agosto, triunfa no teatro com a tragédia *Zaïre*. Em seu prefácio faz um elogio a Luís XIV, descortês para com seu sucessor.

1733. Publica *O templo do gosto*, cuja repercussão obriga-o novamente a deixar Paris. Refugia-se em Cirey, no castelo da sra. du Châtelet: “solidão apavorante”. Início da relação amorosa entre eles.

1734. Começam a aparecer em Paris as *Cartas filosóficas*, escritas em Londres. Longe de serem cartas pitorescas de um viajante, o que lhe importa na Inglaterra da época é sua modernidade nas ciências, na política, no comércio e na literatura. Posteriormente são anexadas as “Observações sobre Pascal”, que resumem o que será a militância filosófica da vida inteira de Voltaire contra a religião institucional, representada pela Igreja católica. Por outro lado, inspira-o a ideia nova de uma felicidade terrestre compatível com o gosto burguês pelo conforto e a vida social; um cristianismo esvaziado de todo conteúdo sobrenatural e de todo mistério. O exemplo idealizado da Inglaterra mostra ser possível uma vida em sociedade em que cada um goza seu quinhão de felicidade, cabível e natural à natureza humana. Montesquieu publica *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos*

1735. Trabalha na *Virgem de Orléans* e no *Século de Luís XIV*. Obtém autorização para voltar a Paris.

1736. A sra. du Châtelet aprende inglês. Voltaire publica *O mundano* e se refugia na Holanda.

1737. Publica *Elementos da filosofia de Newton*, na Holanda.

1738. Marie-Louise Mignot, uma das sobrinhas de Voltaire, casa-se com Nicolas Charles Denis, passando a sra. Denis. Visita Cirey com o marido e fica horrorizada com a solidão do local.

1740. Frederico II sobre ao trono da Prússia; Voltaire encontra-o pela primeira vez em Clèves.

1742. *Maomé*, tragédia de Voltaire, é proibida em Paris, após grande sucesso em Lille. A França toma parte na guerra da Sucessão da Áustria. Junto com d'Argenson, Voltaire dirige seus interesses econômicos para abastecimento de carne e munições para o Exército. Frederico II divulga em Paris carta em que Voltaire felicita-o por ter abandonado sua aliança com a França. Escândalo nos meios patrióticos.

1743. Voltaire encena a tragédia *Mérove* e é aclamado. Viaja à Holanda e a Berlim em missão diplomática.

1745. Vitória de Luís XV em Fontenoy. A sra. de Pompadour, amiga de Voltaire, torna-se amante oficial do rei. Voltaire escreve uma *comédie-ballet* para o casamento do delfim e os poemas “Fontenoy” e “O templo da glória”, em homenagem a Luís XV. É nomeado fidalgo e historiógrafo do rei. Faz as pazes com os jesuítas e dedica *Maomé*, uma peça contra a religião, ao papa!

1746. Ingressa na Academia Francesa e na de São Petersburgo.

1747. *Zadig* é impresso na Holanda. Rusgas na corte; hostilidade de Luís XV.

1748. Em Nancy, Lunéville e Commercy, frequenta a corte do rei Estanislau, sogro de Luís XV. Montesquieu publica *O espírito das leis*. Voltaire surpreende a sra. du Châtelet nos braços do amante Saint-Lambert, capitão da guarda do rei Estanislau.

1749. Morte da sra. du Châtelet, cinco dias após dar à luz uma menina, filha do sr. de Saint-Lambert (Voltaire ajuda a convencer o sr. du Châtelet de que vai ser pai). Voltaire parece sinceramente comovido (nos últimos anos eram apenas amigos), mas nada o impede agora de aceitar o convite do rei da Prússia, Frederico II.

1750. Parte para Potsdam tendo garantido o pagamento das despesas de viagem, o título de camareiro de Sua Majestade, a grande cruz da Ordem do Mérito, hospedagem e uma polpuda subvenção anual. Jean-Jacques Rousseau publica o *Discurso sobre a ciência e artes*.

1751. Publicação do tomo I da *Enciclopédia*. Voltaire publica *O século de Luís XIV*, que alguns críticos consideram sua obra-prima. Seu secretário rouba-lhe, em Paris, vários manuscritos.

1752. Querela Koenig-Maupertuis. Voltaire intervém a favor do primeiro. Frederico II manda queimar *A diatribe do doutor Akaki*, em que Voltaire ridiculariza Maupertuis.

1753. Rompimento com Frederico II (reatam, posteriormente, com trocas de cartas onde se dirigem elogios e ironias). Luís XV proíbe Voltaire de retornar a Paris. Desloca-se para a Alsácia, para o exílio na corte do rei Estanislau da Polônia.

1755. Instala-se perto de Genebra, na propriedade de Les Délices, que adquire. Não é longe da França, fala-se o francês e é uma terra livre em região protestante, que lhe parece menos sectária. Morre Montesquieu, e Rousseau publica o *Discurso sobre a desigualdade*. Terremoto em Lisboa. São publicadas duas edições da *História da guerra de 1741*, a partir de um manuscrito roubado. Voltaire faz com que o tipógrafo Grasset, de Genebra, seja preso. D'Alembert busca colaboradores para a *Enciclopédia*, e o velho filósofo é naturalmente lembrado. Voltaire sente-se em segurança em Genebra e, julgando que a razão está com os recém-chegados, aceita

colaborar. Encena *Zaïre* em Genebra, gerando inquietação nos pastores protestantes, e, quando cogita representar outra peça, é censurado. Fim de seu idílio com a tolerância calvinista. Início também das desavenças com Jean-Jacques Rousseau, que escreve uma *Carta sobre os espetáculos*, apontando uma escola de corrupção na comédia.

1756. Início da Guerra dos Sete Anos: a Inglaterra declara guerra à França.

1757. Derrota do Exército francês. Perseguições contra os filósofos. A publicação da *Enciclopédia* é interrompida.

1758. Voltaire compra, no lado francês da fronteira com a Suíça, o castelo de Ferney e arrenda o condado de Tournay. Sente-se definitivamente seguro, com “quatro pés em vez de dois, um em Lausanne numa belíssima residência de inverno, outro pé em Les Délices, onde os bons amigos me vêm visitar: são os pés da frente. Os traseiros estão em Ferney e no condado de Tournay.” Torna-se enfim um fidalgo rural; assina cartas como “conde de Tournay”; tem dois curas sob suas ordens: “Estou bastante satisfeito. Arruino um e dou esmola ao outro.”

1759. Publica *Cândido*, envolve-se em inúmeros processos, retaliações e outras questiúnculas em defesa de seus colonos: um marco deslocado, uma mulher violentada na estrada etc.

1761. Rousseau publica *A nova Heloísa*. Voltaire prepara uma edição comentada de Corneille, para com os lucros dotar a filha do escritor.

1762. Início do caso Calas, em que Voltaire se revolta contra a condenação e morte sob tortura de um pai que teria assassinado o filho por questões religiosas. O Tribunal de Apelação revê o processo e expede uma sentença de reabilitação. Voltaire extrai daí o seu *Tratado sobre a tolerância*. Catarina II sobe ao trono da Rússia. Rousseau publica o *Contrato social* e o *Emílio*.

1763. O historiador inglês Edward Gibbon visita Ferney.

1764. Publica o *Dicionário filosófico portátil*. Estreia em Paris, com pouco sucesso, *Olympie*.

1766. O Cavaleiro de la Barre é acusado de ateísmo e supliciado. Voltaire escreve um relato de sua morte para instigar a opinião pública contra a intolerância religiosa. Foge para o lado suíço de sua propriedade (havia antes proposto a Choiseul que a França anexasse Genebra “amigavelmente”).

1767. Publica *O ingênuo*.

1768. Após violenta altercação, expulsa a sra. Denis de Ferney. Período de produção intensa. Voltaire festeja “sua” Páscoa na “sua” igreja e prega ele próprio contra os “patifes que roubam sem parar”.

1769. Voltaire envia a Catarina II, da Rússia, um projeto de carros de combate. A sra. Denis retorna a Ferney.

1770. Dá início a *Questões sobre a Enciclopédia*, seu último trabalho de fôlego. Instalam-se em Ferney trabalhadores de Genebra destituídos de direitos políticos, sobretudo fabricantes de relógios e meias de seda.

1772. Morte de Thieriot.

1774. Luís XVI sobe ao trono. Estreia em Paris de *Sophonisbe*, entre risos e apupos. Voltaire tem a saúde abalada.

1775. Edição das suas *Obras completas*.

1778. Voltaire vai a Paris para a apresentação da tragédia *Irene*. É homenageado como o apóstolo do progresso humano. Em 30 de março a Academia recebe-o com pompas nunca antes concedidas. Na Comédie-Française o público aclama-o ruidosamente por vinte minutos, enquanto no palco os atores cercam um busto de Voltaire em comoventes homenagens. Voltaire morre, ainda em Paris, em 30 de maio.



Cartas
1718-1778



Desde 1713, Voltaire escreve versos. Ao compor uma ode a Luís XIII, não premiada pela Academia, vinga-se com uma sátira ao vencedor e vê-se obrigado a deixar Paris. Escreve Édipo e começa o poema épico L'Henriade. Com a morte de Luís XIV, o duque de Orléans assume a regência e, em 1717, Voltaire é encarcerado por onze meses na Bastilha, acusado de escrever sátiras – cuja autoria ele nega – contra o Regente.

AO SR. DUQUE DE ORLÉANS, REGENTE

[novembro de 1718?]

Monsenhor, será possível o pobre Voltaire não vos dever outro favor senão o de por vós ter sido corrigido com um ano de Bastilha? Despachado para o purgatório, jactava-se de que dele recordaríeis quando a todos abrisseis o paraíso. Toma ele, então, a liberdade de vos suplicar três graças: a primeira, que tolereis dar-lhe a honra de vos dedicar a tragédia que acaba de compor;¹ a segunda, que aquiesçais, algum dia, ouvir fragmentos de um poema épico sobre aquele de vossos ancestrais que mais se vos assemelha;² e a terceira, ponderar que tem a honra de vos escrever uma missiva em que não aparece o termo “subscrição”.

Com profundo respeito, meu Senhor, deste mui humilde e mui pobre secretário em parvoíces de Vossa Alteza real, Voltaire

Sendo já autor em ascensão em Paris, com intensa vida social, Voltaire adota definitivamente o pseudônimo com que passará à posteridade. Dedicar-se também com sucesso a especulações financeiras, aproveitando o período de grande turbulência econômica e forte inflação. Começa a construir uma sólida

“situação”. Em 1722, viaja à Bélgica e à Holanda em companhia da sra. de Rupelmonde. Em dezembro de 1823, morre o Regente, duque de Orléans.

À SRA. DE BERNIÈRES

Haia, 7 de outubro [de 1722]

Sua carta deu novo sabor à vida que levo em Haia. Dos prazeres do mundo, não conheço mais lisonjeiro que o concedido por sua amizade. Permanecerei ainda alguns dias aqui, a fim de tomar as medidas necessárias à impressão de meu poema,³ e partirei assim que os belos dias se forem. Nada mais agradável que Haia quando o sol mostra-se benevolente e dá o ar de sua graça. Só se veem pastagens, canais e árvores viçosas; é um paraíso terrestre que se estende de Haia a Amsterdam. Admirei com respeito esta cidade, que é o grande mercado do universo. Havia mais de mil embarcações no porto. Nos quinhentos mil habitantes de Amsterdam, não há um ocioso, um pobre, ninguém com ares de senhor, nenhum insolente. Encontramos o Grande Pensionário⁴ a pé, sem lacaios, misturado à gente do povo. Ninguém preocupado em cortejar. Ninguém perfilado para ver passar um poderoso. Apenas trabalho e modéstia. Em Haia, veem-se já mais magnificência e vida de sociedade, por conta dos embaixadores. Como passo meus dias entre o trabalho e o prazer, vivo meio à holandesa e meio à francesa. A ópera em cartaz é detestável; em contrapartida, vejo pastores calvinistas, arminianos, socinianos, rabinos, anabatistas, todos falando maravilhosamente bem, e, na verdade, têm, todos eles, razão. Habituo-me a prescindir totalmente de Paris, mas não de vocês. Reitero igualmente meu compromisso de ir encontrá-los na Rivièrre se ainda estiverem por lá no mês de novembro. Não permaneçam lá por mim, apenas almejem que eu lhes faça companhia caso decidam aproveitar mais a temporada campestre. Permita-me apresentar meus respeitos ao sr. de Bernières e a todos de sua casa. Com uma dedicação respeitosa, seu mui humilde e obediente servidor Volt.

AO SR. DE BRETEUIL

[c. 5 de dezembro de 1723]

Descreverei fielmente, senhor, como pediu, a varíola, de que acabo de escapar, a maneira espantosa como fui tratado e, finalmente, o acidente em Maisons,⁵ que irá me impedir, por muito tempo, de encarar meu retorno à vida como uma felicidade.

O sr. presidente [do Parlamento de Paris] e eu nos sentimos indispostos no 4 de novembro último. Felizmente, porém, todo o perigo recaiu sobre mim. Submetemo-nos a uma sangria no mesmo dia. Ele se saiu bem, eu contraí a varíola. A doença surgiu após dois dias de febre e anunciou-se por uma ligeira erupção cutânea. Fiz-me sangrar uma segunda vez, por conta própria, apesar do preconceito popular. O sr. de Maisons teve a bondade de me enviar, no dia seguinte, o sr. de Gervasi, médico do sr. cardeal de Rohan, que veio muito a contragosto. Temia comprometer-se inutilmente, tratando, num corpo delicado e frágil, uma varíola já no segundo dia de erupção, e cujas sequelas só haviam sido amenizadas por duas leves sangrias, sem purgativo algum.

Em todo caso, veio e me encontrou tomado por uma febre maligna. A princípio, teve péssima opinião acerca da enfermidade: os criados que estavam por perto perceberam sua reação e não tentaram ocultá-la de mim. Ao mesmo tempo, anunciaram-me que o padre local, preocupado com a minha saúde e sem temer a varíola, solicitava uma visita, se porventura não fosse me incomodar. Fiz com que entrasse imediatamente, confessei-me e ditei meu testamento que, como pode imaginar, não foi longo. Em seguida, pus-me a esperar a morte com tranquilidade, não sem lamentar, contudo, a falta de uma última demão em meu poema e em *Mariamne*, assim como também um pouco aborrecido por deixar meus amigos tão cedo. O sr. de Gervasi, entretanto, não me abandonou por um só momento, estudando atentamente em mim os movimentos da natureza. Nada me deu para tomar sem que dissesse o motivo. Deixava-me entrever o perigo e falava do remédio com clareza. Seus argumentos infundiam-me convicção e confiança, revelando-se isto um método bastante eficaz para um médico junto ao doente, uma vez que a esperança da cura consiste já em metade de seu sucesso. Foi obrigado a fazer-me ingerir oito vezes o emético e, em vez dos cordiais comumente ministrados no caso dessa doença, fez-me beber duzentas pintas de limonada. Esse procedimento, que pode lhe parecer extraordinário, revelou-se o único capaz de me salvar a vida, pois

qualquer outro teria infalivelmente provocado a minha morte. Estou convencido de que a maioria dos que sucumbiram dessa temível doença viveria ainda, caso houvesse sido tratada como fui. ...

A varíola em si, isolada de toda circunstância estranha, nada é senão uma limpeza benigna do sangue, a qual expurga as impurezas do corpo em prol de uma saúde vigorosa. Seja qual for o tratamento, com cordiais ou purgação, a cura é certa, nesse tipo de varíola. ...

Porém, quando acompanhada de febre maligna, com o aumento do volume de sangue nos vasos, a ponto de quase estourá-los, podendo formar um depósito sedimentar no cérebro, propagando pelo corpo bÍlis e substâncias estranhas, cuja fermentação gera devastações mortÍferas na máquina corporal, a razão prescreve a sangria como indispensável. Ela depura o sangue, distende os vasos, torna o jogo das engrenagens mais flexível e fácil, desobstrui as glândulas da pele e facilita a erupção. Provocando grandes evacuações, os médicos em seguida eliminam a fonte do mal, impedindo que a varíola se torne confluyente, fazendo-nos expelir parte da levedura. ...

Há um único caso em que os cordiais, inclusive os mais violentos, são indispensavelmente necessários: é quando um sangue preguiçoso, afrouxado ainda pela levedura que obstrui todas as fibras, não tem forças para expulsar o veneno com que está carregado.

No estado em que eu me encontrava, esses cordiais seriam mortÍferos. Isso nos faz constatar, demonstrativamente, que todos esses charlatães em que Paris abunda, que receitam sempre os mesmos remédios (não digo para todas as doenças, mas sempre para a mesma), são envenenadores que conviria punir.

Volta e meia ouço um sofisma assaz funesto: aquela pessoa, dizem, curou-se de tal maneira; tenho a mesma doença, logo, devo tomar o mesmo remédio. Quantos não morreram de um raciocínio desse gênero! Não querem enxergar que os males que nos afligem são tão dessemelhantes quanto as linhas do rosto. ...

Aguardava, impaciente, o momento em que pudesse escapular dos cuidados que me dispensavam no castelo e cessar o transtorno involuntariamente ocasionado: quanto mais se desmanchavam em gentilezas, mais eu me empenhava em não abusar da situação por muito tempo. Estava, finalmente, em condições de ser transportado para Paris em 1º de dezembro. Foi uma data bem funesta. Mal me encontrava a duzentos

passos do castelo, parte do assoalho do quarto que eu ocupava ruiu em chamas. Os quartos vizinhos, os apartamentos embaixo, os preciosos móveis que os decoravam, tudo foi consumido pelo fogo. O prejuízo chega a quase duas mil libras. Sem a ajuda das bombas d'água que mandaram buscar em Paris, um dos mais belos prédios do reino estaria inteiramente destruído. Sonegaram-me essa estranha notícia quando cheguei, e só tomei conhecimento ao acordar. Não imagina o meu desespero. O sr. de Maisons dispensou-me todas as atenções, cuidando de mim como de um irmão, e sua recompensa foi o incêndio do castelo. Eu não atinava como o fogo irrompera tão bruscamente no meu quarto, onde eu deixara apenas um tição, quase apagado. Soube que a causa do sinistro foi uma viga de madeira que passava justo sob a lareira. É uma falha de construção, já corrigida nos prédios atuais. Inclusive, devido à sua frequência, recorreu-se às leis para impedir essa perigosa maneira de construir. A viga a que me refiro inflamou-se pouco a pouco com o calor da lareira, situada imediatamente acima e, destino singular que não compartilhei, o fogo, ali germinando há dois dias, rebentou logo depois que parti.

Não fui propriamente a causa do acidente, mas seu infeliz ensejo. Senti a dor como sentimos a culpa: a febre voltou e posso assegurar que, neste momento, não sou nada grato ao sr. de Gervasi por me haver preservado a vida.

A sra. e o sr. de Maisons receberam a notícia mais serenamente do que eu, sendo a generosidade de ambos tão grande quanto o somatório do prejuízo material e da minha dor. O sr. de Maisons levou ao extremo sua generosidade, obsequiando-me com cartas que primam tanto pelo coração como pelo espírito. Preocupou-se em me consolar – parecia ter sido eu quem ardera no incêndio do castelo –, mas sua generosidade só faz com que eu sinta ainda mais profundamente a perda que lhe causei e, por toda a vida, conservarei essa dor, assim como minha admiração por ele.

À SRA. DE BERNIÈRES

Paris, 20 de julho [de 1724]

Gostaria muito que nada soubesse da notícia que nos vem da Espanha. Eu teria então o prazer de lhe informar que o rei de Espanha acaba de tornar prisioneira a própria esposa, filha do finado sr. duque de Orléans, a qual,

não obstante o nariz pontudo e o rosto comprido, nem por isso deixava de seguir os grandes exemplos das senhoras suas irmãs. Disseram-me que volta e meia ela se punha totalmente nua com suas mais belas aias, e, com esse chamativo, atraía os fidalgos mais formosos do reino. Sua casa foi totalmente depredada e no castelo em que está aprisionada deixaram-lhe apenas uma velha carola como dama de companhia. Garantiram-me ainda que, ao se ver trancafiada com essa figura monstruosa, a pobre rainha tomou a corajosa resolução de empurrá-la pela janela, e levaria a cabo tal intento, caso não chegasse socorro. Creio que essa aventura fará com que nos devolvam mais cedo nossa pequena infanta. ...

AO SR. THIERIOT

Fontainebleau, 17 de outubro [de 1725]

Sou mais merecedor de suas críticas do que *Mariamne*, meu caro Thieriot. Um homem que permanece na corte, podendo viver a seu lado, é o mais condenável dos humanos, ou melhor, o mais lastimável. Fiz a tolice de trocar meus talentos e meus amigos por eflúvios da corte, por esperanças imaginárias. A propósito, acabo de escrever toda uma jeremiada à sra. de Bernières. Não deveria ter esperado tanto para me dar notícias sobre a saúde dela. Corrija isso escrevendo-me com mais frequência e, principalmente, impedindo-a de exagerar na comida.

A gula fez seus males, a sobriedade irá curá-los. Procurei Gervasi ontem o dia inteiro sem encontrá-lo. Continuarei atrás dele sem muita certeza de alcançá-lo, para dispô-lo a vir para a Rivière, mas presumo que ele não possa.

Na verdade, meu caro Thieriot, caso a sra. de Bernières disponha-se a seguir uma dieta rígida, estou certo de que ficará boa. Meta isso na cabeça dela, e que ela renuncie à gula e à medicina. Abandonei em definitivo esta última e vou indo otimamente. Se eu mantiver o compromisso de prescindir de frituras e doces, como prescindo de Gervasi, Helvétius e Silva,⁶ logo estarei tão gordo quanto o senhor.

Fui aqui muito bem recebido pela rainha Marie Leczinska. Ela chorou com *Mariamne*, riu com *O indiscreto*, dirige-se a mim constantemente, chama-me “meu pobre Voltaire”. Um tolo já ficaria satisfeito com isso, mas infelizmente refleti muito e sei que lisonjas são bagatelas, que o papel

de um poeta na corte traz sempre embutido algum ridículo, e que não é aconselhável viver neste país sem uma posição social. Todos os dias dão-me esperanças, que não acalento. Não pode imaginar, querido Thieriot, o quanto estou cansado da vida de cortesão. *Henrique IV* foi estupidamente sacrificada na corte de Luís XV. Lamento os trechos desperdiçados. A pobre criança já deveria estar publicada *in-quarto*, em belo papel, bela margem, bela tipologia. Isso se dará certamente neste inverno, aconteça o que acontecer.⁷ O amigo achará, creio, a obra bastante diferente de *Mariamne*. O épico é minha essência, se não estou completamente enganado. Em todo caso, parece-me bem mais seguro seguir uma carreira em que se tem como rival um Chapelain, um La Motte e um Saint-Didier,⁸ do que outra em que é preciso lutar para se igualar a Racine e a Corneille.

Tenho a impressão de que todos os poetas do mundo marcaram encontro em Fontainebleau. Saint-Didier trouxe *Clovis* para a rainha, com uma epístola em versos no mesmo estilo. Roy⁹ se ofereceu para os balés. A rainha é diariamente massacrada por odes pindáricas, sonetos, epístolas e epítálamos. Imagino que confunde os poetas com bobos da corte; nesse caso, tem toda razão, pois é uma grande tolice um homem de letras estar aqui. Não proporcionam nem recebem nenhum prazer.

Despeço-me. Sabia que o sr. duque de Nevers bateu-se com o sr. conde de Brancas na sala dos guardas da rainha de Espanha? São as únicas notícias de que disponho. Tudo o que acontece aqui é tão simples, tão uniforme, tão maçante, que não há como tecer comentários. Adeus. Um abraço e minha estima. *Vale.*¹⁰

A carreira de Voltaire ganha impulso, e ele passa a receber uma nova pensão por parte da rainha. Entra em desavença com o Cavaleiro de Rohan, que não aceita bater-se em duelo com um simples literato e, em fevereiro de 1726, manda lacaios seus surrarem Voltaire no meio da rua. Voltaire é humilhado e mais uma vez preso na Bastilha, recebendo em seguida autorização para se exilar na Inglaterra.

AO SR. THIERIOT

12 de agosto de 1726

Recebi com muito atraso, meu caro Thieriot, uma carta sua de 11 de maio último. Como viu, estava muito infeliz em Paris. A mesma sina me persegue por toda parte. Se a firmeza de caráter dos heróis de meu poema estiver à altura da que o destino exige de mim, a obra decerto terá mais êxito do que eu. Em sua carta, deu-me provas tão comoventes de amizade, que é justo que eu responda com toda a franqueza. Confesso, então, meu caro Thieriot, que há pouco tempo estive rapidamente em Paris. Como não o vi, pode-se concluir com segurança que não vi mais ninguém. Procurava um único indivíduo,^{[11](#)} a quem o instinto de poltrão manteve escondido, como se me adivinhasse em seu encaixo. Mas o receio de ser descoberto fez-me partir de forma precipitada. Eis o que se passou, meu caro Thieriot, e tudo indica que não o verei novamente em minha vida. Estou ainda bastante indeciso quanto a minha ida para Londres. Sei que é um país em que todas as artes são prestigiadas e recompensadas, em que a diferença de condições entre os homens existe, mas respeitando-se o mérito de cada um. É um país onde se pensa livre e nobremente, sem o entrave de qualquer temor servil. Caso seguisse minhas inclinações, deveria me fixar aqui, com o intuito apenas de aprender a pensar. Mas não sei se minha reduzida fortuna, bastante abalada por tantas viagens, minha saúde precária, mais debilitada que nunca, e meu gosto pelo mais profundo isolamento permitirão que me lance no turbilhão de Whitehall e de Londres. Tenho ótimas recomendações no país e esperam-me com toda a boa vontade, mas não posso afirmar se continuarei a viagem.^{[12](#)} Almejo apenas duas coisas na vida: a primeira seria arriscá-la, pela honra, assim que estiver em condições; a outra, encerrá-la na obscuridade de um sossego condizente com minha maneira de pensar, meus infortúnios e o conhecimento que tenho das pessoas.

Esponaneamente renuncio às minhas pensões, a do rei e a da rainha; lamento apenas não ter conseguido que as compartilhasse; seria um consolo, em minha solidão, achar que consegui, uma vez na vida, ser-lhe de alguma utilidade; mas estou fadado a ser infeliz de todas as maneiras. O maior prazer que um homem de bem pode sentir, o de proporcionar prazer a seus amigos, foi-me recusado. Não sei o que a sra. de Bernières pensa a meu respeito.

Prendrait-elle le soin de rassurer mon coeur

Contre la défiance attachée au malheur?^{[13](#)}

Lembrarei por toda a vida a amizade que ela me demonstrou e conservarei a que tenho por ela. Desejo a ela saúde, fortuna consolidada, muita alegria e amigos como o senhor. Fale com ela de mim, sempre que puder. Se algum amigo referir-se ao meu nome perante o senhor, responda com sobriedade, alimentando a lembrança que se queira guardar de mim.

No mais, escreva-me sempre, sem se importar se respondo prontamente ou não. Espere mais do meu coração do que de minhas cartas.

Adeus, meu caro Thieriot; goste de mim apesar de minha ausência e má sorte.

Em 1728 Voltaire retorna a Paris. Dois anos depois, escreve um poema indignado contra a Igreja, que recusara sepultura cristã à atriz Adrienne Lecouvreur. Em 1731 publica História de Carlos XII, solidamente documentada. No ano seguinte, triunfa com Zaïre e depois é novamente obrigado a deixar a cidade. Refugia-se em Cirey, no castelo da sra. du Châtelet, descrito como de “uma solidão apavorante”, onde os dois se dedicam a experimentos científicos.

AO SR. THIERIOT

1º de junho de 1731

Escrevo-lhe com uma das mãos pela febre debilitada
Com o caráter sempre firme, e desdenhando a morte,
Livre de preconceitos, sem laços, sem pátria,
Sem respeito pelos grandes, e sem medo do destino,
Paciente com meus males e alegre com minhas tiradas,
Zombando de todo orgulho tolo
Com um pé sempre no túmulo,
E o outro esperneando.

É o estado em que me encontro, moribundo e tranquilo. Se alguma coisa, porém, altera a calma de meu espírito, podendo agravar os sofrimentos de meu corpo, que com certeza continuam intensos, é a nova injustiça que venho sofrendo na França, segundo me disseram. Como se lembra, há

cerca de um mês mandei-lhe alguns versos sobre a morte da srta. Lecouvreur, carregados da justa dor que ainda sinto por sua perda e de uma indignação talvez viva demais, após seu enterro, mas indignação desculpável em alguém que foi seu admirador, amigo, amante e, além de tudo, é poeta. Sou muito grato pela sensata descrição que demonstrou ao não distribuir cópias, mas dizem que foi levado a comentar com pessoas cuja indiscrição o traiu, que censuraram principalmente os trechos mais fortes, que esses trechos foram envenenados, que chegaram ao Ministério, e que não seria seguro eu voltar à França, onde no entanto os negócios me chamam. ...

AO SR. BROSSETTE

Paris, 14 de abril de 1732

Sinto-me lisonjeado por agradar a um homem como o senhor, porém ainda mais pela bondade que teve em fazer correções tão criteriosas na *História de Carlos XII*.

Não sei de nada tão honroso para as obras do sr. Despréaux [Boileau] quanto o fato de terem sido comentadas pelo senhor e lidas por Carlos XII. Tem razão em dizer que o tempero de suas sátiras não poderia ser sentido por um herói vândalo, bem mais ocupado com a humilhação do czar e do rei da Polônia que com a de Chapelain e de Cottin.¹⁴

Quanto a mim, quando disse que as sátiras de Boileau não eram suas melhores peças, não pretendi com isso que fossem ruins! A primeira fase desse grande autor é bem inferior, na verdade, à segunda; mas muito superior à de todos os seus contemporâneos, à exceção do sr. Racine. Vejo esses grandes homens como os únicos que descreveram corretamente o seu tempo, empregando sempre cores vivas e copiando fielmente o que viam. O que sempre me encantou no estilo de ambos é que disseram o que pretendiam, sem nunca prejudicar, com seus pensamentos, a harmonia ou a pureza da linguagem. O falecido sr. de La Motte, que escrevia prosa bem, deixava de se exprimir em francês quando produzia versos. As tragédias de todos os nossos autores, desde o sr. Racine, são escritas num estilo frio e bárbaro; do mesmo modo La Motte e seus consortes faziam tudo o que podiam para denegrir Despréaux, ao qual não podiam se igualar.

Ainda restam, pelo que ouço dizer, alguns *bels esprits* subalternos que passam a vida nos cafés e tratam a memória do sr. Despréaux do mesmo modo que Chapelain, em vida, tratava seus próprios escritos. Criticam os textos do sr. Despréaux porque sentem que, se ele os tivesse conhecido, os teria desprezado, como bem merecem. E muito me desagradaria esses senhores acharem que penso como eles, pois faço grande distinção entre suas primeiras sátiras e seus outros trabalhos. Concordo plenamente com o senhor com relação à nona sátira, que é uma obra-prima e da qual a *Epístola às musas* do sr. Rousseau¹⁵ é mera imitação. Ser-lhe-ei imensamente grato se me enviar a nova edição dos trabalhos do nosso grande homem, que bem merecem um comentador como o senhor. Caso também aceite dar-me o prazer de enviar-me a edição de Lyon da *História de Carlos XII*, ficarei muito feliz de possuir um exemplar e não deixarei de mandar corrigir na primeira edição o que o senhor houver por bem mudar nesta. Gabo-me sobretudo de que não deixaram de seguir exatamente a última errata tornada pública e que pedi para inserirem no *Mercure* de fevereiro. Tenho a honra de ser, com toda a estima que o senhor merece, seu muito humilde etc.

AO SR. DE FORMONT

Paris [6 de dezembro de 1732?]

Há mil anos, meu caro Formont, não lhe escrevo; e isso me aborrece mais do que ao senhor. Em sua última carta, deu-me excelentes conselhos sobre *Zaïre*. Sou ingrato sob todos os aspectos. Passei dois meses sem lhe agradecer e não usufruí de sua bondade. Deveria ter empregado uma parte do tempo escrevendo-lhe e a outra corrigindo *Zaïre*. Mas perdi-o totalmente de vista em Fontainebleau, promovendo disputas entre as atrizes para os papéis principais e entre a rainha e as princesas, na encenação de comédias. Formaram-se grandes facções por bagatelas e intrigas por ninharias. Nos intervalos entre as frivolidades, me distraí lendo Newton, em vez de retocar nossa *Zaïre*. Estou afinal decidido a publicar *Cartas inglesas*; por isso fui obrigado a reler Newton, pois não posso me permitir falar de tão grande homem sem conhecê-lo bem. Reestruturei inteiramente as cartas em que o citava e ousei fazer um pequeno resumo de toda a sua filosofia.¹⁶ Escrevo sua história e a de

Descartes. Abordo, em poucas palavras, as belas descobertas e os inumeráveis enganos do nosso René. Ousei sustentar o sistema de Isaac, e acho que o demonstrei, em quatro ou cinco cartas, que trato de tornar agradáveis e interessantes, na medida em que o assunto permite.

Fui obrigado a mudar tudo que escrevera com relação ao sr. Locke, porque, afinal de contas, pretendo morar na França, onde não se pode ser tão filósofo quanto um inglês. Preciso, em Paris, sussurrar o que, em Londres, só não se pode dizer alto demais. Essa maldita prudência, necessária, me fez riscar não poucas passagens de que gostava, sobre os quakers e os presbiterianos. Meu coração sangra, Thieriot sofrerá com isso,¹⁷ e o senhor há de lamentar essas passagens. Eu também, mas

Non me fata meis patiuntur scribere nugas

*Auspiciis et sponte mea componere cartas.*¹⁸

Li para o cardeal de Fleury duas cartas sobre os quakers, das quais tive o grande cuidado de eliminar tudo o que pudesse constranger sua devota e sábia Eminência. Achou bastante interessante o que restou, mas o coitado não sabe tudo que perdeu. Espero enviar ao senhor meu manuscrito assim que tiver explicado Newton e obscurecido Locke. O senhor me parece desejar também certas peças fugidias, das quais o abade de Sade lhe falou. Vou lhe enviar todo o meu estoque e ao sr. de Cideville, como presente de ano-novo. Mas não será sem esperar algo em troca. Sei muito bem, seu bandido, que escreveu à srta. de Launay¹⁹ uma dessas encantadoras cartas em que alia graça e razão, e que cobrirá de rosas sua reputação de filósofo. Caso partilhasse conosco tais privilégios, estaria fazendo uma boa coisa e eu me veria pago, com usura, pelo que lhe destino. Nossa baronesa²⁰ lhe manda lembranças. Todos o queremos aqui. Deveria, de fato, reassumir seu apartamento na casa dos srs. des Alleurs, e passar o inverno em Paris. Talvez me fizesse criar alguma nova tragédia. Adeus, suplico ao sr. de Cideville que lhe diga o quanto o estimo e rogo ao sr. de Formont que convença o sr. de Cideville de minha terna amizade.

Adeus: não me sentirei feliz enquanto não puder passar minha vida com ambos. Mil cumprimentos aos srs. de Bourgtroulde e Brevedent.

AO SR. DE FORMONT

[c. 1^o de junho de 1733]

... Por mais que digam que este século é *philosophe*, não se venderam nem duzentos exemplares do livrinho do sr. de Maupertuis, cujo tema é a força gravitacional; e se há tanto descaso por um trabalho escrito por mão de mestre, o que dizer dos tíbios ensaios de um aprendiz como eu? Felizmente tratei de amenizar a aridez dessas matérias e de adaptá-las ao gosto da nação. Aconselhar-me-ia o senhor acrescentar ainda algumas pequenas reflexões extraídas dos *Pensamentos* de Pascal? Há muito tenho ganas de combater esse gigante. Não há guerreiro, por mais armado, que não apresente alguma falha da couraça; e confesso que se eu puder, com toda a minha fraqueza, dar algumas pancadas em quem venceu tantos rivais, e abalar o jugo com que ele os esmagou, ousaria dizer com Lucrécio:

*Quare superstitio pedibus subjecta vicissim
obteritur, nos exaequat victoria coelo.*²¹

De resto, agirei com precaução, criticando apenas as passagens não muito ligadas à nossa santa religião, uma vez que não se pode dilacerar a pena de Pascal sem sangrar o cristianismo.

AO SR. DE CIDEVILLE

[1^o de julho de 1733]

Acabo, querido amigo, de enviar ao diligente, porém bastante ausente, Jore, uma vigésima quinta *Carta*, contendo uma pequena discussão que tomo a liberdade de travar contra Pascal. O projeto é ousado, mas esse misantropo cristão, por mais sublime que seja, quando está errado não passa de um homem como outro qualquer; e muito amiúde acho que está errado. Não é contra o autor das *Provinciales* que escrevo; é contra o autor dos *Pensamentos*, onde me parece que ataca a humanidade muito mais cruelmente do que atacou os jesuítas. Se todos os homens se assemelhassem ao senhor, meu caro Cideville, o sr. Pascal não teria falado tão mal da natureza humana. A meu ver, o senhor a torna respeitável e amável, tanto quanto ele a imagina odiosa. Estou bem aborrecido contra esse carola satírico que me impede de retocar *Mademoiselle du Guesclin* e de terminar minha ópera. Não sei se mais vale a pena escrever uma boa ópera, bem-musicada, ou ter razão contra Pascal. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

[26 de julho de 1733]

... Há momentos em que podemos impunemente fazer as coisas mais ousadas; existem outros em que o que há de mais simples e de mais inocente se torna perigoso e até criminoso. Existe algo mais forte do que as *Cartas persas*? Algum livro em que se tenha tratado o governo e a religião com menos deferência? No entanto, não produziu outra coisa a não ser abrir as portas para o autor da trupe intitulada Academia Francesa. Saint-Évremond passou a vida no exílio por uma carta que não passava de mera brincadeira. La Fontaine viveu tranquilamente sob um governo carola. Morreu, na verdade, como um tolo, mas, pelo menos, nos braços de amigos. Ovídio foi exilado e morreu na terra dos citas. Não há senão sorte e desdita neste mundo. Tratarei de viver em Paris como La Fontaine, de morrer menos tolamente que ele, e de não ser exilado como Ovídio. ...

AO SR. DE FORMONT

[c. 15 de agosto de 1733]

Amável filósofo, a quem se permite ser preguiçoso, abandone um pouco sua doce nobreza e não dê ao capelão Linant o perigoso exemplo de uma ociosidade que não foi feita para ele. Eu o invejo, mas há de convir que o que é virtude num homem torna-se vício noutro.

Reli as explanações de Clarke, Malebranche e Locke. Quanto mais releio, mais confirmo minha opinião de que Clarke é o melhor sofista que já houve, Malebranche o mais sutil e Locke o mais sábio. O que este último não viu com clareza, receio jamais ver. É o único, acho, que nada pressupõe sobre o que está em questão. Malebranche começa por estabelecer o pecado original, e é de onde parte metade de sua obra. Em seguida, supõe que os sentidos são sempre enganadores, e daí parte a outra metade.

Clarke, em seu segundo capítulo sobre a existência de Deus, acredita ter demonstrado que a matéria não existe necessariamente, e isso sob o raciocínio único de que, se o todo existisse por necessidade, cada parte existiria pela mesma necessidade. Ele nega a premissa menor e, fazendo isso, acredita ter tudo provado. Desafortunadamente, porém, depois de o

ler com atenção, permaneço sem convicção neste ponto. Confirme, por favor, se tais provas lhe causaram mais efeito do que em mim.

Lembro que me escreveu, há algum tempo, que Locke foi o primeiro a ousar dizer que Deus pode comunicar pensamento à matéria. Hobbes o dissera antes, e imagino que haja, no *De natura deorum*, algo similar.

Quanto mais viro e reviro essa ideia, mais ela me parece verdadeira. Seria absurdo asseverar que a matéria pensa, mas igualmente absurdo é asseverar ser isto impossível. Pois, para sustentar uma ou outra dessas asserções, seria necessário conhecer a essência da matéria, e estamos bem longe de poder imaginar suas verdadeiras propriedades. Além disso, essa ideia está tão de acordo como qualquer outra com o sistema do cristianismo, pois a imortalidade pode estar ligada tanto à matéria, que não conhecemos, quanto ao espírito, que conhecemos menos ainda.

AO SR. DE CIDEVILLE

[26 de setembro de 1733]

Gosto muito de Linant, pelo senhor e por ele próprio. Porém, falando seriamente, nada garante que ele tenha um desses talentos marcantes, sem o que a poesia é um ofício bastante cruel. Ele será muito infeliz, caso possua apenas um pouco de talento e toda essa indolência. Exorte-o a trabalhar e a se instruir com coisas úteis, seja qual for o partido que abrace. Ele quer ser preceptor e mal sabe latim. Se o aprecia tanto, meu caro Cideville, evite estragar, com excesso de elogios e lisonjas, um rapaz que, dentre suas necessidades, deve incluir a de trabalhar muito e permanentemente, pois o tempo perdido não volta mais. Se ele contasse com algum patrimônio, meus conselhos seriam outros; ou melhor, não daria absolutamente nenhum. Mas há uma diferença tão imensa entre quem tem fortuna própria e quem precisa ainda fazê-la, que devem ambos ser tratados como criaturas de espécies diferentes. *Vale amice.*

AO SR. DE CIDEVILLE

[2 de outubro de 1733]

... O padre Linant, ou melhor, Linant, que não é mais padre, acaba de chegar, sempre a falar do senhor. Precisar-se-á de tempo para recobrar o hábito da vida inquieta e tumultuosa de Paris, depois de gozar da doce tranquilidade da sua casa. Está bem desconfortavelmente alojado aqui, mas não é culpa minha, foi o que ele quis. Ao chegar, encontrou um companheiro que lhe apresentei e com o qual, creio, estará bem. É um rapaz chamado Lefebvre, que também faz versos harmoniosos e que nasceu, como Linant, poeta e pobre. Gostaria que minha fortuna fosse honesta o bastante para lhes tornar a vida mais agradável, mas não possuindo riqueza alguma a compartilhar, conceder-me-ão que compartilhem a pobreza. Não sou como a maioria dos parisienses: preferi amigos em vez do supérfluo e um homem de letras no lugar de um bom cozinheiro ou dois cavalos de carruagem. Mas há sempre o necessário para os outros, quando se sabe economizar consigo mesmo. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

Paris, 27 de outubro de 1733

... Ainda não sei que fruto Linant terá colhido de sua companhia e de seus conselhos, não vi por ora qualquer mostra disso. Há dois anos iniciei-o na comédia, a pretexto de que produziria uma peça. Forneci também um tema no lugar de seu *Sabinus*, que não era absolutamente teatral. Ele se limitou a transcrever o plano que lhe dei. Lamento por ele se não trabalha; pois sendo, ao que me parece, algo orgulhoso e paupérrimo, se ainda por cima for preguiçoso e ignorante, só pode esperar um futuro bem miserável. Teve a inabilidade de brigar com todos em minha casa; o que acarreta – sei por conta própria – muita contrariedade na vida. O administrador de meus bens e sua mulher queixaram-se muito dele. Reconciliei-os, mas já estão de novo brigados e, aparentemente, em definitivo. O que me aborrece bastante, visto que Linant sofre com isso. Apesar de todos os meus cuidados, não posso impedir as mil rixazinhas que algumas pessoas, nem sempre meus empregados, provocam à minha revelia. Conto-lhe esses pequenos detalhes porque gosto dele, assim como do senhor. Estou certo de que poderá lhe dar conselhos proveitosos, pois receio que, até agora, só lhe tenha proporcionado amor-próprio. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

[27 de dezembro de 1733]

... A inteligência, quando por um bom tempo submetida às letras, a elas se rende sem custo e sem esforço, assim como fluentemente se fala a língua com que se convive e como a mão do músico passeia infatigável sobre as teclas de um cravo. É com tino e bom gosto que Linant se torna inútil aos outros e a si mesmo. Sua vista não lhe permite, diz ele, escrever, e a gagueira o impede de ler para os outros. Qual é a serventia dele, então, e o que fazer por ele, se ele próprio nada faz? Seu infortúnio consiste em possuir uma inteligência superior à que sua situação pressupõe.

O senhor é responsável, perante Deus, por pretender fazer dele um homem mundano; lançou-o num ritmo que ele não consegue manter, deu-lhe uma vaidade que não se justifica e será sua perdição. Ele teria razão se contasse com dez mil libras de renda mas, nada tendo, está errado. ...

AO SR. DE LA CONDAMINE

22 de junho de 1734

Se a Grande Câmara fosse composta de filósofos excelentes, eu ficaria bem aborrecido com a condenação,²² mas penso que os veneráveis magistrados entendem muito mediocrementemente de Newton e de Locke. Nem por isso são menos respeitáveis para mim.

Minha carta sobre Locke resume-se no seguinte: a razão humana é incapaz de demonstrar a impossibilidade de Deus acrescentar pensamento à matéria. Essa proposição é, creio, tão verdadeira quanto esta: triângulos de mesma base e mesma altura são iguais.

No que se refere a Pascal, o ponto central da questão visivelmente passa pelo problema de a razão humana bastar ou não para provar duas naturezas no homem. Sei que Platão teve essa ideia e que é uma ideia filosófica. Posso acreditar no pecado original revelado pela religião, mas não nos andróginos citados por Platão. As misérias da vida, filosoficamente falando, não provam a queda do homem, assim como as misérias de um cavalo de fiacre não provam que os cavalos de fiacre fossem antigamente todos grandes e gordos, e que jamais recebessem chibatadas.

Em breve verá a sra. du Châtelet; a amizade com que ela me honra se mantém sem falhas em qualquer situação. Tem uma inteligência digna das do senhor e do sr. de Maupertuis e seu coração é digno da sua inteligência. E ela ajuda os amigos com a mesma vivacidade com que aprendeu línguas e geometria: depois de prestar todos os serviços imagináveis, acha nada ter feito; e com a percepção e esclarecimento que tem, acha nada saber, ignorando inclusive possuir tanta percepção. ...

AO SR. DE FORMONT

13 de fevereiro [de 1735]

... Se Carlos XII não fosse extremamente grande, desgraçado e louco, eu não falaria dele. Sempre tive vontade de fazer uma história do século de Luís XIV, mas a do rei, sem o seu século, parece-me muito insípida.

O padre La Bletterie, escrevendo a vida de Juliano [o Apóstata], fez desse grande homem um supersticioso. ... Não é cabível um padre escrever sua história; cumpre ser alguém desprendido em tudo e um padre não o é em nada.

Chego quase a preferir a história das borboletas e das lagartas que o sr. de Réaumur nos proporcionou à história dos homens com que nos aborrecem todos os dias. Aliás, estou num país em que há bem menos homens do que lagartas. Há muito tempo nada vejo que se assemelhe à espécie humana e começo a esquecer esses animais. Com raríssimas exceções, encabeçando as quais se encontra o senhor, não faço grande caso de meus confrades humanos. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

12 [de abril de 1735]

... A única saída para Linant é tornar-se preceptor, o que também é difícil, considerando sua gagueira, vista fraca e também a pouca intimidade que tem com a língua latina. Espero, no entanto, colocá-lo junto ao filho da sra. du Châtelet, mas será necessário que se comporte um pouco melhor em sua casa do que em minha cabana. E, sobretudo, que não se ache tão extraordinário pela peça de teatro que pensou ter escrito. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

[16 de abril de 1735]

É verdade, meu caro amigo, não lhe agradei ainda pela adorável coletânea que me deu. Acabo de lê-la com um prazer renovado. Como aprecio a ingenuidade de suas descrições! E o que espalha sobre tudo isso um encanto inexprimível é o fato de tudo ser conduzido pelo coração. É sempre amor ou amizade o que o senhor inspira. É uma espécie de profanação que faço comigo não lhe escrever senão em prosa, depois dos belos exemplos que me deu. Porém, caro amigo,

*Carmina secessum scribentis et otia quaerunt.*²³

Não consigo ter paz de espírito; vivo distraído desde que voltei a Paris: *tendunt extorquere poemata*;²⁴ minhas ideias poéticas escapam-me. Os negócios e os deveres me afligem; será preciso um passeio a Rouen para que me reanime.

Os versos saíram da moda em Paris. Toda gente se arvora em geômetra e físico. Todos são cientistas. O sentimento, a imaginação e a graça foram banidos. Um homem que vivesse sob Luís XIV e que voltasse ao mundo não reconheceria mais os franceses, acreditaria que os alemães tomaram este país. As letras perecem a olhos vistos. Não que o culto da filosofia me aborreça, mas não gostaria que se tornasse tirânica e excluísse todo o resto. Na França, as modas se sucedem e todas passam. Mas arte alguma, ciência alguma deve se resumir à moda. Todas precisam se articular entre elas e serem todas incessantemente cultuadas.

Longe de mim querer pagar tributo à moda; procuro passar de uma experiência em física a uma ópera ou a uma comédia, e que meu gosto jamais seja embotado pelo estudo. São as suas maneiras, meu caro Cideville, que sempre sustentarão as minhas; mas seria preciso vê-lo mais, passar alguns meses em sua companhia; e nosso destino nos separa, quando tudo deveria nos reunir. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

[29 de abril de 1735]

Por ora Linant conta apenas com a palavra da sra. du Châtelet. ... Em todo caso, vai aprendendo a escrever. Já sabia improvisar bons versos, mas, para começar, cumpre saber escrevê-los. ...

Será muito vantajoso para ele passar pelo menos um ano no campo com a sra. du Châtelet, ocupando-se de uma criança que não exige grande assiduidade. Terá tempo para trabalhar e se instruir. Uma coisa bem engraçada é que a mãe conhece melhor o latim do que Linant, e será ela a supervisora do preceptor. ...

AO SR. DESFORGES-MAILLARD

[*c. junho de 1735?*]

Caso me seja permitido, senhor, ousar acrescentar alguns conselhos aos agradecimentos que lhe devo, tomarei a liberdade de pedir que veja a poesia como um entretenimento que não deveria desviá-lo de ocupações mais úteis. O senhor parece possuir um espírito capacitado tanto para tarefas consistentes quanto para aquelas prazerosas. Caso ocupe sua juventude apenas com o estudo dos poetas, esteja certo de que se arrependerá em idade mais avançada. Se porventura possuir uma fortuna à altura de seu mérito, meu conselho é que a aproveite de forma digna; e, nesse caso, a poesia, a eloquência, a história e a filosofia serão suas distrações. Caso sua fortuna esteja abaixo do que merece e do que almeja, procure melhorá-la; *primo vivere, deinde philosophari* ²⁵. O senhor se surpreenderá que um poeta lhe escreva assim, mas estimo a poesia apenas na medida em que ela é o ornamento da razão. ...

AO SR. DE FORMONT

Vassy-en-Champagne, 25 de junho [de 1735]

Pois é, meu filósofo, faz tempo que não nos vemos. Estive na corte de Lorena²⁶ e, como decerto imagina, não banquei o cortesão. Existe ali um estabelecimento admirável para as ciências, pouco conhecido e menos ainda frequentado. É uma grande sala toda equipada com as recentes experiências da física e, particularmente, com tudo que comprova o sistema newtoniano. Deve haver por volta de dez mil escudos em

máquinas de toda espécie. Um simples serralheiro, agora filósofo e enviado à Inglaterra pelo falecido rei Leopoldo, fabricou manualmente a maioria das máquinas e as domina com toda facilidade. Nada na França se compara a esse estabelecimento, sendo o único ponto em comum a negligência com que é encarado pela pequena corte de Lorena. O destino dos príncipes e dos cortesãos é ter junto a si o que há de melhor e não saber reconhecer. São cegos em plena galeria de arte. Em qualquer corte que se vá encontra-se Versalhes. É preciso, no entanto, dizer que a sra. de Richelieu criou um curso de física nessa sala das máquinas. Tornando-se uma newtoniana assaz competente, deixou pouco à vontade, publicamente, certo jesuíta que não sabia senão palavras e teve o desplante de tagarelar contra os fatos e contra a inteligência. Ele e toda a sua eloquência foram vaiados, sendo a sra. de Richelieu ainda mais admirada, por ser mulher e por ser duquesa. ...

AO SR. THIERIOT, EM PARIS

[c. 15 de julho de 1735]

... Quando lhe pedi historietas sobre o século de Luís XIV, era menos sobre a pessoa do rei do que sobre as artes que floresceram naquela época. Apreciaria detalhes sobre Racine e Despréaux, sobre Quinault, Lully, Molière, Lebrun, Bossuet, Poussin, Descartes etc. mais do que sobre a batalha de Steinkerque. Nada mais resta senão os nomes daqueles que conduziram batalhões e esquadras; em nada contribuem com o gênero humano com batalhas travadas; mas os grandes homens a que me refiro prepararam prazeres puros e duradouros, mesmo para os que nem ainda nasceram. Uma eclusa do canal que une os dois mares, um quadro de Poussin, uma bela tragédia, uma verdadeira descoberta são coisas mil vezes mais preciosas que todos os anais cortesãos, todos os relatórios de campanhas de guerra. O senhor sabe que, para mim, os grandes homens são os que se distinguiram no útil ou no agradável. Os saqueadores de províncias não passam de heróis. Nesse sentido, lhe envio a carta de alguém que é meio herói e meio grande homem, e que fiquei espantado de receber. Sabe que não pretendi a gratidão de ninguém ao escrever a *História de Carlos II*, mas reconheço-me tão sensível aos agradecimentos do cardeal Alberoni quanto ele próprio diante do merecido afago que lhe

faço no livro. Aparentemente ele leu a tradução italiana que se publicou em Veneza. Não ficarei aborrecido se o sr. ministro da Justiça tiver conhecimento dessa carta, e saiba que, embora perseguido em minha pátria, gozo de certa consideração nos países estrangeiros. Ele faz tudo o que pode para que eu não seja profeta em minha terra.

Continue, por favor, a cortejar-me junto às pessoas de bem que porventura se lembrem de mim. Gostaria muito que Pollion de la Popelinière,²⁷ me visse como os estrangeiros me veem, mais do que como os franceses.

Disseram-me que *Retrato* foi impresso. Estou certo de que as calúnias de que está repleto terão crédito por algum tempo, e mais certo ainda de que o tempo as destruirá.

Adeus, abraço-o com carinho. O tempo jamais destruirá minha amizade pelo senhor.

AO SR. THIERIOT

[c. 15 de agosto de 1735]

Envio-lhe, caro amigo, minha resposta ao cardeal Alberoni; faça de sua carta e da minha o uso que lhe parecer mais conveniente *ad majorem rei litterariae gloriam*.²⁸ Provavelmente não ouviu falar de um certo *Júlio César*, que foi muito bem apresentado, dizem, no colégio d'Harcourt.²⁹ É uma tragédia de minha lavra, cujo manuscrito não sei se possui. Como vê, não passo de um poeta de colégio. Abandonei dois teatros que estão tomados por cabalas: o da Comédie-Française e o do mundo. Vivo feliz em um refúgio encantador, aborrecido apenas por estar longe do senhor. Penso que ambos estamos satisfeitos com nossos destinos. Enquanto bebe champanhe com Pollion de la Popelinière, assiste a belos concertos italianos, vê novas peças e está no turbilhão do mundo, das letras e dos prazeres, eu saboreio, na mais pura paz e no mais atarefado ócio, as doçuras da amizade e do estudo com uma mulher única em sua espécie: lê Ovídio e Euclides, tendo a imaginação de um e a exatidão do outro. Diariamente dou uma pincelada nesse belo século de Luís XIV, do qual pretendo ser o pintor e não o historiador. A poesia e a filosofia divertem-me nos intervalos. Corrigi essa *Morte de Júlio César* e gostaria muito que a visse.

Envaidece-me achar que encontrará nela alguns versos semelhantes aos que fazíamos há sessenta anos.

Lembre-se de me comunicar, caso desavisadamente esbarre em alguma boa anedota sobre a história das artes. Tudo que caracteriza o século de Luís XIV me interessa e é digno de sua atenção.

Que história é essa de um novo *Retrato* que fazem de mim? Todos atribuem o primeiro ao jovem conde de Charost. Não consigo acreditar que um jovem senhor que jamais me viu tenha podido fazer aquela sátira; mas o nome do sr. de Charost, colocado no alto desse pequeno texto, confirma minha suspeita de o trabalho ser de um jovem padre de La Maré, que deve frequentar o sr. de Charost. É um jovem poeta muito vivo e pouco sensato. Fiz-lhe todas as gentilezas a meu alcance, recebi-o o melhor que pude, cheguei a encarregar Demoulin de lhe prestar os serviços mais essenciais. Se foi quem me caluniou, deve pertencer à linhagem dos letrados ingratos. Essa espécie abunda, desonrando a literatura e o espírito; mas paro por aqui, pois não se deve acusar ninguém sem prova. Além do mais, na felicidade em que me encontro, minha primeira satisfação é esquecer as injúrias.

Envie-me notícias, caro amigo, se forem dignas de serem conhecidas. O balé de Rameau se apresenta? A srta. Sallé dança? Há novos prazeres em Paris? Acima de tudo, como vai sua saúde? Recebi uma bela espístola do seu amigo. Realmente...

AO SR. BERGER

Cirey, 24 de agosto de 1735

... Diga-me então se o grande músico Rameau é também *maximus in minimus*,³⁰ pois da sublimidade de sua grande música ele desce com sucesso à ingênua graça do balé. Gosto das pessoas que conseguem abandonar o sublime para se divertir. Se pudesse dizer que Newton escreveu vaudevilles, gostaria ainda mais dele. Quem possui um só talento pode ser um grande gênio; quem possui vários é mais agradável. Tudo indica que foi por humildemente ir de uma extremidade a outra que me gravaram ao lado do sr. de Fontenelle.³¹ ...

AO SR. DE FORMONT

Cirey, 15 de novembro [de 1735]

... Sei que é da essência de um jesuíta ser mau filósofo; são pessoas a quem se ditam, quando têm quinze ou vinte anos de idade, palavras que eles em seguida tomam por ideias. Não sei se Locke tem razão, mas é o que parece. Por mais que se procure, não vejo como se possa um dia provar que a matéria não pode pensar; mas, afinal de contas, o que importa, uma vez que pensemos bem, isto é, que pensemos de maneira a nos fazer felizes? Sintome bem, sendo matéria, com sensações e ideias agradáveis. ...

AO SR. ABADE D'OLIVET

Cirey, 30 de novembro de 1735

... O senhor sabe que há vinte anos lhe disse que jamais pertenceria a uma academia. Nada quero neste mundo a não ser o prazer e, além disso, vejo que tais academias oprimem o talento ao invés de incentivá-lo. Não surgiu um só grande pintor desde que temos uma academia de pintura; um só grande filósofo formado pela Academia das Ciências. Sem falar da de Letras. A razão da esterilidade nesses terrenos tão cultivados, acho eu, é que todo acadêmico, considerando seus confrades e por mais que estes tenham razão, acha-os muito pequenos, julgando-se muito grande em comparação, por menos exagerado que seja seu amor-próprio. Danchet acha-se superior a Mallet, e isso lhe basta para que se julgue o cúmulo da perfeição. O pequeno Coypel pensa valer mais que Detroy o jovem, e se imagina um Rafael. Homero e Platão não pertenciam, creio, a nenhuma academia. Cícero de modo algum e tampouco Virgílio. Adeus, padre querido; embora seja acadêmico, gosto do senhor e o estimo de todo o coração. Seria digno de não sê-lo. *Vale, et me ama.*³²

AO SR. THIERIOT

28 de dezembro [de 1735]

Nunca falei, meu caro amigo, do abade Prévost senão para lastimar sua tonsura, suas obrigações de monge, vergonhosas para a humanidade, e por faltar-lhe fortuna. Se acrescentei algo ao que dele li, certamente foi por desejar que tivesse escrito tragédias, pois parece-me que a linguagem das paixões é a sua língua natural. Faço grande distinção entre ele e o padre Desfontaines,³³ que só sabe falar de livros, é apenas um autor, e inclusive bastante medíocre; o outro é um homem. Vê-se pelos textos de ambos a diversidade de seus corações; e pode-se apostar, lendo-os, que um só teve casos com meninos, e que o outro é um homem feito para o amor. Caso possa prestar um serviço ao abade Prévost, do fundo de meu refúgio, não há o que não fizesse, e se, por felicidade, eu conseguir voltar a Cirey em segurança, tentarei atraí-lo para lá. ...

Encontro-me atualmente na fronteira da França, com um carro de posta, cavalos de sela e amigos, prestes a ganhar o caminho da liberdade, caso não me seja mais permitido retomar o da felicidade. ...

AO SR. CONDE DE ARGENTAL

4 de janeiro de 1736

... Se há um lado respeitável e surpreendente em nossa religião, é o perdão das injúrias, que aliás é sempre heroico, não sendo simples efeito do medo. Um homem que tem a vingança em suas mãos e perdoa passa por herói em toda parte; e quando esse heroísmo é consagrado pela religião, ele se torna um herói venerado pelo povo, que vê nessas ações de clemência algo de divino. ... Brincadeiras à parte, estou persuadido de que a religião toca as pessoas mais no teatro, quando escorada em belos versos, do que na igreja, amparada num mau latim. As pessoas de bem para as quais li a peça chamaram o bom e velho Lusignan de capuchinho, e a grande maioria derramou-se em lágrimas durante a encenação. Em suma, o lado comovente sempre prevalecerá sobre o restante, no espírito da massa. ...

Apesar disso, não pode imaginar o quanto a proximidade do perigo aumenta minha covardia. É verdade que estou a cinquenta léguas, mas o som das vaias avança a mais de dez léguas por minuto.

Se a peça fracassar, farei o que puder para não morrer de desgosto.

Pois tal é a injustiça dos homens: punem como crime a vontade de agradar, quando essa vontade não tem êxito.

AO SR. ABADE D'OLIVET

Cirey, 6 de janeiro de 1736

... Com que diabos teve a coragem de elogiar as frases hiperbólicas e os versos pomposos de Balzac³⁴? Todos os dias Voiture³⁵ vai ao chão, e não se levantará de jeito algum; não existem senão três ou quatro pecinhas em versos que ainda o sustentam. A prosa é digna do cavaleiro de Her³⁶ e o senhor elogia o charme do estilo que é o mais afetado e ridiculamente rebuscado! Deixe de lado essas asneiras; são enfeites e maquiagem no rosto de uma boneca. Fale-me das *Lettres provinciales*. O quê! O senhor elogia Fénelon por ter variedade? Se houve algum homem com um só estilo, este homem é ele: é Telêmaco sempre. A suavidade, a harmonia, a pintura ingênua e sorridente das coisas comuns, eis sua característica; ele prodigaliza as flores da Antiguidade, que jamais fenecem em suas mãos; mas as flores são sempre as mesmas. Conheço poucos gênios ecléticos, tais como Pope, Addison, Maquiavel, Leibniz, Fontenelle. ...

Peço encarecidamente, ao senhor e aos seus, que nunca se sirvam desta frase: *nul style, nul goût dans la plupart*,³⁷ sem dignarse a colocar um verbo. Essa licença só é perdoável na pressa das paixões, que ignoram a marcha natural de uma língua; porém, num discurso meditado, esse estrangulamento me revolta. Nossos advogados é que puseram frases assim na moda. ...

Ainda uma palavrinha, por favor, sobre o estilo moderno. Esteja bem certo de que esses senhores não buscam frases novas senão por lhes faltarem ideias. Perdoe-os por sempre dançarem, porque não conseguem andar em linha reta. Adeus, se acontecer alguma coisa de nova na literatura, sacuda sua infame preguiça e escreva a seu amigo V.

AO SR. BERGER

Cirey [c. fevereiro de 1736]

... A respeito do sr. de Marivaux, eu ficaria bastante contrariado de contar entre meus inimigos um homem de seu caráter, e cuja inteligência e probidade estimo. Satisfeito, identifico o caráter filosófico, humano e independente de seus livros com meus próprios sentimentos. É verdade que preferiria que usasse um estilo menos rebuscado, aplicado a temas mais nobres, mas está longe de ser a ele que aludi, ao mencionar as comédias metafísicas.³⁸ Nessa expressão, eu incluía apenas aquelas em que atuam personagens alegóricos, mais apropriados ao poema épico e que ficam deslocados no palco, onde tudo deve ser retratado no natural. E este não é um defeito do sr. de Marivaux. Pelo contrário, minha crítica a ele seria por esmiuçar em demasiado as paixões e errar, às vezes, o caminho do coração, tomando desvios um tanto sinuosos. Aprecio tanto sua inteligência que gostaria que a desperdiçasse menos. Não é preciso, de modo algum, que um personagem de comédia pense ter inteligência, mas que seja agradável malgrado ele mesmo e sem julgar sê-lo. ...

AO SR. THIERIOT

Cirey, 26 de fevereiro [de 1736]

... Que ataquem minhas obras, nada tenho a responder; cabe a elas me defenderem, bem ou mal; mas que ataquem publicamente minha pessoa, minha honra, meus hábitos, em vinte libelos, de que a França e os países estrangeiros estão inundados, e eu permaneça em silêncio significa assumir minha vergonha. É preciso opor fatos à calúnia. ... Meus hábitos são diretamente opostos às infames imputações de meus inimigos. Fiz todo o bem que pude e nunca todo o mal que poderia causar. Os que cumulei de bondades e de favores permaneceram calados e a honradez, portanto, me obriga a falar (ou então que apareça alguém justo o bastante, e generoso, para falar em meu lugar). Por que seria permitido imprimir que enganei um livreiro e desviei subscrições, sem que eu demonstre a falsidade dessas acusações? Por que calar aqueles que a conhecem? ...

A FREDERICO, PRÍNCIPE REAL DA PRÚSSIA

*[c. 1º de setembro de 1736]*³⁹

Monsenhor, seria preciso ser insensível para não ficar infinitamente comovido com a carta com que Vossa Alteza real se dignou me honrar. Muito lisonjeou meu amor-próprio, mas o amor pelo gênero humano, que tenho no coração e, ousa dizer, forja o meu caráter, proporcionou-me prazer mil vezes mais puro, constatando haver no mundo um príncipe que pensa como homem, um príncipe-filósofo que fará as pessoas felizes.

Concedei-me dizer que não há um homem sobre a terra que não deva dar graças ao cuidado com que cultivais, através da sã filosofia, sua alma nascida para comandar. Vossa Alteza crê não existirem verdadeiramente bons reis senão aqueles que, para se instruir, começaram, como vós, por conhecer os homens, por amar a verdade, por abominar a perseguição e a superstição. Pensando desse modo, não há príncipe que não possa ressuscitar a idade de ouro em seus Estados. Por que tão poucos reis buscam tal prazer? Vós o percebeis, monsenhor: porque quase todos sonham mais com a realeza do que com a humanidade; e fazeis precisamente o oposto. Assegurai-vos que, se um dia o tumulto dos negócios e a maldade dos homens não alterarem tão divino caráter, sereis adorado por vossos povos e amado no mundo inteiro. Os filósofos dignos desse nome acorrerão a vossos Estados e, como os artesãos célebres se precipitam em massa ao país onde a arte é mais favorecida, todos os homens que pensam rodearão vosso trono.

A ilustre rainha Cristina trocou seu reinado pelas artes; reinai, monsenhor, e que as artes vos arrebatem.

Possai jamais enfastiar-vos das ciências em função das querelas dos cientistas!⁴⁰

Vede, monsenhor, pelas coisas que vos dignastes me informar, que os homens de ciência são como os próprios cortesãos, podendo ser ávidos e também intrigantes, também falsos, também cruéis. No que se refere a tais pragas, a maior diferença entre a corte e a Escola é que, nesta última, elas são mais ridículas.

É bem triste para a humanidade que aqueles que se dizem depositários dos mandamentos celestes e intérpretes da Divindade, em suma, os teólogos, sejam muitas vezes os mais perigosos de todos, tão perniciosos à sociedade quanto obscuros em suas ideias, com a alma se inflando de fel e de orgulho na mesma proporção em que se esvazia de verdades. Gostariam de abalar a terra com um sofisma e de incitar os reis

a vingarem a ferro e fogo a dignidade de algum argumento *in ferio* ou *in barbara*.⁴¹

Qualquer um que pense e não compartilhe de sua opinião é um ateu e os reis que lhes são favoráveis não serão condenados. Sabei, monsenhor, que o melhor a fazer é abandonar à própria sorte esses pretensos preceptores e reais inimigos do gênero humano. Suas palavras se perdem no ar como a brisa, mas quando o peso da autoridade intervém, formam um vendaval capaz de derrubar um trono.

Vejo com o júbilo de um coração cheio de amor pelo bem público, monsenhor, a imensa distância que estabeleceis entre os homens que em paz buscam a verdade e os que pretendem a guerra em nome de coisas que não entendem. Vejo que Newton, Leibniz, Bayle e Locke, essas almas tão elevadas, esclarecidas e sensíveis, nutrem vosso espírito e que rejeitais outros pretensos alimentos, envenenados ou sem substância.

Não saberia ser grato o bastante a Vossa Alteza real pela bondade do envio do livrinho sobre o sr. Wolf. Suas ideias metafísicas glorificam o espírito humano. São relâmpagos em meio à noite profunda, mas é tudo o que posso esperar da metafísica.⁴² Nada indica que os princípios primeiros das coisas sejam, algum dia, de fato conhecidos. Os camundongos que habitam pequenas tocas num imenso edifício não sabem se ele é eterno, nem qual a sua arquitetura e tampouco por que foi construído. Tratam apenas de conservar sua vida, povoar suas tocas e expulsar os predadores que os perseguem. Somos como camundongos e o divino arquiteto que construiu o universo ainda não revelou, que eu saiba, seu segredo a nenhum de nós. Mas se alguém pode conjecturar corretamente, este alguém é o sr. Wolf. Podemos combatê-lo, mas devemos estimá-lo: sua filosofia está longe de ser perniciosa. Haveria algo mais belo e verdadeiro do que dizer, como ele, que os homens devem ser justos, mesmo que, por infelicidade, sejam ateus? ...

A proteção que pareceis conceder, monsenhor, a este sábio homem, é prova da correção de vosso espírito e da humanidade de vossos sentimentos. ...

AO SR. BERGER

Cirey, 10 de setembro de 1736

Meu caro amigo, o senhor é o homem mais exato e essencial que conheço; eis um elogio que jamais convém omitir. Sou sensível tanto às suas preocupações quanto à sua exatidão.

Recebi uma carta deveras singular do príncipe real da Prússia. Enviar-lhe-ei uma cópia. Escreve-me como Juliano a Libânio.⁴³ É um príncipe, um filósofo e um homem, ou seja, coisa bem rara. Tem apenas vinte e quatro anos; despreza o trono e os prazeres, dedicando-se à ciência e à virtude. Convida-me para visitá-lo, acrescentando que não se devem trocar amigos por príncipes, e eu, então, permaneço em Cirey. Caso Gresset vá a Berlim, tudo indica que gosta menos de seus amigos do que eu. Enviei a Thieriot a resposta de Libânio a Juliano, e ele deve repassá-la ao senhor. Terá em breve o prefácio, ou melhor, a apresentação de Linant, já que nem o senhor nem Thieriot quiseram prefaciá-la *Henriade*. Continue, caro amigo, a escrever-me essas cartas encantadoras que valem bem mais que prefácios. Abrace por mim os Crébillon, os Bernard e os La Bruyère. Adeus.

AO SR. THIERIOT

Cirey, 27 de novembro de 1736

... As perseguições de um lado, e um novo convite do príncipe da Prússia e do duque de Holstein, de outro, finalmente me obrigam a partir. Em breve estarei em Berlim. Platão foi ao encontro de Dionísio, que seguramente não valia o príncipe da Prússia. Isto vem a calhar e o senhor será o agente do príncipe em Paris, o que tornará ainda mais vivo nosso comércio. ... Queira Deus que o frio não me mate em Berlim como matou Descartes em Estocolmo. ... Não deixe de dizer a todos os seus amigos que há muito minha viagem vinha sendo meditada. Ficaria bem contrariado se acreditassem haver repulsa por meu país nessa viagem que empreendo apenas para satisfazer uma justíssima curiosidade. ...

Após a publicação da notícia de sua viagem, Voltaire julga não estar em segurança em Cirey e parte para a Holanda.

À GAZETA DE AMSTERDAM

Haia, 20 de janeiro de 1737

O sr. de Voltaire, informado de que andam a distribuir, na França e em outros países, falsas edições de obras, peças rápidas, escritos filosóficos etc. de sua autoria, declara discordar de tudo que aparece com seu nome sem aprovação ou autorização real estampada.⁴⁴

AO SR. THIERIOT

Leyde, 28 de janeiro de 1737

... Após o consolo da amizade e da filosofia, o mais lisonjeiro que recebo é o das inexprimíveis bondades do príncipe real da Prússia. Fiquei muito contrariado com o fato de terem noticiado minha ida à Prússia e de o príncipe me haver enviado seu retrato etc. Vejo suas atenções como as de uma mulher bonita; devem ser saboreadas e caladas. Faça-o saber, meu caro amigo, que sou discreto e jamais me gabo dos carinhos de uma amante ...

AO SR. DE CIDEVILLE

[Amsterdam] 18 de fevereiro [de 1737]

Meu caro Cideville, recebi suas cartas, em que faz o coração se exprimir com tanta inteligência. Perdão, amigo, se demorei muito a responder. Passarei a odiar a filosofia, por me roubar a presteza que exige a amizade. O que ganho conhecendo a trajetória da luz e a gravidade de Saturno? São verdades estéreis; um sentimento está mil vezes acima disso. Esteja certo de que esse estudo, que tem me absorvido ultimamente, não empederniu meu coração, e de que os instrumentos de cálculo não me fizeram abandonar os da singela melodia. Bem melhor seria recitar em sua companhia,

Lentus in umbra,

*Formosam resorare docens Amaryllida sylvas,*⁴⁵

do que viajar pelo país das demonstrações. Porém, caro amigo, é preciso abrir a alma a todas as possibilidades. Foi uma chama que Deus nos

confiou e devemos alimentá-la com o que de mais precioso encontrarmos. É preciso fazer penetrar em nosso ser todas as formas imagináveis, abrir todas as portas da alma a todas as ciências e a todos os sentimentos; contanto que não entrem atropeladamente demais, haverá sempre lugar. Quero instruir-me e tê-lo como amigo; quero que seja newtoniano e compreenda tal filosofia como sabe estimar-me. ...

Não sei o que se pensa em Rouen e em Paris, e ignoro a razão por que insiste em falar de Rousseau.⁴⁶ É alguém que desprezo infinitamente como homem e que jamais apreciei como poeta. Sabe apenas rimar, sem nada apresentar de grandioso nem de delicado. Tem talento para o detalhe: é um operário, onde se espera um gênio. O senhor só pode ter se enganado, me aconselhando a elogiá-lo e a fazer agrados a pessoas a quem deveria mendigar o apoio. Tenha sentimentos mais elevados e dignos com relação à humanidade. Não pense, aliás, ser a França o único lugar em que se pode viver; é um país feito para mulheres jovens e pessoas voluptuosas, o país dos madrigais e dos pompons. Encontramos em outros lugares a razão, o talento etc. Considere o exemplo de Bayle, que não podia viver senão em um país livre. A seiva de sua árvore, tão auspiciosamente transplantada, teria se tornado estéril em seu país natal. ...

AO SR. HELVÉTIUS

[c. junho de 1738]

... Parece-me que, em todos os sistemas, Deus pode ter concedido ao homem a faculdade de escolher entre diferentes ideias, qualquer que seja a natureza dessas ideias. Confesso que, finalmente, após muito deambular por tais labirintos, meu fio tendo mil vezes se rompido, volto a dizer que o bem-estar da sociedade exige que o homem se julgue livre. Todos nos conduzimos segundo este princípio; e acho um tanto estranho admitir na prática o que rejeitamos especulativamente. Começo, caro amigo, a me preocupar mais com a felicidade na vida do que com uma verdade; e se, por infortúnio, a verdade for o fatalismo, não quero verdade tão cruel. Por que o Ser supremo, que me deu um entendimento incompreensível, não me daria também alguma liberdade? Todos nos sentimos livres. Teria Deus enganado a todos? São argumentos de comadres. Voltei ao sentimento, depois de me perder na razão. ...

Cirey, 20 de outubro de 1738

Embora em contato com Newton-Maupertuis e com Descartes-Mairan, isso não impede que Quintiliano-d'Olivet⁴⁷ more no meu coração. *Multae sunt mansiones in domo patris mei*,⁴⁸ e posso inclusive dizer, *in domo mea*. Passo a vida, padre querido, com uma dama que proporciona trabalho a trezentos operários, conhece Newton, Virgílio e Tasso, e não desdenha um carteadado. É o exemplo que tento seguir, embora distante. Confesso, caro mestre, não ver por que o estudo da física esmagaria o florilégio da poesia. Será a verdade tão desgraçada que não possa suportar os ornamentos? A arte de bem pensar, de falar com eloquência, de sentir vigorosamente e de assim se exprimir, seria tudo isso inimigo da filosofia? Não, sem dúvida esta é uma forma bárbara de se pensar. Malebranche, dizem, e Pascal possuíam o espírito aferrolhado contra os versos, coitados. Vejo-os, aliás, como pessoas de boa formação, mas padecendo da miséria de não terem algum dos cinco sentidos.

Sei que causei estranhamento e até ódio por me lançar através da poesia, passando a gostar de história, para acabar chegando à filosofia. Mas, faça-me o favor, o que fazia eu no colégio, quando o senhor teve a bondade de formar meu espírito? O que o senhor nos dava a ler e a decorar, a mim e aos outros? Poetas, historiadores e filósofos. É engraçado não exigirem mais de um espírito maduro o que exigiam no colégio, e que não ousem esperar de um espírito maduro as mesmas coisas que ele cultivou na infância.

Sei muito bem, e mais ainda pressinto, que a inteligência humana é bastante limitada, mas justamente por essa razão devemos estender as fronteiras desse pequeno Estado, combatendo o ócio e a ignorância natural com que nascemos. Não vou, um dia, fazer uma tragédia e experiências de física, *sed omnia tempus habent*,⁴⁹ e depois de passar três meses nos espinhos da matemática, fico à vontade para redescobrir as flores.

Considero inclusive muito ruim que o padre Castel tenha dito, num comentário aos *Elementos da filosofia de Newton*, que passei do frívolo ao sólido. Se ele soubesse o trabalho que demanda uma tragédia ou um poema épico, *si sciret donum Dei*,⁵⁰ não teria desperdiçado o comentário. A *Henriade* custou-me dez anos e os *Elementos da filosofia de Newton*,

seis meses. O pior é que não considero a *Henriade* concluída e ainda trabalho seus versos quando o deus que a inspirou ordena corrigir; pois, como sabe:

*Est deus in nobis; agitante calescimus illo.*⁵¹

E para provar que ainda cultuo esse deus, o sr. Thieriot deve fazê-lo ler *Mérove*, uma tragédia francesa ao meu estilo, na qual, sem amor e sem o socorro da religião, uma mãe preenche cinco atos inteiros. Peço que me dê seu parecer com relação a isso tão ingenuamente como deu para os *Ancestrais quiméricos* de [Jean-Baptiste] Rousseau.

Não apenas sei que me estima, mas também à glória das letras e do século. Está longe de se assemelhar ao grosso dos acadêmicos, sejam do *tripot* ou das Inscrições,⁵² que, nada tendo produzido, são inimigos mortais de qualquer indivíduo de gênio e de talento, fazendo de tudo para negar que, enquanto viviam, jamais a França teve um poeta épico. São capazes de elogiar Camões para me aviltar e me leem escondidos para, em público, silenciar sobre o que apreciam à revelia. Talvez *extinctus amabitur idem.*⁵³ O senhor encontra-se bem acima dessas covardes intrigas formadas por espíritos medíocres, incentivando o bastante as artes, com seus excelentes preceitos, para não querer bem a um homem por estes formado. Não sei por que me chama “pobre eremita”; se visse meu eremitério, deixaria de me lamentar. Não confunda o tonel de Diógenes com o palácio de Aristipo. Aqui, nossa filosofia primeira é desfrutar de todos os atrativos disponíveis. Poderíamos muito bem prescindir deles; mas também sabemos gozá-los, e talvez, caso viesse à Cirey, preferisse a doçura dessa temporada a todas as infames conspirações, à bandidagem das gazetas, às ciúmeiras, às querelas, às calúnias que infestam a literatura. Cabeças coroadas, padre querido, enviaram ao eremitério da sra. du Châtelet seus favoritos para admirá-la, e gostariam eles próprios de vir. Sua visita nos deixaria igualmente lisonjeados. O sábio nada fica a dever aos príncipes.

Adeus, não lhe escrevo de punho próprio, estou doente; abraço-o carinhosamente. Adeus, meu amigo e mestre.

AO SR. PADRE DUBOS

Cirey, 30 de outubro [de 1738]

Não é de hoje que me sinto ligado ao senhor pela mais forte estima e também o serei pela gratidão. Não repetirei que seus livros deveriam ser o breviário da gente de letras, sendo o senhor o escritor mais útil e escrupuloso que conheço. Sinto-me tão encantado ao constatar que é o mais obsequioso que esta última qualidade me faz esquecer as outras.

Há muito tempo venho reunindo algum material com vistas a traçar a história do século de Luís XIV; não é simplesmente a vida desse príncipe que descrevo, tampouco em absoluto os anais de seu reinado; trata-se, antes, da história da inteligência, haurida em seu século glorioso.

O trabalho está dividido em capítulos, cerca de vinte, destinados à história geral; são vinte painéis dos grandes acontecimentos da época. Os principais personagens estão no prosaetrio da tela, os outros ao fundo. Pobres detalhes, a posteridade os negligencia; é um verme que carcome as grandes obras. O que caracteriza o século, o que causou revoluções, o que será importante dentro de cem anos, eis o que pretendo escrever.

Há um capítulo para a vida privada de Luís XIV; dois para as grandes mudanças promovidas na polícia do reino, no comércio, nas finanças; dois para o governo eclesiástico, em que a revogação do edito de Nantes e o caso da *régale* ⁵⁴ estão compreendidos; cinco ou seis para a história das artes, começando por Descartes e concluindo com Rameau.

Para a história geral, não conto com outras fontes senão os cerca de duzentos volumes de memoriais impressos que todos conhecem; não se trata de formar um corpo bem-proporcionado de todos esses membros esparsos, mas de pintar em cores verdadeiras, porém numa só pincelada, o que Larrey, Limiers, Lamberti, Roussel etc. etc. falsificam e diluem em calhamaços.

Para a vida privada de Luís XIV, utilizo as *Memórias do marquês de Dangeau*, em quarenta volumes, dos quais selecionei quarenta páginas; tenho em mãos o que foi dito a antigos cortesãos, valetes, grandes senhores e outros, e relato os fatos que coincidem. Abandono o resto aos mexericos e ao anedotário. Possuo um excerto da famosa carta do rei a respeito do sr. de Barbézieux, de quem aponta todos os defeitos e os perdoa em retribuição aos serviços do pai; e isso caracteriza Luís XIV bem melhor do que as lisonjas de Pellisson.

Estou perfeitamente a par do caso do “homem da máscara de ferro”, morto na Bastilha. Conversei com pessoas que o serviram.

Há uma espécie de memorial, escrito de próprio punho por Luís XIV, guardado no gabinete de Luís XV. O sr. Hardion sem dúvida o conhece, mas não ousei pedir informação.

Sobre os negócios da Igreja, possuo toda a mixórdia das injúrias facciosas e tratarei de extrair um pouco de mel do amargor dos Jurieu, dos Quesnel, dos Doucin etc.

Para o reinado propriamente, examino os relatórios dos intendentess e os bons livros que temos sobre o assunto. O sr. abade de Saint-Pierre fez um diário político de Luís XIV, que apreciaria muito me confiasse. Ignoro se terá tal condescendência, que lhe garantiria o paraíso.

No que toca às artes e às ciências, trata-se apenas, creio, de traçar a marcha do espírito humano em filosofia, em eloquência, em poesia, em crítica; de assinalar os progressos da pintura, da música, da ourivesaria, da relojoaria, das manufaturas de tapeçarias, de espelhos, de tecidos. Não pretendo senão descrever, passo a passo, os talentos que se destacaram nesses campos. Deus me guarde de desperdiçar trezentas páginas com a história de Gassendi! A vida é muito curta, o tempo por demais precioso, para dizer coisas inúteis.

Existiu, em certa época, um Galileu que era um verdadeiro inventor, que combatia Aristóteles através da geometria e de experimentos, ao passo que Descartes opunha apenas novas quimeras a antigos devaneios; mas esse Galileu não pensou em criar um universo, como Descartes, contentando-se em examiná-lo. Não havia com o que impor respeito ao vulgo, grande e pequeno. Descartes foi um bem-sucedido charlatão, mas Galileu era um grande filósofo.

Não será de modo algum, senhor, em física que serei radicalmente pirroniano: pois como duvidar do que o experimento descobre e do que a geometria confirma? Porque Anaxágoras, Leucipo, Aristóteles e todos os loquazes gregos insistiram em absurdos, isso impediu que Galileu, Cassini, Huygens tivessem descoberto novos céus? Será a teoria das forças móveis menos verdadeira? Conhecemos a longitude e a latitude de duas mil estrelas, cuja existência os antigos sequer supunham, e descobrimos mais verdades físicas sobre a Terra do que as estrelas enumeradas no catálogo de Flamsteed.

Tudo isso é pouco para a imensidão da natureza, concordo, porém muito para a debilidade do homem. O pouco que sabemos renova as forças

da alma, com a inteligência encontrando tantos prazeres quanto os que o corpo experimenta em outros gozos nada desprezíveis.

Em suma, o senhor vislumbra meu projeto melhor do que eu poderia descrevê-lo. Não tenho pressa em erguer minha construção:

... *Pendent opera interrupta, minaeque murorum ingentes* ...

Caso consinta em me orientar, poderia dizer então:

*Aequataque machina coelo.*⁵⁵

Veja o que pode fazer por mim, pela verdade, por um século que o inclui entre seus ornamentos.

A quem consentiria comunicar suas luzes senão a um homem que ama sua pátria e a verdade, e que não busca escrever a história como bajulador, nem como panegirista, nem como gazetista, mas como filósofo? Quem tão bem desemaranhou o caos da origem dos franceses sem dúvida há de me ajudar a jogar luzes sobre os mais belos dias da França. Pense, senhor, que assim estará prestando um serviço a seu discípulo e admirador. Serei por toda a vida, com gratidão e estima etc.

AO SR. MARQUÊS D'ARGENSON

Cirey, 7 de março [1739]

O que pensará de mim, senhor? Faz-me sentir suas bondades da maneira mais benevolente; só posso expressar-lhe sentimentos de gratidão. Tudo isso para importuná-lo mais uma vez. Não me julgue atrevido, mas eis o fato. Um rapazola, formoso, amante dos versos, inteligente, não sabendo como se ocupar, tem o desprazo de se apresentar, não sei como, em Cirey. Ouve-me falar do senhor como meu anjo da guarda. Oh! oh! oh!, exclama, se ele é bom para o senhor, também será para mim: escreva-lhe falando de minha pessoa.

– Mas, senhor, considere que eu estaria abusando...

– Pois bem! Abuse, interessa-me acompanhá-lo. Caso ele parta em missão,⁵⁶ nada peço, servirei em tudo que quiser, sou trabalhador, sou boa pessoa, sou incansável; enfim, dê-me uma carta de apresentação.

Eu, que sou um fraco, dei-lhe a carta. Desde então, está felicíssimo:

– Verei o sr. d'Argenson!

E eis que o grande moçoilo parte às pressas para Paris.

Tenho então, senhor, a honra de preveni-lo. Ele se apresentará com a bela aparência que tem e uma humilde recomendação.

Não pude resistir ao prazer de me vangloriar de suas bondades e ele, que passava, disse: Fico com parte delas.

O pai desse rapaz, integrante da congregação dos *Messieurs* (o senhor conhece isso),⁵⁷ pretendia torná-lo santo na Companhia de Jesus; mas é mais negócio pertencer a seu séquito do que a essa companhia.

AO SR. DE LANOUE,
autor da tragédia *Maomé II*⁵⁸

Cirey, 3 de abril de 1739

... Não peço que violentem a natureza, quero que a fortaleçam e embelezem. Quem aprecia mais do que eu as peças do ilustre Racine? Quem melhor as sabe de cor? Mas não ficaria contrariado se *Bajazet*, por exemplo, tivesse um estilo um pouco mais sublime. ...

É mais ou menos o que Pierre Corneille dizia na primeira apresentação de *Bajazet* a alguém que, já velho, me contou de viva voz: *é suave, comovente, bem escrito, mas é sempre um francês que fala*.⁵⁹ ...

Talvez, de modo geral, essa penúria, comum na versificação francesa, esse vazio de grandes ideias, seja um pouco a consequência do travo de nossas frases e de nossa poesia. Precisamos de ousadia e não deveríamos rimar senão para os ouvidos. Há vinte anos me arrisco dizendo isso. Se um verso termina com a palavra “*terre*”, não temos dúvida de que *guerre* virá no final do outro: no entanto, por que não “*père*” ou “*mère*”? Pronuncia-se *sang* diferentemente de *camp*?⁶⁰ Por que não rimar para os olhos o que rima para os ouvidos? Considero que o ouvido deve julgar apenas os sons, e não a imagem física dos caracteres. Não multipliquemos desnecessariamente os obstáculos, seria diminuir as belezas. É preciso leis severas e não vil escravidão. ...

Foi preciso, sem dúvida, uma boa dose de gênio para lutar contra tais obstáculos.

Um monge, chamado Bandelli, julgou-se no direito de desfigurar a história do grande Maomé II com diversos episódios inverossímeis. ...

As nações subjugadas sempre imputam coisas horríveis e absurdas aos vencedores; é a vingança dos tolos e dos escravos. ...

O que digo aqui, digo como historiador e não como poeta. Estou longe de condená-lo. Onde estariam Virgílio e Homero se lhes tivessem exigido fatos? Uma falsidade que produza uma bela cena teatral é preferível a todos os arquivos do universo, tornando-se verdadeira para mim. ...

Considero a arte inesgotável; a do teatro é uma das mais belas, assim como das mais difíceis. Eu mereceria ser lastimado por estudar física e história, caso perdesse o gosto por tais belezas. Encaro um homem que amou a poesia e que não mais se sensibiliza como um doente que perdeu um de seus sentidos. ...

Voltaire e a sra. du Châtelet se mudam para Bruxelas a fim de acompanhar de perto um processo judicial, o que resulta em frequentes viagens entre a Bélgica, Cirey e Paris. Em setembro de 1740, Voltaire tem o primeiro encontro com Frederico, já rei da Prússia, em Clèves.

AO SR. MARQUÊS D'ARGENS

Bruxelas, 21 de junho [de 1739]

... Descartes era infinitamente superior a seu século, quer dizer, ao século francês; pois não era superior a Galileu nem a Kepler. Este nosso século, enriquecido pelas belas descobertas desconhecidas por Descartes, deslustra o esplendor desse grande homem, tragado pelo sol que Newton e outros fizeram brilhar. Todos os seus cálculos estão errados, tudo nele está errado, salvo a sublime aplicação que o fez pioneiro da álgebra à geometria. ...

Bayle, ao escrever tão estouvadamente sobre tão variados objetos, nunca se esmerou muito no estilo. Um escritor como ele deve evitar o estilo rebuscado e exageradamente trabalhado; mas tampouco é tolerável insistir na negligência em trabalhos sérios. Cícero, por exemplo, jamais diria que *Abelardo passava a mão em Heloísa, ensinando-lhe latim*. Coisas assim são tributárias do estilo, mas Bayle falha muitas vezes nesse ponto,

mostrando-se admirável no restante. Homem algum está isento de defeitos; o deus do bom-gosto aponta inclusive pequenas falhas cometidas por Racine. Não são os grandes erros dos Boyer, dos Danchet, dos Pellegrin que devem ser apontados, mas os pequenos dos grandes escritores; pois são os nossos modelos e teimamos em copiar apenas o lado ruim. ...

AO SR. MARQUÊS D'ARGENS

Bruxelas, 18 de julho [de 1739]

O senhor já se foi? Eu parto neste minuto. Meus cumprimentos, caro amigo, ao reverendo padre Jansens, jesuíta de Bruxelas que persuadiu a pobre sra. Viana de que o marido morrera herege e, por isso, ela não podia, em boa consciência, guardar o dinheiro herdado, devendo tudo entregar nas mãos de seu confessor. A boa senhora, cheia de compunção, confiou-lhe tudo. O cocheiro que ajudou o reverendo padre a carregar as bolsas o acusa judicialmente. O bom homem diz não saber do que se trata e que reza a Deus por todos eles. O povo, no entanto, quer apedrejar o santo. O caso vai a julgamento. Será enforcado ou canonizado; mas talvez ele consiga ambas as coisas.

Adeus, meu amigo; não sejamos nem um nem outro.

AO SR. MARQUÊS D'ARGENSON

Bruxelas, 8 de janeiro [de 1740]

... Luís XIV pagava seis mil libras de pensão aos Valincour, aos Pellisson, aos Racine e aos Despréaux para que escrevessem sua história e eles nada fizeram, enquanto eu sou perseguido por fazer o que eles deveriam ter feito. Dediquei-me a erguer um monumento à glória do meu país e fui esmagado sob as primeiras pedras que assentei. Em tudo sou o exemplo das belas-artes só atraírem desgraças. ...

AO SR. MARQUÊS D'ARGENSON

Bruxelas, 26 de janeiro [de 1740]

... As infâmias de tantos homens de letras não impedem meu amor à literatura. Sou como os verdadeiros carolas que continuam a amar a religião, apesar dos crimes dos hipócritas. ...

Tenho uma ideia curiosa na cabeça, a de que somente as pessoas que escreveram tragédias conseguiram injetar algum interesse em nossa história seca e bárbara. É preciso, numa história, como numa peça de teatro, exposição, trama e desenlace.

Mais uma ideia. Sempre se fez a história dos reis, nunca a das nações. Parece que, durante mil e quatrocentos anos, tivemos na Gália apenas reis, ministros e generais. Nossos costumes, nossas leis, nossos hábitos, nosso espírito, nada são? ...

A MILORDE HERVEY,
chanceler da Inglaterra

[c. 1.º de junho de 1740]

Cumprimento vossa nação, milorde, pela conquista de Porto-Bello e por vosso posto de ministro da Justiça. Ei-lo estabilizado na Inglaterra, e esta é uma razão a mais para que eu viaje. A propósito, caso determinado processo seja ganho,⁶¹ vereis chegar a Londres uma pequena e seleta trupe de newtonianos a quem o poder de vossa atração, e o de milady Hervey, fará atravessar o mar. Peço que não julgueis absolutamente meu *Ensaio sobre o século de Luís XIV* pelos dois capítulos impressos na Holanda, eivado de erros que tornam minha obra ininteligível. Se a tradução inglesa foi feita a partir dessa cópia informe, o tradutor é digno de fazer uma versão do *Apocalipse*; mas acima de tudo peço que não vos irriteis por eu ter chamado o século passado *o século de Luís XIV*. Sei muito bem que Luís XIV não teve a honra de ser milorde nem o benfeitor de um Bayle, de um Newton, de um Halley, de um Addison, de um Dryden; mas, no século conhecido como de Leão X, esse papa foi responsável por tudo? Outros príncipes não contribuíram para polir e esclarecer o gênero humano? No entanto, o nome de Leão X prevaleceu, pois ele promoveu as artes mais do que qualquer outro. Ora! Que rei prestou mais serviços à humanidade que Luís XIV? Que rei mais beneficiou a todos, influenciou o bom-gosto, distinguiu-se com as mais belas construções? Sem dúvida não fez tudo que podia fazer, pois era um homem, mas fez mais do que qualquer outro,

sendo um grande homem. Meu mais forte motivo para realmente estimá-lo é que, apesar dos defeitos conhecidos, ele goza de maior reputação que qualquer um dos seus contemporâneos, e, apesar de ter privado a França de um milhão de homens e do interesse geral em depreciá-lo, a Europa inteira o aclama e alinha entre seus maiores e melhores monarcas.

Dizei, milorde, o nome de um soberano que tenha atraído maior número de estrangeiros talentosos e que tenha estimulado mais o talento de seus súditos. Sessenta cientistas da Europa receberam recompensas simultâneas, perplexos de serem por ele conhecidos.

“Mesmo não sendo o rei vosso soberano”, escreveu-lhes o sr. Colbert, “quer ele ser vosso benfeitor; e instruiu-me a que enviasse a ordem de pagamento em anexo como prova de sua estima.” Um boêmio e um dinamarquês receberam cartas idênticas a essa, expedidas de Versalhes. Guillelmini⁶² construiu uma casa em Florença com o que recebeu de Luís XIV e colocou o nome do rei no frontispício; e não quereis que ele encabece o século de que falo!

O que ele fez em seu reinado deve servir para sempre como exemplo. Encarregou da educação de seu filho e de seu neto os homens mais eloquentes e sábios da Europa. Teve a fineza de proporcionar uma situação aos três filhos de Pierre Corneille, dois nas tropas e um na Igreja; abrilhantou o mérito nascente de Racine com um presente considerável para um jovem desconhecido e sem bens; e, quando o gênio se aperfeiçoou, os talentos não fadados à fortuna fizeram a sua. Ele ganhou mais do que fortuna, gozou de privilégios e, algumas vezes, da familiaridade de um rei cujo simples olhar era já uma dádiva: participou, em 1688 e 1689, daquelas viagens a Marly tão disputadas pelos cortesãos; dormia no quarto do soberano quando ele estava doente e lia para ele as obras-primas de eloquência e poesia que ornamentaram o belo reino. Esse privilégio, concedido com discernimento, é o que produz a emulação e estimula os grandes gênios. Já é muito assentar fundações, mas mais ainda sustentá-las. Limitar-se a esses feitos, é verdade, muitas vezes prepara os mesmos asilos para o homem inútil e para o grande homem; é receber na mesma colmeia a abelha e o vespão.

Luís XIV pensava em tudo; protegia as academias e distinguia os que se sobressaíam. Não era pródigo em favores a determinado mérito, excluindo outros, como tantos príncipes que incentivam não o que é bom, mas o que lhes agrada. A física e o estudo da Antiguidade atraíram sua

atenção, que não empalidecia sequer no decorrer das guerras que travou contra a Europa, pois, construindo trezentas cidadelas, pondo em marcha quatrocentos mil soldados, ergueu o Observatório e traçou um meridiano de uma ponta à outra do reino, obra única no mundo. Fez imprimir, no palácio, traduções dos bons autores gregos e latinos; enviou geômetras e físicos aos ermos da África e da América, em busca de novos conhecimentos. Pensai, milorde, que sem a viagem e os experimentos daqueles que ele enviou a Caiena, em 1672, e sem as mensurações do sr. Picard, nunca Newton teria chegado às suas descobertas sobre a atração. Vede, por favor, um Cassini e um Huygens, que renunciaram à pátria que honravam e vieram à França gozar a estima e os favores de Luís XIV. Julgai, milorde, que os próprios ingleses não lhe devam agradecimentos? Dizei-me, por favor, a corte de que Carlos II assimilou tanta cortesia e bom gosto! Os bons autores de Luís XIV não lhes serviram de modelo? Não foi nesta fonte que o sábio Addison, o homem de gosto mais refinado de sua nação, hauriu assiduamente suas excelentes críticas? O bispo Burnet reconhece que esse requinte, adquirido na França pela corte de Carlos II, reformou inclusive o púlpito em seu país, apesar das diferenças entre as nossas religiões, de tal forma a saudável razão impera por toda parte! Dizei-me se os bons livros dessa época não serviram à educação de todos os príncipes do império! Em quais cortes alemãs não se viu o teatro francês? Qual príncipe não tentou imitar Luís XIV? Quais nações não seguiam então as modas da França? Vossa Senhoria me apresenta o exemplo do czar Pedro o Grande, que fez nascer as artes em seu país e é o criador de uma nova nação, e observa que nem por isso seu século será chamado na Europa de “século do czar Pedro”, daí concluindo que não devo chamar o século passado de “século de Luís XIV”. Parece-me, entretanto, bem palpável a diferença. O czar Pedro instruiu-se com outros povos; trouxe suas artes para o seu país; mas Luís XIV instruiu as nações: tudo, até seus erros foram úteis. Protestantes que abandonaram regiões nossas levaram a vosso país uma indústria que fazia a riqueza da França. Seriam desprezíveis tantas manufaturas de seda e de cristais? Estas últimas, sobretudo, foram aprimoradas por esses refugiados, e perdemos nós o que ganhou vosso país. Por último, a língua francesa, milorde, tornou-se praticamente a língua universal. A quem isso se deve? Não era assim no tempo de Henrique IV. Conheciam-se apenas o italiano e o espanhol. Nossos excelentes escritores é que provocaram essa mudança.

Mas quem protegeu, empregou, encorajou esses excelentes escritores? Foi o sr. Colbert, direis e admito, como decerto admito que o ministro compartilhe da glória de mestre, mas o que teria feito Colbert sob outro príncipe: sob vosso rei Guilherme, que nada apreciava, sob o rei da Espanha, Carlos I, ou sob tantos outros soberanos?

E julga milorde que Luís XIV reformou o gosto da corte no que tange a apenas uma arte? Ele escolheu Lully como músico e confiscou o privilégio de Cambert, por ser Lully superior a Cambert. Sabia distinguir o gênio e forneceu a Quinault temas para suas óperas, supervisionou as pinturas de Lebrun, apoiou Boileau, Racine e Molière contra seus inimigos. Incentivou tanto as artes úteis quanto as belas-artes e sempre como conhecedor. Emprestou dinheiro a Vanrobez para que estabelecesse manufaturas; adiantou milhões à Companhia das Índias; concedeu pensões a homens de ciência e a artesãos valorosos. Não só se fizeram grandes coisas em seu reinado, mas foi ele quem as fez. Aceitai, pois, milorde, que eu erija à sua glória um monumento que considero voltado sobretudo ao que é útil ao gênero humano.

Não homenageio Luís XIV apenas pelo bem que fez aos franceses, mas pelo bem que fez aos homens. É como homem, e não como súdito, que escrevo. Quero descrever o século passado, e não simplesmente um príncipe. Estou cansado das histórias que tratam das aventuras do rei como se só ele existisse, ou como se tudo só existisse em função dele. Resumindo, escrevo a história de um grande século, mais do que a de um grande rei.

Pelisson⁶³ teria escrito com mais eloquência do que eu; mas era cortesão e pago para isso. Não sou nem uma coisa nem outra: cabe-me apenas dizer a verdade.

Espero que encontreis nessa obra, milorde, alguns de vossos próprios sentimentos; quanto mais eu pensar como vós, mais terei direito a esperar a aprovação pública.

AO SR. DE MAUPERTUIS

Bruxelas, 22 de junho de 1740

Os grandes homens são meus reis, senhor, mas neste caso o oposto não se aplica; os reis não são meus grandes homens. Não adianta uma cabeça

estar coroada, só considero as que pensam como a sua; e é sua estima e amizade, não o favor dos soberanos, que almejo. Apenas o rei da Prússia ponho no mesmo plano que o senhor, pois, de todos os reis, é o menos rei e o mais homem. É caridoso e esclarecido, cheio de talentos e grandes virtudes; ficarei muito surpreso e aflito, caso me faça morder a língua. Falta-lhe apenas a geometria, mas é um profundo metafísico e menos tagarela que o grande Volfius.

Bem que eu iria admirar esse astro do norte, se pudesse deixar este de quem sou, há dez anos, satélite. Não sou como os cometas de Descartes, que viajam de turbilhão em turbilhão. ...

AO SR. THIERIOT

Bruxelas, 16 de agosto [de 1740]

... O sr. de Maupertuis honrará a corte com sua presença e, nisto, ele é superior a Platão, pois Frederico II é melhor rei do que Dionísio. Ele acaba de chegar a Bruxelas e daqui irá a Vesel ou a Clèves. Em breve encontrará o mais gentil rei da terra, rodeado de alguns seletos servidores a quem chama de amigos e que merecem esse título. Seus súditos e os estrangeiros não lhe poupam elogios. Todos comemoraram quando ele voltou às ruas de Berlim, todos choraram de alegria. Mais de trinta famílias, que o rigor do último governo obrigara a se retirar na Holanda, venderam tudo para voltar a viver sob o novo rei. Um neto do primeiro-ministro da Saxônia, com cinquenta mil florins de renda, disse-me dias atrás: nunca terei outro senhor senão o rei da Prússia e irei me estabelecer em seus Estados. O novo rei não desperdiça um dia sequer, sempre gerando felicidade. Além de tudo, respeita a memória do pai, pranteando-o sem ostentação, pelo simples excesso de sua bondade natural. Agradeço ao autor da natureza por me fazer nascer no século de príncipe tão generoso. Talvez seu exemplo encoraje outros soberanos. Despeço-me, coremos por não sermos tão virtuosos quanto ele e não cultivarmos o bastante a amizade, a primeira das virtudes com que um rei dá exemplo aos homens.

AO SR. DE MAUPERTUIS

Haia, 18 de setembro [de 1740]

... Quando partimos de Clèves, o senhor à direita e eu à esquerda, pensei estar no juízo final, quando Deus separa os eleitos dos condenados. *Divus Federicus* disse-lhe: Sente-se à minha direita, no paraíso de Berlim; e a mim: Vá, maldito, para a Holanda.

Estou pois neste inferno fleumático, longe do fogo divino que anima os Frederico, os Maupertuis, os Algarotti. Por Deus, faça-me a caridade de alguns lampejos nestas águas estagnadas onde me encontro transido. ...

AO SR. MARQUÊS D'ARGENS

Haia, 2 de outubro [de 1740]

... Como! Há um rei da Prússia no mundo! Como! O mais amável dentre os homens está no trono! Os Algarotti, os Wolf, os Maupertuis, todas as artes para lá se precipitam e o senhor vai para a Suíça! Não, definitivamente não! Acredite, mude-se para Berlim; a razão, o espírito e a virtude ali renascerão. É a pátria de qualquer um que pense; é uma bela cidade, um clima saudável, há uma biblioteca pública que o mais sábio dos reis tornará digna de seu reinado. Em que lugar encontrará as mesmas e infinitas facilidades? Sabe o senhor que todo mundo acorre para viver sob o cetro do Marco Aurélio do Norte? Estive hoje com um cavaleiro, dono de uma renda de cinquenta mil libras, que me disse: Não terei outra pátria senão Berlim, renuncio à minha, mudo-me para lá, não haverá outro rei para mim. Sei de um grande senhor do império que quer trocar sua sagrada majestade pela humanidade do rei da Prússia. Meu caro amigo, tome o rumo do templo que se ergue às artes. Pena! Não poderei segui-lo, um dever sagrado me chama. Não posso trocar a sra. du Châtelet, a quem dediquei minha vida, por príncipe algum, nem mesmo este; mas será um consolo que desfrute de uma doce vida no único país em que me apeteceria estar, se junto a ela não estivesse. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

Haia, 18 de outubro de 1740

... Foi em Clèves que conheci um dos homens mais amáveis do mundo, que seria o encanto da sociedade, assediado por todos, não fosse rei; um

filósofo sem austeridade, meigo, cheio de complacência, sedução, não se lembrando mais que é rei quando está com amigos, tão completamente esquecido que quase me fez também esquecer, sendo obrigado a um esforço de memória para lembrar que tinha, sentado ao pé de minha cama, um soberano com um exército de cem mil homens. ...

AO SR. PRESIDENTE HÉNAULT

Haia, 31 de outubro [de 1740]

Caso o rei da Prússia tivesse vindo a Paris, não teria desmentido os encantos que o senhor viu nas cartas que lhe mostraram. Ele fala como escreve. Ainda não sei com certeza se existiram reis maiores; mas não existiram homens mais amáveis. É um milagre da natureza que o filho de um ogro coroado, educado entre os animais, tenha haurido em seus desertos tanto requinte e tantas graças naturais, que nem em Paris se encontram, e os compartilhe com um reduzido número de pessoas. É o que fez a sua fama em Paris. Penso já ter dito que suas paixões dominantes são as de ser justo e de agradar. Tem vocação tanto para a sociedade quanto para o trono; pediu-me, quando tive a honra de vê-lo, notícias desse seleto número de pessoas que o fazem querer ir à França. O senhor foi o primeiro. Se um dia ele de fato for a Paris, o senhor achará que já o conhece e verá a diferença entre seus jantares e aqueles de que porventura tiver participado com outros príncipes. O senhor tem toda a razão de se surpreender com suas cartas e mais ainda ficará com *Anti-Maquiavel*. Não sou favorável a que reis sejam autores; mas concorde que, se há um assunto digno de ser tratado por um rei, é de fato este. Acho saudável que a mão que empunha o cetro fabrique o antídoto ao veneno que um celerado italiano faz os soberanos beberem há dois séculos. Isso pode fazer um certo bem à humanidade e certamente dignifica a realeza. Infenso aos preconceitos, fui praticamente o único a opinar pela impressão dessa obra. Nem um pouco me constrangeu o fato de um rei, por meu intermédio, jurar ser bom e justo ao universo.

Assim como detesto e desprezo a reles e infame superstição que desonra tantos Estados, adoro a virtude verdadeira. Creio tê-la encontrado neste príncipe e em seu livro.

Se um dia acontecer de este rei trair tão grandes promessas, se porventura vier a se mostrar indigno de si próprio, se não for simultaneamente um Marco Aurélio, um Trajano e um Tito, lamentarei e não mais o amarei. ...

AO SR. CONDE D'ARGENTAL

Bruxelas, 7 de abril de 1741

... Talvez venham a dizer que me tornei um autor da província; mas ainda prefiro poder eu mesmo julgar o efeito que terá esta obra numa cidade onde não tenho nenhuma cabala a temer, apenas que apagar os incêndios de Paris. ...

Não sei quem pode ter espalhado o boato de que me desentendi com o rei da Prússia. ... É verdade que ficou melindrado por eu deixá-lo cedo demais, mas o motivo de minha partida de Berlim não pode senão ter aprofundado sua estima por mim. Ele me conhece e jamais cogitou que eu fosse deixar a sra. du Châtelet; não ignora os direitos da amizade e os respeita.

Confesso gozar em Berlim de melhor consideração que em Paris; mas Paris e Berlim não contam para mim, contam apenas os lugares em que nossa amiga se encontra. E pudesse eu viver entre ela e o senhor, nada mais teria a desejar. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

Bruxelas, 27 de maio de 1741

... Ninguém leva a vida que deveria. Olha o rei da Prússia que vai jogar sua vida na Silésia, contra os hussardos! Maupertuis, que poderia viver feliz na França, foi procurar em Berlim a felicidade que lá não está. Emboscado por caipiras da Morávia, foi deixado nu, perdendo os mais de cinquenta teoremas que trazia nos bolsos. Fui mais ajuizado, corri sem pestanejar para Émilie. O rei da Prússia ficou um pouco contrariado. Desde as descortesias que fez à rainha da Hungria, se impacienta ao ser preterido por causa de uma mulher. Mas escreveu-me com agrados logo

após a batalha de Molvitz, e agora mesmo, enquanto lhe escrevo, devo a ele duas cartas. ...

No entanto, ele vem após o senhor e a sra. du Châtelet; cada um tem o seu lugar e ele, afinal de contas, é apenas rei. ...

AO SR. DE CIDEVILLE

Gray, 19 de janeiro de 1742

... Um grande ator alemão, chamado rei da Prússia, informou-me ter Lanoue⁶⁴ com ele. Por outro lado, dizem que ele está em Paris, e eu gostaria que Lanoue seguisse meu exemplo, que trocasse os reis pelos amigos. Farei com que *Maomé* seja representada. Se ele fizer parte do grupo, supondo, é claro, que ainda aprecie esse ilustre velhaco que descobri, recortei, limei, poli e enfeitei, tudo para agradar ao senhor – pois é pelos amigos que começo –, estarei certo do público.

Poderei também esperar que o embaixador turco parta, pois, é claro, não seria correto denegrir o profeta e alimentar seu embaixador, zombando de sua capela em nosso teatro. Nós, franceses, respeitamos o direito das pessoas, sobretudo dos turcos. ...

AO SR. CONDE D'ARGENTAL

*Paris, 22 de agosto [de 1742],
de saída*

... Que diz o sr. de Lamarche de seus confrades de Paris, que de forma tão pedante escrevinharam contra o meu profeta? O que dirá o sr. cardeal de Tencin? O que dirá a senhora irmã dele de nossos convulsionários de batina, que não querem que se represente o fanatismo, como dizem que um certo presidente do Tribunal não queria que representassem *Tartufo*? Vítima dos jansenistas, dedicarei *Maomé* ao papa e conto vir a ser bispo *in partibus infidelium*,⁶⁵ visto ser essa minha verdadeira diocese. ...

AO CARDEAL DE FLEURY

Paris, 22 de agosto [de 1742]

Monsenhor, de partida para Bruxelas, recebo outra carta do rei da Prússia reiterando que eu siga para sua corte imediatamente. Irei apenas no caso de nosso rei permitir e se Vossa Eminência tiver a bondade de me enviar tal consentimento. ...

Sinto-me pessoalmente ligado à Vossa Eminência, e devoto, como todos que têm a honra de vos ouvir.

Parece-me uma fatalidade que as únicas pessoas que tenham querido perturbar vosso feliz ministério sejam as mesmas que me perseguiram, chegando a cabala dos convulsionários,⁶⁶ isto é, o que há de mais abjeto no rebotalho do gênero humano, a obter a supressão escandalosa de uma obra⁶⁷ honrada com vossa aprovação e representada diante dos primeiros magistrados de Paris. ...

AO SR. MARQUÊS D'ARGENSON

Bruxelas, 10 de setembro de 1742

... Um dia desses, pude ver o rei da Prússia como não costumamos ver os reis, bem à vontade em meu quarto, junto à lareira. Este mesmo homem, que ganhou duas batalhas, vinha familiarmente conversar, como Cipião conversava com Terêncio. O senhor há de dizer que não sou Terêncio; mas tampouco ele se parece com Cipião. ...

Por aqui, os franceses têm fama de serem alegres e superficiais; quem diria que alguns são tão tristes e pedantes! ...

Voltaire, que sempre aspirou ao cargo de embaixador, recebe a missão de convencer Frederico II a tomar o partido da França na Guerra da Sucessão da Áustria. Na Holanda, em 1743, troca mensagens cifradas com o ministro das Relações Exteriores e posteriormente, em Berlim, tem a missão de levar Frederico II a retomar as armas.

AO CARDEAL DE FLEURY

Bruxelas, 10 de setembro de 1742

... Só parti no dia 2 deste mês. Encontrei no caminho um mensageiro do rei da Prússia que vinha reiterar-me suas ordens. Quis o rei que eu me hospedasse próximo de seu apartamento e passou, por dois dias consecutivos, quatro horas seguidas em meu quarto, com a bondade e a familiaridade que, como se sabe, são suas características. Com toda a liberdade, tive a oportunidade de expressar o que Vossa Eminência me prescrevera e o rei me respondeu com igual franqueza.

Perguntou-me, primeiramente, se era verdade que a nação, o rei e Vossa Eminência estavam tão irritados com ele. Respondi que, de fato, todos os franceses se ressentiram muito com sua tão inesperada defecção e que a mim não cabia saber como pensava o rei, mas que conheço a moderação de Vossa Eminência etc. Ele fez a gentileza de me informar as razões que o levaram a precipitar a paz. São tão singulares que não ousei imaginar sejam conhecidas na França. Mas não quero revelá-las aqui, sentindo o quão inoportuno seria tocar, por carta, em assuntos tão delicados. ...

Arrisco-me, porém, a dizer que me parece fácil reorientar o espírito desse monarca, pois a situação de seus Estados, seus interesses e gostos fazem dele um aliado natural da França. Quanto à Silésia, disse ele saber perfeitamente que um dia a Casa da Áustria vai querer a posse dessa bela província, mas se orgulha de preservar sua conquista. Ele dispõe atualmente de cento e trinta mil homens em suas tropas e pretende tornar Neiss, Glogaw e Brieg praças tão fortes quanto Vesel. Além disso, está informado de que a rainha da Hungria deve mais de oitenta milhões de escudos alemães, o que corresponde, mais ou menos, a trezentos milhões em moeda francesa. Acredita que suas províncias exauridas e isoladas umas das outras não poderão manter ação duradoura e que os austríacos, por si só, não serão temíveis por muito tempo.

Indubitavelmente deram ao príncipe ideias tão enganosas sobre a França quanto verdadeiras sobre a Áustria. Perguntou-me se é verdade que a França está esgotada de homens e de dinheiro, e totalmente desencorajada; respondi haver ainda mais de doze centenas de milhões em espécie circulando no reino, que o recrutamento nunca foi tão fácil e que jamais a nação demonstrara tanta boa vontade. ...

Caso minha carta seja digna de vossa atenção, rogo, monsenhor, que a considereis apenas um simples testemunho de meu zelo por nosso rei e nossa pátria. ...

Os irmãos d'Argenson, amigos de Voltaire, assumem os ministérios da Guerra e das Relações Exteriores após a morte de Fleury. Voltaire é nomeado historiógrafo de Sua Majestade, redige textos oficiais do governo francês, recebe a bênção papal, será eleito membro da Academia Francesa. Seu bom comportamento durará até 1747.

AO SR. DE SAINT-CYR, DA ACADEMIA FRANCESA

fevereiro de 1743

Tenho a honra de lhe enviar as primeiras folhas de uma segunda edição dos *Elementos da filosofia* de Newton, em que apresento um esboço da sua metafísica. Verá o senhor que Newton, dentre todos os filósofos, era o mais convicto da existência de Deus, e que tive razão em dizer que, enquanto um catequista anuncia Deus às crianças, um Newton demonstra-O aos sábios.

Ouvi do senhor, como um grande consolo, que eu ousara pintar, na *Henriade*, a religião em suas cores próprias, e que tivera, inclusive, a felicidade de exprimir o dogma com tanta correção quanto tivera sensibilidade no elogio da virtude.

Escrevi contra o fanatismo que espalha tanto rancor na sociedade e que, no Estado político, insuflou tantas desordens. Porém, quanto mais hostil me sinto com relação ao espírito de facção, de entusiasmo, de rebelião, mais adoro uma religião cuja moral torna o gênero humano uma família e cuja prática inspira-se na indulgência e nas boas ações.

O estoicismo deu-nos apenas um Epicteto, e a filosofia cristã forma milhares de Epictetos que ignoram sê-lo e cuja virtude chega a ignorar a própria virtude. Ela ampara-nos sobretudo na desgraça.

Reconheço não ter sido o genuíno respeito pela religião cristã que me inspirou a nunca fazer qualquer obra contra o pudor; deve-se atribuir isso ao distanciamento natural que mantenho desde a infância em relação a tais

frivolidades, essas indecências ataviadas de rimas que, pelo assunto, agradam a uma juventude desenfreada. Escrevi, aos dezenove anos, uma tragédia inspirada em Sófocles, em que nem mesmo amor havia.

À SRA. DU CHÂTELET

13 de agosto de 1743

Perdoa aos diamantes que emolduram
Um retrato de pouco valor.
Não usei tanta arte ao te oferecer o meu coração:
Ele não necessita de adornos.

V.

Segue outra pedra, em caso de acidente.⁶⁸

AO SR. AMELOT,
ministro das Relações Exteriores

Charlottenburgo, 3 de setembro [de 1743]

Hoje, após um jantar cheio de alegria e entretenimentos, o rei da Prússia veio ao meu quarto; disse-me que ficara bem à vontade ontem para conversar com o sr. emissário da França,⁶⁹ único dentre todos os ministros, não só por lhe dar mostras de consideração mas por preocupar aqueles que estariam aborrecidos com essa preferência.

Respondi-lhe que o emissário da França ficaria bem mais satisfeito se Sua Majestade despachasse algumas tropas para Vesel e Magdeburgo. “Mas”, disse ele, “o que querem que eu faça? O rei da França me perdoaria uma paz que firmei em separado?” “Senhor”, respondi-lhe, “os grandes reis desconhecem a vingança, tudo cede ao interesse do Estado; saberá Sua Majestade se seu interesse próprio e o da França não é o de estarem sempre unidos?”

“Como posso acreditar”, perguntou então o rei da Prússia, “que a França tenha a intenção de se aliar a mim? Sei que o emissário francês em Mayence faz insinuações contra os meus interesses e propõe uma paz com

a rainha da Hungria, a restauração do imperador e uma indenização às minhas custas.”

“Aventuro-me a crer”, repliquei, “ser esta acusação um artifício dos austríacos, o que é natural. Não vos caluniaram também no último mês de maio? Não escreveram à Holanda que Sua Majestade oferecera à rainha da Hungria unir-se a ela contra a França?”

“Juro”, disse-me ele baixando os olhos, “ser o que há de mais falso. E o que eu ganharia com isso? Mentira assim destrói-se por si só.” “Pois bem, Sire, por que não vos reunir em alto nível com a França e o imperador contra o inimigo comum, que vos odeia e calunia a ambos?”...

AO SR. THIERIOT

Cirey, 11 de junho de 1744

... O paraíso terrestre será onde estou. Se visse meus aposentos, me julgaria mais mundano do que filósofo. Creio-me, no entanto, mais filósofo que mundano. Considere que, em minha filosofia, à amizade está sempre reservado um grande capítulo; vejo-a como o bálsamo benigno para todas as feridas que a fortuna e a natureza infligem continuamente aos homens. ...

AO SR. DE VALORI

Paris, 3 de maio [de 1745]

... As dádivas dos reis e dos papas, senhor, não se equiparam às da amizade, mas reconheça que decerto me estima um pouco mais desde que recebi as bênçãos do santo padre. Sua Santidade pensa como o senhor sobre *Maomé*. Não se deixou, absolutamente, seduzir pelos convulsionários. Sofrem-se injustiças na pátria, mas os estrangeiros julgam de forma desapassionada, e um papa, sobretudo, está acima das paixões. Estou muito bem com Sua Santidade. Os devotos, presentemente, é que me pedem proteção para este mundo e para o outro. ...

A BENTO XIV, PAPA

Paris, 17 agosto [de 1745]⁷⁰

Bem-aventurado papa, recebi com o sentimento da mais profunda veneração e da mais viva gratidão os medalhões sagrados com que Vossa Santidade honrou-me. São dignos do belo século de Trajano e Antonino e é muito justo que um soberano amado, como eles reverenciado, tenha medalhas tão esmeradamente trabalhadas como as deles. Eu já possuía e reverenciava, em meu gabinete de trabalho, uma estampa de vossa Beatitude, sob a qual tive a audácia de escrever:

Lambertinus hic est Romæ decus, et pater orbis,

Qui scriptis mundum edocuit, virtutibus ornat ⁷¹

Essa inscrição, que ao menos é correta, é fruto da leitura que fiz do livro com que Vossa Beatitude ilustrou a Igreja e a literatura: admirei-me de que o nobre rio de tão grande erudição não se tenha deixado perturbar pelo torvelinho dos problemas.

Que me seja permitido, bem-aventurado papa, apresentar meus votos, junto aos de toda a comunidade cristã, e rogar ao céu que Vossa Santidade seja apenas muito tardiamente acolhida entre aqueles santos, cuja canonização, com muita luta, mas com grande sucesso, se obteve.

Que me seja concedida a graça de beijar mui humildemente seus sagrados pés e de pedir, com o mais profundo respeito, sua bênção etc.⁷²

AO SR. CONDE D'ARGENTAL

Fontainebleau, 9 de outubro [de 1745]

De fato, graças celestes não podem se espalhar em demasia e a carta do santo padre foi feita para ser publicada. É bom, respeitável amigo, que os perseguidores das pessoas de bem saibam que estou coberto pela estola do vigário de Deus. Minha resposta coincidiu com a sua, pois afirmei nunca ter acreditado tanto em sua infalibilidade. ...

AO SR. JEAN-JACQUES ROUSSEAU⁷³

15 de dezembro de 1745

O senhor reúne dois talentos que sempre estiveram separados. Já temos aí duas boas razões para que eu o estime e procure amá-lo. Fico triste, pelo senhor, que empregue estes dois talentos num trabalho que não os merece. Alguns meses atrás, o sr. duque de Richelieu ordenou-me que impreterivelmente fizesse, num piscar de olhos, um pequeno e apressado esboço de algumas cenas insípidas e truncadas que se deveriam ajustar a entretenimentos que não pareciam absolutamente feitos para aquilo. Obedeci à risca, despachando-me rápido e mal. Enviei o mísero rascunho ao sr. duque de Richelieu, contando que não se adequaria ao que ele desejava ou que eu ainda o corrigiria. Mas felizmente ele está em suas mãos e o senhor é seu soberano absoluto; perdi-o totalmente de vista. Não tenho dúvidas de que retificou todos os erros, inevitavelmente ocorridos em composição tão apressada de um simples rascunho, preencheu as lacunas e a tudo sanou.

Ocorre-me que, entre outras asneiras, não é dito, nas cenas que ligam os *divertissements*, como a princesa Grenadine subitamente passa da prisão num parque para um palácio. Como não é um mágico que lhe proporciona isso tudo, mas um cavalheiro espanhol, não vejo motivos para recorrer a algum encantamento. Rogo-lhe, senhor, que aceite rever essa passagem, da qual tive apenas ideia confusa. Veja se é necessário que a prisão se abra e nossa princesa passe dessa prisão para o belo palácio dourado e feliz, preparado para ela. Sei muito bem que isso é paupérrimo, e não deveria um ser pensante criar caso por tais bagatelas; mas enfim, já que se trata de desagradar o mínimo possível, convém colocar o máximo de razão possível, mesmo em péssimo divertimento de ópera.

Cumprimento-o amavelmente, ao senhor e ao sr. Ballot, esperando agradecer-lhe em breve e lhe assegurar, senhor, a que ponto tenho a honra de ser etc.

AO SR. DE CIDEVILLE

Versalhes, 7 janeiro de 1746

... O ambiente da corte talvez não seja bom para mim, mas não era na corte que eu estava, apenas em Versalhes, extraindo, dos arquivos de guerra, memoriais que possam ajudar na história de que fui encarregado.

Tenho a bondade de fazer de graça o que Boileau não fez mesmo tendo sido bem pago; mas

o prazer de erguer um monumento à glória do rei e da nação vale por todas as pensões de Boileau. Trouxe a obra até o final da campanha de 1715. ...

AO SR. MARQUÊS DE VAUVENARGUES

[fevereiro de 1746]

Passei várias vezes em sua casa para agradecer-lhe ter proporcionado ao público pensamentos tão superiores aos de que ele normalmente é capaz.⁷⁴ O século que produziu *Les étrennes de la Saint-Jean* e *Les ecosseuses misapouf*⁷⁵ não o merece; mas, apesar disso, o tem, e bendita então seja a natureza. Há um ano digo ser o senhor um grande homem e agora meu segredo se revelou. Li apenas dois terços de seu livro. Devorarei a terceira parte. Trouxe-o comigo aos antípodas, de onde voltarei sempre para abraçar o autor, dizer quanto o amo e com que emoção me junto à grandeza de sua alma e ao sublime de suas reflexões, bem como à humanidade de sua natureza. Há coisas que torturam minha filosofia: seria impossível adorar o Ser supremo sem virar capuchinho? Pouco importa, todo o restante me encanta; o senhor é o homem que ousei esperar e intimo-o a que me ame.

Em 1747, após a publicação de Memnon, primeira versão de Zadig, Voltaire refugia-se em Scéaux, na casa da duquesa du Maine. No ano seguinte, passa sua primeira temporada em Lunéville (Lorena), na corte do rei Estanislau. A sra. du Châtelet apaixonou-se por um militar, Saint Lambert, engravida e morre em consequência do parto.

A DOM CALMET,
abade de Sénones

Lunéville, 15 de fevereiro de 1748

Prefiro, monsenhor, a reclusão à corte, e os grandes homens aos reis. Adoraria passar algumas semanas com o senhor e seus livros. Uma cela aquecida me bastaria e, caso possa contar com um caldo grosso, um naco de carneiro e ovos, prefiro essa saudável frugalidade ao manjar real. Em todo caso, não quero me censurar por ter estado tão próximo e não ter tido a honra de encontrá-lo. Gostaria de me instruir com aquele cujos livros me formaram e beber na fonte. Peço-lhe permissão para isso; serei um de seus monges; será Paulo a visitar Antão. Avise-me caso pretenda receber-me como solitário; nesse caso, aproveitarei a primeira oportunidade que aqui tiver para dirigir-me à morada da ciência e da sabedoria.⁷⁶ Tenho a honra etc.

AO SR. CONDE D'ARGENTAL

Commerci, 10 de outubro [de 1748]

... Estava em meu quarto, abatido, e mandei dizer ao rei da Polônia que suplicava a honra de falar-lhe em particular. Sua Alteza veio imediatamente. Permitiu-me que escrevesse à rainha sua filha⁷⁷ uma carta. Foi o que fiz e ele achou-a comovente. Em seguida escreveu de punho próprio uma outra, fortíssima, e encarregou-se da minha. Além disso, escrevo à sra. de Pompadour e peço ao sr. de Montmartel que lhe fale. ...

P.S.: Ficaria muito chateado de passar por autor de *Zadig*, que querem arrasar com interpretações odiosas e acusam de conter dogmas temerários contra nossa santa religião. Veja que situação!

A srta. Quinault, a Quinault-cômica, insiste em dizer ser eu o autor. Como nada de mal vê nisto, diz sem pensar me prejudicar. Não poderia o senhor estender suas asas de anjo da guarda até a ponta da língua da srta. Quinault?

AO SR. DIDEROT⁷⁸

[10 de junho de 1749?]

Agradeço, senhor, pelo livro engenhoso e profundo que teve a bondade de me enviar e apresento-lhe um⁷⁹ que não é nem uma coisa nem outra, mas

no qual verá a aventura do cego de nascença mais detalhada nessa nova edição do que nas precedentes. Sou inteiramente de sua opinião no que se refere aos juízos que fariam, nessa situação, homens comuns, que não teriam senão bom senso, e filósofos. Incomodou-me que, nos exemplos que o senhor cita, tenha esquecido o cego de nascença que, ao receber o dom da visão, via os homens como se fossem árvores.

Li com extremo prazer seu livro, que diz muito e nos faz imaginar ainda mais. Há muito tempo o estimo, assim como desprezo os bárbaros estúpidos que condenam o que não entendem, e os perversos, unidos a imbecis para proscrever o que os ilumina.

Mas confesso não partilhar em nada a opinião de Saunderson,⁸⁰ revoltado contra Deus por ter nascido cego. Talvez esteja enganado, mas, no lugar dele, reconheceria o ser inteligentíssimo que nos dá tantas alternativas à visão. Percebendo, pelo pensamento, relações infinitas entre todas as coisas, eu O suporia um criador infinitamente hábil. É grande impertinência pretender adivinhar o que Ele é e por que fez tudo que existe, mas parece-me bem arriscado negar aquilo que é.⁸¹ Gostaria muito de conversar com o senhor, quer acredite ser uma das Suas obras, quer acredite ser uma porção inevitavelmente organizada de uma matéria eterna e necessária. O que quer que seja, o senhor é parte mui estimável dessa totalidade que não conheço. Quero ainda, antes de partir para Lunéville, que me honre com sua presença em minha casa para um ágape filosófico com alguns eruditos. Não que me considere um, mas nutro grande paixão pelos que o são, como o senhor. Esteja certo de minha consideração por seu mérito, e, por isso, meu desejo de vê-lo e assegurar-lhe a que ponto tenho a honra de ser etc.

AO PRESIDENTE HÉNAULT

Lunéville, 14 de agosto de 1749

... Esbocei toda a minha *Catilina* em uma semana. Essa façanha me surpreende e até assusta. É tão incrível quanto levar trinta anos para realizá-la. Dirão que Crébillon foi lento e eu rápido demais. Pois que digam. Os franceses veem as grandes obras apenas como oportunidade para algum gracejo espirituoso. Cinco atos, em uma semana, é ridículo, bem sei. Mas estariam menos perplexos se soubessem o que pode o entusiasmo e com que facilidade uma cabeça, infelizmente poética, agitada pelas *Catilinárias* de Cícero e mais ainda pela vontade de mostrar esse grande homem como ele é, pode fazer em alguns dias o que, em outras circunstâncias, não faria em um ano. ...

Não está ainda polido, mas gabo-me de que reconhecerá Roma, como reconheço a França em sua bela obra. ...

À SRA. DUQUESA DU MAINE

Lunéville, 14 de agosto [de 1749]

Sua Alteza sereníssima foi obedecida, não tão adequada, mas pelo menos tão prontamente quanto merece. A senhora ordenou-me *Catilina*, e isto está feito. A neta do grande Condé, a guardiã do bom gosto e do bom senso, tinha razão em ficar indignada vendo a monstruosa farsa da *Catilina* de Crébillon encontrar admiradores. Nunca Roma foi mais aviltada, e nunca, Paris, mais ridícula. Sua bela alma queria vingar a honra da França; temo apenas que tenha esperado a vingança de mãos indignas. Respondo apenas, senhora, por meu zelo. Talvez tenha sido apressado demais? De tal forma mergulhei na leitura de Cícero, de Salústio e de Plutarco, com o coração tão excitado pelo desejo de agradá-la, que fiz a peça em oito dias. Tenha a bondade, senhora, de subentender nisto também oito noites. ...

A sra. du Châtelet, a quem eu trazia um ato a cada dois dias, estava tão admirada quanto eu. Temos aqui três ou quatro pessoas de gosto muito

erudito, e até mesmo rebuscado, que se opõem terminantemente a que o amor avilte tema tão terrível. Aham que eu estaria perdido, caso a galanteria de Racine viesse enfraquecer em minhas mãos a verdadeira tragédia, que ele só alcançou em *Athalie*; que também estaria perdido se caísse nas declamações de Corneille; e querem uma ação contínua, sempre vivaz, sempre intrigante, sempre terrível, um quadro fiel e exuberante de Roma, com Cícero em sua grandeza, César na aurora da sua e já acima dos outros homens, as *Catilinárias* em ação, a verdade fielmente observada e, enquanto ação, apenas Catilina perdidamente arrebatado pela mulher com quem se casou em segredo, mulher virtuosa e que, de fato, ama o marido. Catilina forçado a matar o pai de sua mulher, no instante em que esse romano quer revelar a conspiração. Eis, grosso modo, senhora, o que se pretendia e o que encontrei como fundo. Talvez o longo hábito de fabricar versos, a sublimidade do assunto e sobretudo o ardor de agradá-la tenham feito com que eu me superasse. ...

Agora cumpre rever com severa fleuma o que fiz sob o fogo do entusiasmo, procurando correção e elegância. E isso custa mais do que uma tragédia. ...

AO SR. CONDE D'ARGENTAL

Lunéville, 4 de setembro [de 1749]

... A sra. du Châtelet, esta noite, rabiscando o seu *Newton*, sentiu um pequeno desconforto; chamou a camareira, que teve apenas o tempo de estender o seu avental e recolher uma menininha, que foi levada ao berço. A mãe arrumou seus papéis, recolheu-se ao leito, e ambas dormem a sono solto nesta hora em que lhe falo.

Minha *Catilina* certamente será parida com maior dificuldade. ...

AO SR. VIGÁRIO DE VOISENON

Lunéville, 4 de setembro [de 1749]

Saberia o caro vigário *greluchon*⁸² que a sra. du Châtelet, estando esta noite à sua escrivaninha, como é seu louvável costume, exclamou: *Sinto algo estranho!* E que o que sentia era uma menina que ali mesmo veio ao

mundo? Ela foi colocada sobre um livro de geometria que estava sendo usado e a mãe foi se deitar. Eu, que estava sem saber o que fazer naqueles seus últimos dias de gravidez, comecei a produzir um filho sozinho e em oito dias pari *Catilina*. Trata-se de alguma zombaria da natureza, que me levou a fazer em uma semana o que a Crébillon custou trinta anos. Estou encantado com o parto da sra. du Châtelet e apavorado com o meu.

Não sei se a sra. du Châtelet vai me imitar e engravidar novamente, pois, quanto a mim, assim que dei à luz *Catilina* fui premiado com nova gestação e na mesma hora, fiz *Electra*. ...

À SRA. DENIS

Lunéville, 10 de setembro [de 1749]

Querida criança, acabo de perder uma amizade de vinte anos. Como sabe, há muito não via mais a sra. du Châtelet como mulher e conforta-me que participe comigo desta dor cruel. Tê-la visto morrer – e em que circunstâncias! E por causa de quê! – é horrível. Não abandono o sr. du Châtelet na dor que ambos sofremos. Preciso ir a Cirey. Há papéis importantes. De lá, volto a Paris para vê-la e encontrar, com a senhora, um consolo único e esperança para a vida.

À SRA. MARQUESA DU DEFFAND

10 de setembro [de 1749]

Acabo de assistir à morte, senhora, de uma amiga de vinte anos que a amava de verdade e que me falava, dois dias antes desta morte funesta, do prazer que seria vê-la em Paris em sua próxima viagem. Eu havia pedido ao presidente Hénault que lhe transmitisse a notícia de um parto que se anunciava simples e feliz; havia, em minha carta, um extenso trecho dirigido à senhora. A sra. du Châtelet pedira que lhe escrevesse e pensei cumprir o dever escrevendo ao sr. presidente Hénault. A triste criancinha recém-nascida e que causou sua morte não me interessava tanto. Infelizmente, senhora, tratamos a ocorrência como brincadeira e foi nesse tom que escrevi, por ordem dela, a seus amigos. Se algo existe capaz de agravar o estado horrível em que me encontro, é ter participado, jubiloso,

de uma aventura cujas sequelas hão de envenenar o resto de toda a minha miserável vida. Não lhe escrevi por ocasião do parto e anuncio a sua morte. É à sensibilidade de seu coração que recorro, no desespero em que me encontro. Estou sendo levado para Cirey, para junto do sr. du Châtelet. De lá, volto a Paris sem saber o que será de mim, e esperando poder encontrá-la. Permita que, ao chegar, tenha o doloroso consolo de falar com a senhora e prantear a seus pés uma mulher que, com suas fraquezas, possuía a alma tão respeitável.

À SRA. DENIS

Châlons-sur-Marne, 29 de setembro [de 1749]

Todas as suas cartas, querida criança, cumularam-me dos mais ternos sentimentos, e todos os meus projetos se limitam a passar com a senhora o restante de minha infeliz vida e morrer em seus braços. ... Temo a estadia em Paris e as perguntas sobre o acontecimento funesto. Quero pôr um intervalo entre isso e a curiosidade de um público ávido de novidades, que dilacera as chagas dos infelizes. ...

Com a morte da sra. du Châtelet e o fim do período em Cirey, intensifica-se a relação de Voltaire com sua sobrinha, a sra. Denis. Ele finalmente parte para a Prússia, e entusiasma-se com a corte do rei-filósofo. Mostra, porém, certa mágoa por não ser lido na França. Passado algum tempo, sucedem-se intrigas e polêmicas.

AO SR. D'ARNAUD

Paris, 19 de maio de 1750

... Só mesmo Frederico o Grande, no mundo inteiro, para me fazer empreender tal viagem. Por ele deixo minha casa, meus negócios e a sra. Denis. Levo apenas meu gorro de dormir para ver sua cabeça coberta de louros. Porém, caro amigo, preciso mais de um médico do que de um rei. O rei da Sardenha mandou uma espécie de mordomo buscar o padre

Nollet, que padeceu de indigestões durante todo o caminho. O rei da Prússia podia me mandar um boticário. ...

AOS SRS. CONDE E CONDESSA D'ARGENTAL

Potsdam, 24 de julho [de 1750]

Divinos anjos, saúdo-os do céu de Berlim; passei pelo purgatório para chegar aqui. Um equívoco reteve-me quinze dias em Clèves, e infelizmente nem a duquesa de Clèves nem o duque de Nemours⁸³ estavam mais no castelo. As ordens do rei foram suspensas por quinze dias; deveria ter dedicado esses quinze dias a *Aurélie*⁸⁴ e só os dediquei às indigestões. Faço a vocês minha confissão, meus anjos. Aqui estou, finalmente, neste lugar antes tão bárbaro e que se encontra, atualmente, tão embelezado pelas artes quanto enobrecido pela glória. Cento e cinquenta mil soldados vitoriosos e nenhum promotor. Ópera, comédia, filosofia, poesia, um herói filósofo e poeta, grandeza e graça, granadeiros e musas, trombetas e violinos, banquetes de Platão, sociedade e liberdade! Quem acreditaria? Tudo isto, no entanto, é verdade, mas não se compara às nossas antigas ceias. É preciso ver Salomão em sua glória, mas é preciso viver na companhia do senhor, do sr. de Choiseul e do sr. abade de Chauvelin!⁸⁵ Que esta carta, por favor, se dirija também a eles, que saibam a que ponto me fazem falta, mesmo ouvindo Frederico o Grande. Morro de vergonha por ocupar o apartamento do sr. marechal da Saxônia: quiseram colocar o historiador no quarto do herói.

A tamanhas honras jamais aspirei

Tímido, pouco à vontade, mal ousa delas gozar.

Teria Quinto-Cúrcio conseguido dormir

Se ousasse no leito de Alexandre deitar?!⁸⁶

Mas em que camas dormem vocês? Na vizinhança do Bois de Boulogne? Em Plombières? Em Paris? A sra. d'Argental precisou da estância hidromineral? Há um mês ignoro o que mais gostaria de saber. Comunicaram-me que a graça e sensibilidade da sra. de Graffigny⁸⁷ fizeram sucesso. Minha trupe representou *Júlio César*⁸⁸ em minha casa. Mas não tenho a mínima ideia do que fazem meus anjos. Fui obrigado a

esperar que me instalassem melhor para poder lhes escrever e receber notícias. Espero-as com a dupla impaciência da ausência e da amizade.

Adeus, meus anjos. Frederico o Grande é um tanto injusto com *Aurélie*. Ele consome meu tempo e minha alma. A caverna de Eurípides vale mais, para se fazer uma tragédia, do que os adornos de uma corte. Os deveres e prazeres são inimigos mortais de obra tão grandiosa.

Não me poupem suas bondades, que me farão estimar sua companhia e desfrutar de *poemata tragica et omens has nugas*,⁸⁹ até o último momento de minha vida.

À SRA. DE FONTAINE, EM PARIS

Potsdam, 7 de agosto [de 1750]

... O que adianta o palácio de Sans-Souci ser tão bonito quanto o Trianon o herói da Alemanha tão encantador em sociedade quanto a senhora? O que adianta ele dispensar-me os cuidados mais tocantes, cultuar ao meu lado as belas-artes, que ele idolatra, e, condescendente, deixar seu gracioso trono para estar comigo, se nem assim deixo de sentir cólicas pela manhã? Tenho passado dias maravilhosos e organizam-se em Berlim festas que poderão se igualar às mais belas de Luís XIV, mas somente pessoas muito saudáveis podem desfrutar de tudo isso. Nós, querida sobrinha, temos apenas as sombras do prazer. ...

À SRA. DENIS, EM PARIS

Charlottenburgo, 14 de agosto de 1750

... Veja como estão as coisas, querida criança. O rei da Prússia faz de mim seu camareiro, concede-me uma de suas Ordens e vinte mil francos de pensão. Para a senhora, quatro mil, assegurados por toda a sua vida, se quiser vir manter minha casa em Berlim, como faz em Paris. A senhora morou em Landau com seu marido; garanto que Berlim é melhor que Landau, além de contar com melhores óperas. Pense, consulte seu coração. Há de achar que é preciso o rei da Prússia gostar muito de versos. A verdade é que se trata de um autor francês nascido em Berlim. Achou, tendo pensado bem, que eu lhe seria mais útil do que d'Arnaud. Perdoei a

Sua Majestade, como a Hurtaud, os versinhos galantes que fez para o meu jovem aluno, tratando-o de “sol nascente” luminosíssimo e, a mim, de “sol poente” desbotado. Muitas vezes, ele arranha com uma das mãos enquanto com a outra acaricia, mas basta tomar um pouco de cuidado. Ele pode ter o nascente e o poente junto a si, se me permite a comparação, enquanto ocupa o pleno meio-dia, fazendo prosa e verso a seu bel-prazer, já que não tem batalhas a travar. Eu próprio tenho pouco tempo de vida. Talvez seja mais ameno morrer à moda de Potsdam que como um papa-hóstita em Paris. E a senhora, depois disso, poderá voltar com suas quatro mil libras de dote. Se tais propostas lhe convêm, prepare as malas na primavera. Enquanto isso, farei minha peregrinação italiana, indo ver são Pedro de Roma, o papa, a Vênus de Médici e a cidade subterrânea. Aflige meu coração morrer sem ter visto a Itália. Podemos nos encontrar no mês de maio. Tenho quatro versos do rei da Prússia para Sua Santidade. Será engraçado levar ao papa quatro versos franceses de um monarca alemão e herege e trazer de volta indulgências para Potsdam. Bem vê que ele trata melhor os papas que as beldades. Ele não lhe fará versos, mas a senhora encontrará boa companhia e terá uma boa casa.

AO SRS. CONDE E CONDESSA D’ARGENTAL

Charlottenburgo, 21 de agosto [de 1750]

Queridos anjos, se eu lhes dissesse que tivemos aqui fogos de artifício no estilo daqueles da Pont-Neuf, que iremos hoje a Berlim para assistir *Phaéthon*, cujos cenários são em espelho, que diariamente há festas, que d’Arnaud encenou o seu *Mauvais riche* e que foi criticado, no todo e nos detalhes, exatamente como seria em Paris, certamente tudo isso os interessaria muito pouco. Aliás, meu coração oprimido e dilacerado, depois de tudo que decidi, não permite usufruir o deslumbre das nossas festas, e sinto perfeitamente que o restante de meus dias está envenenado, apesar da liberdade e da doçura de uma vida tranquila, apesar das inesgotáveis bondades de um rei que em tudo parece Marco Aurélio, com a ressalva de que Marco Aurélio não compunha versos e este os compõe excelentes, quando se dá ao trabalho de corrigi-los. Demonstra mais inspiração do que eu e eu, mais transpiração do que ele. Aproveito a confiança que ele deposita em mim para dizer a verdade de forma mais crua do que faria

com Marmontel, d'Arnaud ou com minha sobrinha. Não sou condenado a trabalhos forçados por criticar seus versos; agradece-me, corrige-os, e sempre para melhor. Precisa ser perfeito em tudo. Não se deve dizer *Caesar est supra grammaticam*.²⁰ César escrevia como guerreava. Frederico toca flauta como Blavet; por que não haveria de escrever como nossos melhores autores? ... Saibam também que é o melhor dos homens, ou eu o mais tolo. A filosofia aperfeiçoou ainda mais o seu caráter. Corrigiu-se como corrige suas obras. ... Peço-lhes que incentivem a sra. Denis a vir para Berlim em março. ...

O rei da Prússia prometeu-me que as rainhas (que nada sabem ainda de nossos planos) vão tratá-la com as distinções e generosidades mais lisonjeiras. Ela será meu consolo na velhice. Orientem-na para essa boa ação. Não há mais como recuar. O rei da Prússia requereu minha permanência a nosso rei e não sou objeto de tanta importância assim para que ele queira me conservar na França. ...

AO SR. MARECHAL DUQUE DE RICHELIEU

[c. 31 de agosto de 1750]

... Quando eu me encontrava em Lunéville, o rei Estanislau cometeu a feitura de uma obra bastante medíocre intitulada *O filósofo cristão*. Mandou seu secretário Solignac corrigir os erros de francês e enviou o manuscrito à rainha sua filha, pedindo-lhe a opinião. Creio saber a quem a rainha consultou, mas, não tendo certeza, contento-me em dizer que a rainha respondeu ao rei, seu pai, que o manuscrito era obra de um ateu, que se percebia claramente ser eu o autor e que a sra. du Châtelet e eu o pervertíamos. A rainha imaginava sermos confidentes da quedinha do rei Estanislau pela sra. de Boufflers e que, além disso, o arrastávamos à irreligião. ...

Não me restava outro recurso senão a sra. de Pompadour, mas todos os nossos letrados faziam o que podiam para afastá-la de mim, e o rei nunca demonstrou a menor boa vontade para com a minha pessoa. ...

Nessas circunstâncias, o rei da Prússia, com quem me correspondia há dezesseis anos, chamou-me à sua corte, pedindo que fosse visitá-lo. Minha chegada foi motivo para festas, quadrilhas e prazeres. O rei da Prússia trata-me tão bem quanto me tratavam mal em meu país. Promete

que passarei o resto de minha vida feliz. ... Gozo de inteira liberdade, sobretudo quanto ao meu tempo; nada me estorva. Acredita, senhor, que as rainhas me convidaram para almoçar ou cear quando quisesse, e se espantam que eu apenas raramente compareça? As ceias com o rei são muito agradáveis, divertidas e mantêm meu espírito afiado. A conversa em geral é instrutiva e alimenta a alma. ...

Maupertuis, na verdade, tornou-se intratável, mas Algarotti e alguns outros são ótima companhia. O que mais é preciso em minha idade? ...

Só terminei *O século de Luís XIV* para desbravar o caminho e merecer a estima dos homens de bem. A história, aliás, exige verdade tão isenta que um historiador da França só pode escrevê-la fora da França. ...

Tive a honra de saber pelo senhor que o rei e a sra. de Pompadour, que sequer me olhavam quando eu estava na França, ficaram chocados com a minha partida. Como serei tratado quando regressar? A sra. de Pompadour, em última instância, parece haver se distanciado de mim.

Devo renunciar à estima, à amizade de um dos maiores reis da Terra, um homem que passará à posteridade, para ir disputar um fardão que não conquistarei? Para ter que solicitar ao sr. d'Argenson, na minha velhice, permissão para eventualmente passar uma hora nas reuniões das academias de Ciências e das Inscrições, quando ele é quem deveria me oferecer esse consolo espontaneamente?

Bem sei que com um pouco de filosofia e uma saúde das piores, pode-se perfeitamente ficar em casa, em Paris, e tudo indica que este é o caminho que minhas doenças e senilidade avançada far-me-ão tomar. ...

À SRA. DE FONTAINE, EM PARIS

Berlim, 23 de setembro [de 1750]

... Quando dizem, querida sobrinha, que todos os caminhos levam a Roma, se esquecem de mim. Ansiava por ver essa tal Roma e esse bom papa que temos, mas a senhora e sua irmã chamam-me à França. Sacrifico-lhes o santo padre. Gostaria, da mesma forma, de sacrificar-lhes o rei da Prússia, mas não vejo como. Ele é tão amável quanto as senhoras, é rei, mas trata-se, além de tudo, de uma paixão de dezesseis anos: ele me virou a cabeça. Atrevi-me a achar que a natureza modelou-me para ele. Descobri uma afinidade tão singular entre todos os nossos gostos que esqueci ser ele o

soberano de meia Alemanha, que a outra metade treme ao ouvir seu nome, que ganhou cinco batalhas, que é o maior general da Europa, que está cercado de imensos e diabólicos heróis de seis pés de altura. Tudo isto me teria feito fugir a mil léguas de distância, mas o filósofo que ele é me cativou junto com o monarca e vejo apenas um grande homem, bom e sociável. ...

O clima não é tão inclemente quanto imaginam. Vocês, parisienses, acham que estou na Lapônia. Saibam que tivemos um verão tão quente quanto o daí, comemos bons pêssegos e boas moscatel e que, por três ou quatro graus de sol a mais ou a menos, não se deve olhar as pessoas tão de cima. ...

À SRA. DENIS, EM PARIS

Potsdam, 13 de outubro de 1750

Fui entregue, querida criança, ainda em bom estado, ao rei da Prússia. O casamento, então, foi consumado. Será bem-sucedido? Não sei. Não tive como não dizer o *sim*. O casório era inexorável, após os flertes de tantos anos. O coração bateu forte no altar. Pretendo, neste próximo inverno, ir até aí contar-lhe tudo e talvez raptá-la. Desisti de vez da viagem à Itália. Sem remorsos, sacrifiquei pela senhora o santo padre e a cidade subterrânea; talvez devesse ter sacrificado Potsdam.

É engraçado que os mesmos letrados de Paris que pretendiam me *exterminar* há um ano agora gritem contra o meu afastamento, chamando-o deserção. Parecem decepcionados por perder uma presa. Fiz muito mal em deixá-la, meu coração diariamente o repete, mais do que pode imaginar; mas fiz muito bem em me afastar daqueles senhores. ...

AO MARQUÊS DE THIBOUVILLE

Potsdam, 24 de outubro [de 1750]

... Fomos feitos para correr mundo juntos, como os antigos trovadores. Construo um teatro, faço encenar comédias em todo lugar onde estou, em Berlim e em Potsdam. É alvissareiro encontrar um príncipe e uma princesa da Prússia, ambos da estatura da srta. Gaussin, declamando sem o menor

sotaque e com muita graça. Devo admitir, a srta. Gaussin é superior à princesa. Esta, porém, possui grandes olhos azuis, o que não deixa de ter seu mérito. Sinto-me como se estivesse na França. Fala-se apenas nossa língua; o alemão fica para os soldados e os cavalos, sendo necessário apenas na estrada. ...

À SRA. DENIS

Potsdam, 24 de novembro de 1750

O sol nascente foi deitar-se. O pobre d'Arnaud entediava-se mortalmente não vendo rei nem atrizes, e tendo somente baionetas diante do nariz. Tudo isso, junto com o pesar de ver a mim, o sol poente, paparicado, levou-o a pedir bem triste sua dispensa. O rei então ordenou asperamente que partisse em vinte e quatro horas e, como os reis são ocupadíssimos, esqueceu-se de pagar-lhe a viagem. Isto dá margem, criança, a profundas reflexões sobre os riscos da grandeza. D'Arnaud desfrutava uma das mais belas posições no reinado. Era o menino-poeta do rei, e Sua Majestade prussiana compusera versinhos bem galantes em sua homenagem. Não temos exemplo, desde Belisário,⁹¹ de queda mais terrível. Como trata, o monarca *bel esprit*, um de seus dois sóis! Eu, na estrada, a caminho da corte, escrevi-lhe:

Que diabo de Marco Aurélio!

E que malícia a vossa!

Enquanto uma de vossas mãos arranha,

A outra afaga.

Mais que nunca sou tratado com carinho; *porém...* Adeus, Adeus, estou louco para beijá-la.

AO SR. DEVAUX

Potsdam, 8 de maio de 1751

... Nossa temporada em Potsdam é uma perpétua academia. Deixo que o rei seja Marte pela manhã e à noite, Apolo. Durante a ceia, nada faz lembrar que tenha exercitado cinco ou seis mil heróis de dois metros de altura. É Esparta e é Atenas. É um campo de batalha e o jardim de Epicuro,

trombetas e violinos, guerra e filosofia. Disponho à vontade de meu tempo, estou na corte e sou livre. Se não fosse inteiramente livre, não tivesse uma pródiga pensão e uma chave de ouro⁹² que rasga o bolso, ou ainda o cabresto que se chama “cordão de uma Ordem”, nem mesmo os jantares com um filósofo que ganhou cinco batalhas seriam capazes de me proporcionar um grão de felicidade. Envelheço, não gozo de boa saúde e prefiro estar à vontade com minha papelada, minha *Catilina*, meu *Século de Luís XIV* e minhas pílulas do que em jantares com reis e com o que chamam de “glória e fortuna”. Trata-se de estar contente e sossegado; o resto é quimera. ...

AO SR. MARECHAL,
duque de Richelieu

Berlim, 31 de agosto de 1751

Meu herói, um criado de minha sobrinha trouxe-me ontem duas cartas suas, que me deram tanto prazer e inspiraram tanta gratidão, que eu, que sou *intempestivo*, como dizia Montaigne, se pudesse partiria imediatamente para lhe agradecer. O senhor dispensa a mesma bondade aos meus muçulmanos que dispensa aos calvinistas da serra das Cévennes. Deus irá abençoá-lo por ter protegido a liberdade de consciência. Autorizar a apresentação do profeta *Maomé* em Paris e permitir que se ore a Deus em francês em suas montanhas do Languedoc⁹³ são duas coisas maravilhosamente edificantes. Mas sabe que sou mais sensível ainda à primeira. Devo-lhe cânticos de ação de graças. Sou cem vezes mais grato ao senhor do que ao papa, pois, afinal de contas, ele não encenou *Maomé* publicamente em Roma; mas a peça traduzida foi representada em reuniões privadas. Foi representada publicamente em Bolonha, que é, como sabe, terra papal. Veja que pode, com a consciência tranquila, encenar meu *Profeta* em Paris. Agradeço-lhe igualmente por ter preferido não se arriscar com *Catilina*: embora a de Crébillon tenha feito sucesso, talvez exijam mais de mim que de meu confrade, porque não sou tão velho.

Se me permitir raciocinar em termos literários, tenho a honra de dizer que minha peça teria sido bem recebida, disputada, colocada nas nuvens na época da Fronda. Felizmente as conspirações saíram de moda; felizmente

para o Estado, é claro, e muito infelizmente para o teatro. Somente rapazes e belas damas bem-vestidas, muito francesas e muito pouco romanas, vão aos espetáculos; é-se obrigado então a falar do que lhes seja familiar e nada se consegue sem rasgos sentimentais. Não posso reformar meu país e, admito, há obras bem-sucedidas que não são baseadas em intriga amorosa. Não esperaria que *Rome sauvée* fosse representada tantas vezes quanto *Zaire*, mas creio que, bem montada, os franceses poderiam até estranhar gostarem tanto de Cícero e de César. Confesso que tenho a fraqueza de detectar nessa obra algo que recende à antiga Roma. Dei o que tenho de melhor. Não entrarei em discussão alguma, embora tenha muita vontade. Enviei *Rome* pelo milorde Marechal,⁹⁴ antigo conjurado da Escócia, a pessoa certa para cuidar de minha conspiração de *Catilina*; o senhor há de julgar, e assim interrompo por ora todas as reflexões que gostaria de fazer e me reporto à sua clarividência e bondade.

Prefiro diverti-lo, enviando alguns trechos do *Século de Luís XIV*. É esse *Século* que me priva da alegria de cortejá-lo. Comecei a edição e não tenho como interrompê-la. Trabalho como um beneditino. A edição do *Século*, outro disparate meu, reimpresso sob meu controle, problemas com *Rome sauvée*, enfim, veja se posso partir e se tenho um instante livre. Talvez pense que sou um autêntico pedante e é possível que tenha razão; mas jamais se deve abandonar o que se começou e talvez não o aborreça ler o *Século*.

Peço que diga, monsenhor, se me engano, mas achei que seria difícil imprimir a história de um país no próprio país. O sr. d'Aguesseau⁹⁵ tiranizava a literatura quando deixei Paris e o senhor decerto constatou que não havia um censorzinho de livros que não considerasse um mérito e um dever mutilar minha obra ou simplesmente destruí-la. Não sabe a centésima parte das tribulações por que passei graças a meus caros confrades, gente das letras, e a tantos mais que se opõem a todos que não lhes imploram a proteção.

Ingenuamente confesso que tive a infelicidade de desagradar bastante ao teatino Boyer,⁹⁶ aliás muito venerável, mas que de maneira pouco cristã passou uma péssima impressão de mim ao senhor delfim e à senhora delfina. Poderia escrever volumes sobre tudo isso, se quisesse, ou melhor, se o senhor quisesse; mas voltemos ao *Século*. Por conta própria, dei-me o papel de juiz dos reis, dos generais, dos parlamentos, da Igreja e das seitas que a dividem: é o fardo que carrego. Todo escrevinhador que se torna

historiador faz o mesmo. Acrescente a esse fardo o de me sentir obrigado a contar episódios picantes, que não podem ser ignorados.

Como imprimir, em Paris, tudo que concerne à sra. de Montespan e à sra. de Maintenon e seu casamento? Ou desistimos da História ou não amputamos os fatos. Está na hora de mostrar o que as consequências muito mal resolvidas da revogação do edito de Nantes custou à França. É mister reconhecer a conduta desastrosa do ministério, na guerra de 1701. Ousei cumprir todos esses deveres, talvez perigosos, mas, ao expressar assim a verdade, por ora (pois posso estar enganado) posso me gabar de ter erguido à glória de Luís XIV um monumento mais duradouro do que todas as adulações com que o revestiram em vida. Muitas histórias sobre ele foram escritas, mas talvez apenas na minha ele seja verdadeiramente grandioso.

Seria lícito eu declarar que trouxe a história do século até o tempo presente, com um *Painel* ⁹⁷ resumido da Europa, desde a paz de Utrecht⁹⁸ até 1750? Acrescento que descrevi o cardeal de Fleury como imagino ter sido. Bem pode imaginar que toda essa parte foi examinada por alto, sem praticamente nenhum detalhamento; quis apenas mostrar como as concepções de Luís XIV tiveram continuidade ou se transformaram, como foi aprimorado o que ele consolidou ou atenuados os revezes por ele sofridos no final da vida. E assim como comecei seu século com um retrato da Europa, termino do mesmo modo.

Nenhum contemporâneo vivo é citado, à exceção do senhor e do senhor marechal de Belle-Isle,⁹⁹ porém sem nenhuma afetação. Posso estar novamente enganado, mas acredito que o rei não ficaria descontente caso dispusesse de tempo de ler esse trabalho. Penso inclusive que a sra. de Pompadour concordaria com a maneira como me refiro às senhoras de La Vallière, de Montespan e de Maintenon, de que tantos historiadores falaram com uma grosseria revoltante e preconceitos ultrajantes.

Diria ainda que talvez os elogios que faço à pátria ganhem mais peso por eu estar longe dela, e que o que passaria por adulação, caso impresso em Paris, soe como a simples verdade, dito em outro lugar.

Se porventura, após todas as precauções tomadas, ainda assim julgarem na França que tomei liberdades demais, o senhor haverá de convir que minha ida para a Prússia foi uma decisão feliz. Mas quero crer que não desagradarei, sobretudo após haver sondado os espíritos e preparado a opinião pública no início do ensaio sobre Luís XIV,

acrescentando episódios em que digo coisas bem fortes, e nos quais não poupei a conduta imperdoável do Parlamento, na regência de Ana da Áustria, muito pelo contrário.

Responderei à pergunta que me faz sobre os motivos de minha permanência na Prússia com a mesma veracidade com que escrevo a história, ainda que todos os funcionários de todos os correios possam violar minha carta.

Aceitei o convite do rei da Prússia, pretendendo ir em seguida à Itália e voltar, depois de imprimir o *Século de Luís XIV* na Holanda. Cheguei a Potsdam e os grandes olhos azuis do rei, seu sorriso meigo e voz serena, suas cinco batalhas e o gosto extremado pela reclusão e o trabalho, pelos versos e a prosa, tudo com uma generosidade de virar a cabeça e à qual se juntam uma conversa deliciosa, a liberdade, o esquecimento das tribulações do reinado durante o convívio e mil atenções que já seriam sedutoras em um particular – tudo isso me impressiona muito. Entrego-me por paixão, por cegueira e sem pensar. Sinto-me numa província da França. Ele solicitou minha permanência ao rei seu irmão,¹⁰⁰ e creio que o rei seu irmão ficou bastante satisfeito com isso. Juro, como se estivesse prestes a morrer, não entrar na minha cabeça que o rei ou a sra. de Pompadour se preocupem minimamente comigo e possam, de algum modo, estar irritados. Pensava comigo mesmo: a um rei da França, o que importa um átomo, como eu, a mais ou a menos? Na França, fui assediado, acuado, perseguido durante trinta anos por letrados e carolas. Aqui, estou sossegado, levo uma vida plenamente conveniente à minha saúde precária, tenho todo o tempo do mundo, nenhum dever a cumprir. O rei me convida para almoçar em seu quarto e, muitas vezes, também para jantar. É como vivo há um ano. E exceto pelo anseio de estar junto a si – o que me atormentou o ano inteiro –, e por uma sobrinha que amo de todo coração, eu estaria felicíssimo.

Eu julgaria impertinência de minha parte falar tão longamente de minha pessoa, caso não houvesse ordenado; ainda assim, peço licença para me estender mais um pouco. Pergunta-me por que assumi a chave de camareiro, a cruz de uma ordem real e vinte mil francos de pensão? Por acreditar que minha sobrinha viria morar aqui. Ela já estava preparada para tal, mas a vida em Potsdam, que para mim é deliciosa, pode ser abominável para uma mulher. Com isso, vejo-me infeliz em plena felicidade, coisa bem comum em nós, homens. Ao mesmo tempo, o que

aumenta minha felicidade, minha sensibilidade e minhas saudades, o que me arrebatava e dilacerava era a bondade com que se dignou tomar conhecimento de meus descaminhos e infortúnios. Como encontra tempo para tanta bondade? Como? Sobra-lhe ainda algum tempo? Ah! Se fosse um pouco sedentário, como meu rei da Prússia!... Porém...

O senhor haveria se excedido em boa vontade se me tivesse falado um pouco da srta. de Richelieu e do sr. duque de Fronsac. Diz-me que envelhece; nunca envelhecerá; a natureza deu-lhe a chama com a qual jamais sentimos a languidez da idade. Ficará mais filósofo, velho nunca; eu sim, indigno, envelheci terrivelmente e receio que em pouco tempo não esteja mais apto a usufruir os encantos de reis e dos marechais de Richelieu. Preciso ao menos de pernas para andar e dentes para falar. O rei da Prússia assevera que ficarei muito bem sem dentes, mas imagine que bela conversa quando não se pode mais articular corretamente! Morre-se assim aos poucos, vendo morrerem quase todos os amigos, mas o sonho penoso da vida logo terminará. ...

À SRA. DENIS, EM PARIS

Berlim, 2 de setembro de 1751

... La Mettrie,¹⁰¹ em seus prefácios, gaba-se da extrema felicidade de estar junto a um grande rei que, às vezes, lê os seus versos para ele, mas, em segredo, chora em meus ombros. Se pudesse, ele iria embora correndo, enquanto eu, eu... por que estou aqui? Provavelmente vou surpreendê-la.

Esse La Mettrie é bastante inconsequente e conversa com toda a familiaridade com o rei. Fala comigo com franqueza e jurou que, comentando com o rei um dia desses sobre pretensos privilégios meus e a ciúmeira que provocam, o rei teria respondido: “Preciso dele por mais um ano, no máximo; espremida a laranja, o bagaço vai para o lixo.”

Fiz com que repetisse essas doces palavras, multipliquei minhas interrogações, e ele só fez confirmar o que disse. Em quem acredita a senhora? Devo acreditar? Será possível? Como? Dezesseis anos de generosidades, presentes, promessas, tempo em que tudo sacrifiquei para servi-lo, em que não só corriji suas obras, como compus em suas margens toda uma retórica, dando fluxo à poética, retocando-a a cada pequena falha que notasse, com reflexões sobre as propriedades de nossa língua,

procurando apenas ajudar o seu gênio, esclarecê-lo e, de fato, criar condições para que não necessitasse mais de meus cuidados! ...

Relendo seus versos, encontrei uma epístola a um pintor chamado Pene. Eis os primeiros versos:

Que espantoso espetáculo acaba de me ferir a visão!

Caro Pene, teu pincel coloca-te no topo do panteão!

Esse Pene é um homem que ele nem olha. No entanto, é o caro Pene, entrou para o panteão. Talvez venha a acontecer o mesmo comigo. Pode ser que apenas a inteligência o influencie quando escreve, mas o coração está longe. ...

O que fazer? Esquecer e esperar. A senhora, certamente, será o meu consolo. Nunca direi da senhora: Ela me enganou, jurando amar-me. Fosse a senhora rainha, ainda assim seria sincera. ...

À SRA. DENIS, EM PARIS

Potsdam, 29 de outubro de 1751

... Continuo a sonhar com o “bagaço da laranja”¹⁰²; tento não acreditar, mas temo ser como os maridos traídos, querendo achar que suas mulheres são fiéis. No fundo do coração, os pobres coitados sabem que algo já anuncia o desastre. ...

Sinto-me como alguém que cai de um campanário e que, ainda nos ares, pensa: Bom, se continuar assim, ótimo. ...

AO SR. PRESIDENTE HÉNAULT, EM PARIS

Berlim, 8 de janeiro [de 1752]

Uma das maiores dívidas que um homem pode ter para com outro é a de ser instruído; devo-lhe, portanto, caro confrade, o mais terno e vivo reconhecimento. Aproveitarei imediatamente a maioria de suas observações;¹⁰³ mas antes cumpre agradecê-las.

Há determinados trechos em que eu poderia fazer algumas apresentações, como no da casa do príncipe de Vaudemont: não o pai, mas o filho, que estava no partido dos imperiais e atendia então por príncipe de Commercy.

Se acredita seriamente que o visconde de Turenne mudou de religião, aos cinquenta anos, por convicção, possui de fato uma boa alma. Entretanto, se for preciso amenizar esse aspecto, tendo em vista o preconceito, aceito de todo o coração; não quero absolutamente chocar esses poderosos senhores que são os preconceitos. ...

Eu poderia, se quisesse, justificar-me da crítica que me faz de denegrir o grande Condé; nada seria mais fácil. Se é do primeiro tomo que fala, sua retirada para Chantilly é a de Cipião para Linterno e a de Marlborough para Blenheim; se é do segundo volume, faltou muito para que eu dissesse que ele morreu por ter sido cortesão. Não faço senão responder a todos os historiadores que, erroneamente, afirmaram que ele se opôs ao casamento do filho com uma filha da sra. de Montespan. São esses senhores, têm a cabeça tão fraca quanto a do príncipe de Condé em seus últimos anos de vida; e acham que eu disse o que pensam. Mas, na verdade, nada falei sobre tal, embora fosse permitidíssimo escrevê-lo. Além disso, lançaria minha obra ao fogo caso acreditasse que pode ser vista como obra de homem ardiloso.

Minha intenção foi traçar um grande painel dos eventos que merecem ser descritos, e manter os olhos do leitor o tempo todo presos nos principais personagens. Em qualquer história, como numa tragédia, é preciso exposição, trama e desenlace caso contrário não passamos de um Reboulet, um Limiers, ou um La Hode. Aliás, enxerto no meu vasto painel diversos episódios interessantes. Odeio os fatos menores e não foram poucos os que sobrecarregaram com eles suas enormes compilações.

Creio ter inserido mais fatos relevantes num único volume do que Lamberti em seus vinte tomos.¹⁰⁴ Procurei sobretudo tornar atraente uma história que, até hoje, todos que a trataram tornaram enfadonha. Por isso vi príncipes, que jamais leem e dominam mal nossa língua, ler esse volume com avidez, sem conseguir largá-lo.

Meu segredo é forçar o leitor a perguntar-se: Filipe V será rei? Será expulso da Espanha? A Holanda será destruída? Luís XIV sucumbirá? Em suma, quis criar emoção, mesmo na história.

Talvez eu tenha merecido a pecha de filósofo livre, mas creio não haver deixado escapar nenhum ataque à religião. Os arroubos do calvinismo, as querelas do jansenismo, as ilusões místicas do quietismo não são religião. Tornar execrável o fanatismo e ridículas as discussões teológicas é um favor que prestamos ao espírito humano. Acredito,

inclusive, estar assim servindo ao rei e à pátria. Alguns jansenistas podem se queixar, mas a gente sensata há de aprovar.

O rol completo dos escritores etc. que me aprova, seria mais amplo e mais detalhado caso eu pudesse trabalhar em Paris pois dessa forma me estenderia mais sobre todas as artes; era este meu principal objetivo, mas o que está ao meu alcance em Berlim?

Sabe que escrevi de memória grande parte do segundo volume? Mas não creio que, de outro modo, tivesse dito mais. Acho que é no governo interno que Luís XIV surge grandioso e é neste ponto que atribuo à nação uma superioridade que os estrangeiros são forçados a reconhecer.

Ousaria eu suplicar-lhe, senhor, a honra de suas observações sobre este segundo volume? Seria mais uma boa ação de sua parte. Tendo, para si, construído tão belo palácio, assente algumas pedras em minha casinhola. Console-me por estar tão longe; suas bondades só fazem aumentar meu arrependimento. Calcule a ferocidade da perseguição dos bandidos letrados, já que me forçaram a aceitar, fora da minha pátria, propriedades e honras, e me impuseram trabalhar, para essa mesma pátria, longe dos seus olhos.

À SRA. DENIS, EM PARIS

Potsdam, 24 de julho de 1752

Estão cobertos de razão, a senhora e seus amigos, em apressar a minha volta. Mas nem sempre o fizeram pelos correios extraordinários, e o que se transmite pelo serviço oficial é logo sabido.¹⁰⁵ Ainda que esta fosse a única mazela da ausência (mas há tantas outras!), nunca deveríamos deixar a família e os amigos. O serviço dos correios é uma bela instituição, mas para negócios. Não serve para as coisas do coração. Não podemos abri-lo não estando perto.

Perco então meu maior consolo e não lhe escrevo mais, querida criança, senão por vias seguras, que são raras. Eis minha situação: Maupertuis espalhou, discretamente, o boato de que acho as obras do rei muito ruins. Conta em surdina que, tendo o rei me enviado seus versos para corrigir, eu teria respondido: “Ele não se cansa de mandar sua roupa suja para eu lavar?” E repetiu essa extravagância para dez ou doze pessoas, sempre pedindo segredo. Enfim, desconfio que a coisa chegou aos ouvidos

do rei. Apenas desconfio, não posso afirmar. Não é uma situação muito agradável. Mas isso não é tudo.

Chegou aqui, no fim do ano passado, um rapaz chamado La Beaumelle,¹⁰⁶ que é, creio, de Genebra, e veio recomendado de Copenhague, onde era meio-pregador, meio-literato. É autor de um livro intitulado *Meus pensamentos*, onde expõe abertamente sua opinião sobre todas as potências da Europa. Maupertuis, com sua bondade costumeira e sem ver nisso malícia, foi convencer o rapaz de que eu falara mal do livro e da sua pessoa ao rei, o que dificultara seu ingresso no serviço de Sua Majestade. Para compensar o suposto mal que fiz à sua fortuna, esse La Beaumelle imediatamente preparou notas escandalosas sobre o *Século de Luís XIV*, que vai imprimir não sei onde. Os que viram esse texto dizem que nele há tanta tolice quanto palavras.

Quanto ao tema da querela entre Maupertuis e Koenig,¹⁰⁷ ei-lo: Este Koenig está apaixonado por um problema de geometria, como os antigos paladinos por suas damas. Ano passado, foi de Haia a Berlim unicamente para conferir com Maupertuis uma fórmula de álgebra e uma lei da natureza, com a qual a senhora não deve absolutamente se preocupar. Mostrou-lhe duas cartas de um velho filósofo do século passado, chamado Leibniz, com o qual tampouco se preocupe, e ver demonstrou-lhe que Leibniz falara dessa mesma lei, mas de forma contrária a Maupertuis. Este último, mais ocupado com intrigas da corte do que com verdades geométricas, nem chegou a ler as cartas de Leibniz.

O professor de Haia pediu-lhe permissão para expor sua opinião nos jornais de Leipzig e, dada a permissão, refutou, o mais polidamente possível, o parecer de Maupertuis, apoiando-se na autoridade de Leibniz, do qual mandou imprimir os trechos relativos à controvérsia. Mas veja o que é estranho: Maupertuis, tendo lido por alto esse jornal de Leipzig e os trechos das tais cartas, meteu na cabeça que Leibniz era de sua opinião e que Koenig forjara os documentos para lhe roubar, dele, Maupertuis, a glória de ter inventado aquele despautério. Com esse belo fundamento, reuniu os acadêmicos pensionistas, que são pagos por ele, e acusou formalmente Koenig de ser um falsário, armando um julgamento sem pedir a opinião de ninguém e apesar da oposição do único geômetra presente na reunião.

Fez mais que isso: não esteve presente no julgamento, mas escreveu uma carta à Academia pedindo perdão para o culpado, que se encontrava

em Haia e, não podendo ser enforcado em Berlim, foi apenas declarado geômetra falsário e tratante, com todo o comedimento que se pode imaginar.

Este belo julgamento foi impresso. Mas eis o cúmulo: nosso circunspeto presidente escreveu duas cartas à sra. princesa d'Orange, de quem Koenig é bibliotecário, suplicando que imponha silêncio ao acusado e negue a seu inimigo, condenado e deslustrado, o direito de defender a honra.

Em minha solidão, apenas ontem soube de todos esses detalhes. Sempre se veem coisas novas sob o sol: ainda não se vira processo criminal numa academia de ciências. É verdade demonstrável a necessidade de fugir rapidamente deste país.

Ponho ordem em meus negócios com toda prudência e beijo-a com muita ternura.

AO SR. PRESIDENTE HÉNAULT, EM PARIS

Potsdam, 25 de julho [de 1752]

... Cansaram-me de tal forma as mazelas que tanto desonram as letras que, para me ressarcir, resolvi fazer o que o vulgo chama de grande fortuna. Conquistei muitos bens e todas as honrarias convenientes, além de repouso e liberdade; tudo isso com um rei que, seguramente, é o único da espécie a se colocar acima dos preconceitos, até mesmo dos da realeza. É o porto aonde me trouxeram as tempestades que por tanto tempo me desolaram. Minha felicidade durará o quanto aprouver a Deus. ...

O senhor está errado, caro e ilustre colega, odiando tanto as obras medíocres, pois outras não terá em Paris. O tempo da decadência chegou. O século XVI era tosco, o seguinte gerou talentos e, este, luzes. Se porventura houver hoje alguém que possua gênio, devemos tratá-lo bem.

...

De fato penso tudo que lhe digo, mas não lhe digo nem metade do que penso. ...

À SRA. DENIS

Potsdam, 15 de outubro [de 1752]

Veja uma coisa inédita e que não será imitada, algo único. O rei da Prússia, sem ter lido uma palavra da resposta de Koenig, sem ouvir nem consultar ninguém, acaba de escrever e acaba de mandar imprimir uma brochura contra Koenig, contra mim, contra todos que insistiram na inocência desse professor tão cruelmente condenado. Todos que ficaram do seu lado são tratados de invejosos, tolos e desonestos. Envio-lhe a singular brochura,¹⁰⁸ e foi um rei quem o escreveu.

Os jornalistas da Alemanha, que não suspeitavam que um monarca vencedor de tantas batalhas fosse autor de tal obra, comentaram o fato livremente, julgando tratar-se do ensaio de um colegial que não conhecesse termo algum da questão. Entretanto, a brochura foi reimpressa em Berlim, com a águia da Prússia, uma coroa e um cetro junto ao título. A águia, o cetro e a coroa estão perplexos por se encontrarem ali. Dão de ombros, baixam os olhos e não ousam falar. Se a verdade está distante do trono, é sobretudo quando um rei se faz autor. Os vaidosos, os reis e os poetas estão acostumados a ser bajulados. Frederico reúne essas três coroas. Não há como a verdade atravessar essa tripla muralha de amor-próprio. Maupertuis não conseguiu ser Platão, mas pretende que seu mestre seja Dionísio de Siracusa. O que é estranho nesse cruel e ridículo episódio é que o rei absolutamente não gosta de Maupertuis, em cujo favor emprega cetro e pena. Platão quase morreu de mágoa por não fazer parte do círculo de certas ceias em que eu era admitido e o rei nos declarou cem vezes que a vaidade feroz daquele Platão tornava-o insociável.

Ele dedicou-lhe prosa, dessa vez, como fizera versos para d'Arnaud, pelo simples prazer de escrever, mas agora entra nisso um prazer bem menos filosófico, o de mortificar-me. Já é ser autor demais!

Entretanto, isso não isso não é nada diante do que aconteceu. Desafortunadamente, também me considero autor e de partido antagônico. Não detenho o cetro, mas detenho a pena, e, não sei como, esculpia-a de um modo que tornou Platão um pouco ridículo com seus gigantes, suas predições, suas dissecações, sua impertinente querela com Koenig.¹⁰⁹ A estocada é inocente, mas eu não sabia então estar bulindo com os caprichos do rei. Uma aventura equivocada. Estou às voltas com o amor-próprio e com o poder despótico, duas instâncias bem perigosas. Tenho aliás todos os motivos para crer que minha transação com o sr. duque de Wurtemberg não agradou.¹¹⁰ Ficaram a par e fizeram-me perceber. ...

No momento encontro-me bem aflito e doente, e, para culminar, janto com o rei. É o festim de Dâmocles. Cumpre-me ser tão filósofo quanto o verdadeiro Platão o era para o verdadeiro Dionísio.

À SRA. DENIS, EM PARIS

Berlim, 18 de dezembro de 1752

Envio-lhe, querida criança, os dois contratos do duque de Wurtemberg: é uma pequena fortuna assegurada por toda a sua vida. Meu testamento segue em anexo. Não que acredite em seu reiterado vaticínio segundo o qual o rei da Prússia me *faria morrer de desgosto*. Não me sinto disposto a morrer de morte tão estúpida, mas a natureza foi comigo ainda mais cruel e convém ter sempre a bagagem pronta e o pé no estribo para a viagem ao além, onde, aconteça o que acontecer, os reis não gozarão de muito crédito.

Como não disponho, no presente mundo, de cento e cinquenta mil bigodes a meu serviço,^{III} não pretendo, longe de mim, entrar em guerra. Penso apenas desertar honestamente, cuidar de minha saúde, rever a senhora, esquecer esse sonho de três anos.

Admito que ele tenha “espremido a laranja”, agora quero salvar o bagaço. Farei, para uso pessoal, um pequeno dicionário para uso dos reis.

“Meu amigo” significa “meu escravo”.

“Meu caro amigo” exprime indiferença.

No lugar de “vou fazê-lo feliz”, ouça “vou tolerá-lo enquanto precisar do senhor”.

“Jante comigo hoje à noite” quer dizer “o senhor será o bobo da corte hoje à noite”.

O dicionário pode ser longo, é um verbete a se incluir na *Enciclopédia*.

Realmente, isso aflige o coração! É possível tudo o que vi? Demonstrar carinho por uma pessoa e escrever livros contra ela! E que livros! Arrancá-la de sua pátria com as promessas mais sagradas e maltratá-la com a mais torpe malícia! Que contraste! E alguém que me escrevia com tanta filosofia, que acreditei filósofo, a quem chamei “Salomão do Norte”!

Lembre-se daquela bela carta que jamais a tranquilizou. O senhor é filósofo, dizia ele; também o sou.¹¹² Mas, para dizer a verdade, sire, não o somos nem um nem outro.

Querida criança, filósofo só voltarei a ser quando estiver com meus penates e com a senhora. Difícil é sair daqui. Sabe o que lhe disse em minha carta de 1º de novembro. Não posso ser dispensado senão para tratar de minha saúde. Não posso dizer: “Vou à Plombières no mês de dezembro.”¹¹³

Circula por aqui uma espécie de ministro do santo Evangelho, chamado Pérard, nascido na França como eu. Ao pedir permissão para ir a Paris a negócios, o rei lhe respondeu que conhecia melhor seus negócios do que ele próprio e que ele não tinha necessidade alguma de ir a Paris.

Querida criança, quando considero em detalhe tudo que acontece aqui, acabo concluindo não ser verdade, que é impossível, que estamos enganados, que isso aconteceu em Siracusa, quase três mil anos atrás. O que é totalmente verdadeiro é que amo-a de todo coração e que a senhora é meu único consolo.

AO SR. BAGIEUX

Berlim, 19 de dezembro de 1752

... Gostaria de poder partir sem mais delongas, colocar-me em suas mãos e nos braços de minha família. Trouxe a Berlim cerca de vinte dentes, restam-me uns seis, trouxe dois olhos, quase perdi um, não trouxe erisipela e ganhei uma. Não pareço um jovem casadouro, mas considero ter vivido quase sessenta anos, o que é bastante satisfatório, pois Pascal, Alexandre e Jesus Cristo viveram mais ou menos a metade e nem todo mundo nasceu para ir jantar no outro lado de Paris, aos noventa e oito anos de idade, como Fontenelle. ...

AO SR. DE LA VIROTTE

Berlim, 28 de janeiro de 1753

... Quando o rei da Prússia requisitou-me a nosso rei por intermédio de seu emissário, quando aceitei sua cruz, a chave de camareiro e pensões,

pensei estar recebendo favores de um grande príncipe, que prometeu tratar-me sempre como “amigo” e “mestre nas artes que cultivava”; são suas próprias palavras. Acrescentou ainda que eu nunca teria a rezear a “volubilidade de um coração grato”, e quis que minha sobrinha fosse a depositária daquela carta, a qual funcionaria como eterna censura caso viesse a contradizer seus sentimentos e promessas.

Nunca desmenti minha afeição por ele. Foi um entusiasmo de dezesseis anos, mas ele próprio me curou dessa longa doença. Não é minha intenção julgar se depois de dois anos de intimidade um rei acaba se cansando de um cortesão, nem se o amor próprio de um discípulo talentoso irrita-se secretamente contra o mestre, nem se o ciúme e as falsas relações que intoxicam as sociedades instilam ainda mais facilmente o seu veneno nas casas reais; tudo o que sei é que me ofereci ao rei da Prússia não como cortesão, mas como homem de letras, e, no tocante às discussões literárias, não existem reis para mim. Por outro lado, estimei-o deveras, e fiquei decepcionado, por ele próprio, quando tomou partido contra Koenig, sem conhecer a fundo a controvérsia, e escreveu uma brochura violenta contra todos que defenderam o filósofo, isto é, contra todas as pessoas esclarecidas da Europa, sem sequer ter lido o seu Apelo. Foi enganado por Maupertuis. Não surpreende e não é vergonha, para um rei, ser enganado, mas seria glorioso se admitisse o erro.

Devolvi-lhe o cordão e a chave de ouro, ornamentos pouco convenientes para um filósofo e que praticamente não usava. Abri mão de tudo que ele me deve referente a pensões. Ele teve a generosidade de me devolver tudo e convidar-me a acompanhá-lo a Potsdam, onde me daria, em seu palácio, os mesmos aposentos que sempre ocupei. Ignoro se minha saúde, a parte mais deplorável de toda essa aventura, me permitirá seguir Sua Majestade.

Voltaire deixa Berlim em março de 1753 e vai para Leipzig. Em abril, tem uma recepção calorosa em Gotha. Passa os dois meses seguintes em Frankfurt. Em julho, Schwetzingen, depois, Colmar. Após uma temporada na Abadia de Sénones, com acesso à biblioteca de 12 mil volumes do beneditino Colmet, em dezembro chega a Genebra. Em fevereiro de 1754 compra a propriedade Les Délices.

A FRANCISCO I
imperador do Sacro Império Romano-Germânico

Frankfurt, 5 de junho de 1753

Sire, é menos ao imperador do que ao mais honesto homem da Europa a quem ousa recorrer em circunstância que talvez o surpreenda, mas que me faz aguardar em silêncio por sua proteção.¹¹⁴

Vossa sagrada Majestade irá permitir-me primeiro expor como o rei da Prússia conseguiu que eu, em idade avançada, deixasse minha pátria, minha família, minhas ocupações. A cópia anexa, que tomo a liberdade de confiar à infinita condescendência de Vossa sagrada Majestade, irá deixá-la ao par.

Após a leitura da mencionada carta do rei da Prússia, é natural surpreender-se com o que acaba de acontecer às ocultas em Frankfurt.

Mal cheguei a esta cidade, em 1º de junho, um sr. Freytag, residente em Brandemburgo, veio ao meu quarto, escoltado por um oficial prussiano e um advogado do Senado, chamado Rucker. Pediu-me um livro impresso, contendo as poesias do rei seu senhor em versos franceses.

Trata-se de um livro sobre o qual detenho alguns direitos e com que o rei da Prússia me agraciara quando distribuiu obras suas de presente.

Declarei ao sr. Freytag estar pronto a devolver ao rei seu senhor os presentes com os quais me honrou, mas que aquele volume talvez ainda se encontrasse em Hamburgo, em uma caixa de livros prestes a ser embarcada. Acrescentei estar a caminho da estância termal de Plombières, quase moribundo, e supliquei que me permitisse seguir meu caminho em paz.

Ele respondeu que postaria guardas à minha porta e me obrigou a assinar um papel, em que eu me comprometia a não partir até que as poesias do rei seu senhor fossem devolvidas. Entregou-me um bilhete de seu punho, concebido nos seguintes termos: “Assim que chegar o volume que o senhor diz encontrar-se em Leipzig ou Hamburgo, e me houver entregue a *Oeuvre de poëshie*,¹¹⁵ como determinou o rei, poderá partir para onde bem lhe aprouver.”

Escrevi imediatamente a Hamburgo para que despachassem a *Oeuvre de poëshie* em razão da qual me encontro prisioneiro em cidade imperial, sem formalidade alguma, sem qualquer mandado, sem sequer um

arremedo de justiça. Não importunaria Vossa sagrada Majestade caso se tratasse apenas de ficar prisioneiro até que a *Oeuvre de poëshie* exigida chegue a Frankfurt. Porém, alertam-me que, acreditando agradar a seu amo, o sr. Freytag talvez alimente desígnios mais violentos, aproveitando-se do profundo sigilo que ainda acoberta toda essa aventura.

Longe de mim suspeitar que, por causa desse objeto, um grande rei chegue a extremos que seu status e dignidade desaprovarem – assim como sua justiça –, contra um ancião moribundo que tudo lhe sacrificou, que jamais lhe faltou, que não é seu súdito, tampouco mais seu camareiro, e que é livre. Até eu julgaria um crime respeitá-lo tão pouco, temendo uma ação odiosa de sua parte... Em contrapartida, nada diz que seu emissário não chegue às vias de fato, na ignorância em que se acha relativa aos sentimentos nobres e generosos de seu soberano.

É nesta cruel situação que um doente moribundo lança-se aos pés de Vossa sagrada Majestade para instá-la a dignar-se ordenar que nada se atente contra as leis, contra a minha pessoa, em sua cidade imperial de Frankfurt.

Ela pode ordenar a seu ministro nessa cidade que me tome sob sua proteção, ou recomendar-me a algum magistrado ligado à sua augusta pessoa.

Vossa sagrada Majestade dispõe de mil instrumentos para proteger as leis do Império e de Frankfurt e não creio que vivamos em tempos tão sombrios que um sr. Freytag possa impunemente tornar-se senhor da pessoa e da vida de um estrangeiro na cidade onde Vossa Majestade foi coroada.¹¹⁶

Gostaria de, antes de morrer, ser feliz o bastante para, por um momento, ajoelhar-me a seus pés. Sua Alteza real, a sra. duquesa de Lorena,¹¹⁷ honrou-me com gentilezas. Aliás, acredito que Sua Alteza real levasse a indulgência a ponto de não se mostrar descontente se porventura me couber a honra de me apresentar e lhe falar.

Suplico a Vossa Majestade imperial escusar a liberdade que tomo ao escrever-lhe e, sobretudo, fatigá-la com tão longa epístola; mas sua bondade e justiça são minhas desculpas.

Igualmente suplico que perdoe minha ignorância, caso tenha faltado com algum dever nesta carta, que consiste tão somente em pedido sigiloso

e subserviente. Vossa Majestade já se dignou a acenar com um sinal de suas bondades;¹¹⁸ aguardo um de sua justiça.

Com o mais profundo respeito etc.

À SRA. DENIS

(na abadia de Prades)

Frankfurt, 11 de junho [de 1753]

... Estou à morte; ergo a voz perante Deus e os homens para declarar que, não estando mais a serviço de Vossa Majestade o rei da Prússia, nem por isso deixo de estar atado e submetido às suas vontades, no pouco tempo que me resta de vida.

Ele me mantém preso em Frankfurt por causa de um livro de poesias, que me foi dado de presente. Estou retido até que o livro venha de Hamburgo. Entreguei ao ministro prussiano em Frankfurt todas as cartas de Sua Majestade em meu poder, prova das generosidades com que me honrara. Enviarei de Paris todas as outras cartas que quiser pedir.

Sua Majestade quer de volta um contrato que concordara firmar comigo. Posso certamente devolvê-lo, como todo o restante; tão logo o ache, devolverei ou remeterei. ...

À SRA. CONDESSA DE LUTZELBOURG

14 de setembro de 1753

... Feliz em saber que a senhora admite uma divindade; tentei persuadir disso um rei ateu, que, aliás, conduzia-se como tal. Mesmo que lhe advenham desgraças, ele morrerá impenitente. ...

A senhora me acena o tratamento de *historiógrafo*. Mas o rei me exonerou desse posto quando o rei da Prússia me usurpou à força. Fiquei entre dois reis, sentado no chão. Dois reis constituem péssimo assento. Verdade que conquistei o posto de fidalgo camareiro comum, mas gostei muito pouco de entrar naquele quarto; preferiria mil vezes o da senhora.

...

À SRA. DENIS

Em minhas montanhas, 22 de outubro [de 1753]

... A senhora sabe que possuímos bens no cantão onde me encontro. Oferecem-me um admirável castelo, o do falecido pretor de Estrasburgo. O rei da Prússia não dispõe de palácio mais bonito em Potsdam. Estaríamos, aqui, no meio, ou melhor, ao alcance de nossas propriedades, rodeados de uma gente boa e numa bela região. Outra proposta: há um velho palácio da casa da Áustria, isto é, pedras amontoadas e ruínas bem no centro da região onde temos nosso patrimônio. Chama-se Horburgo e pertence ao duque de Wurtemberg. Já conto com a renda integral dessa terra, posso construir uma moradia agradável a baixíssimo custo. Ela pertenceria à senhora, seria construída ao nosso gosto, e príncipe algum da casa da Áustria terá sido ali mais feliz do que eu, se o lugar lhe agradar. A terra situa-se em território francês, mas de modo algum pertence à França. Dependeríamos apenas de seus desejos. Se lhe aprouver construir e cultivar um jardim, como seu pai, sentir-se-á à vontade para tal fantasia. É uma ocupação que corrói o tédio; é doce estar em casa, construí-la e arrumá-la. Em quatro dias estamos na Itália, pela Suíça, e, quando regressamos ao lar, é para achá-lo maravilhoso. Não pedimos nada a ninguém, não precisamos de ninguém. Quatro cavalos e, uma grande carroça trariam toda a nossa mobília em quatro viagens e esses quatro cavalos serviriam depois para adubar as terras. ...

AO SR. MARQUÊS D'ARGENSON

Colmar, 20 de fevereiro de 1754

... Como não recebi ordem alguma explícita do rei e não sei se alguma acusação pesa contra mim, alegro-me julgando que me será permitido levar meu corpo moribundo aonde melhor me aprouver. O rei disse à sra. de Pompadour não querer que eu vá a Paris. Concorro com Sua Majestade, não quero ir a Paris e estou certo de que ficamos todos satisfeitos que eu passeie longe. ...

AO SR. POLIER DE BOTTENS

Colmar, 19 de março de 1754

... Tenho a infelicidade de não poder dar um passo sem que a Europa inteira saiba. Essa maldita celebridade é uma de minhas maiores desgraças. ...

À SRA. DENIS

Colmar, 30 de março [de 1754]

... Talvez se surpreenda ao saber que o rei da Prússia escreveu-me uma longa carta, repleta dos elogios mais lisonjeiros. Diz, nessa carta, que nunca imaginou, sequer por um momento, que eu tivesse alguma participação no miserável escrito sobre um detalhe de sua vida privada. O príncipe da Prússia diz o mesmo. Ambas as cartas são respostas a um *relato* que enviei aos dois príncipes, em que lastimo a caluniosa imputação. ...

Seria contraditória sua generosidade ao dizer que aceita passar a vida com alguém doente e tão infeliz quanto eu? ...

Como arrancá-la de seus amigos, de seu ritmo de vida, de tudo que lhe agrada? Sempre reconheci caber a mim o sacrifício pelo bem-estar de sua vida. Creia, tratava-se realmente de imolação, amá-la pela senhora e não por mim.

Seus objetivos pautarão os meus. A senhora é que deve dispor de minha vida, se for verdade que tem por mim amizade sincera. ...

À SRA. DENIS

Colmar, 12 de abril de 1754

Sua carta de 6 de abril, que recebo neste momento, enche-me de alegria. É o único prazer que tenho em seis meses. Estou comovido demais para responder de forma positiva. Tudo que posso dizer neste momento, querida criança, é que estará indignamente hospedada em Colmar e que, em Estrasburgo, ficaria mais comodamente alojada na mansão do sr. marechal de Coigny. Colmar é uma cidadezinha carola e tediosa, onde todo mundo se confessa e todo mundo se detesta. ... Caso se julgue, portanto,

intrépida o bastante para uma pequena viagem, dê o ar de sua graça consoladora em Estrasburgo, onde irei esperá-la. ... Em todo caso, se assustaria com a vida que levo. Estou absolutamente só, e não poderia ser de outra forma, doze horas por dia, dividindo meu tempo entre os achaques e o trabalho. Qualquer um detestaria tal vida. A senhora terá uma sociedade em Estrasburgo. Mas que sociedade! E o que se tem a dizer? E como passam seus dias! Que vazio! Que vergonhosa ociosidade! Que tédio, essa tal de sociedade! E quantas esperanças vãs de um amanhã mais alvissareiro! Penso que apenas o trabalho pode consolar a espécie humana de existir. ...

À SRA. DENIS

Colmar, 7 de maio [de 1754]

... O rei da Prússia comunicou à sra. margrave¹¹⁹ que apreciaria se eu fosse a Bayreuth. Oferecem-me uma bela terra nas proximidades de Dresden. A sra. duquesa de Gotha veria como grande infidelidade minha a escolha de outra hospedagem que não a dela. A corte do eleitor palatino me agrada, mas não quero saber de cortes. Quero apenas a senhora, livros e a liberdade. Como conciliar essas belas coisas? Abandonaria Paris por um solitário que vive trancado no quarto a maior parte do tempo? Não tem, criança querida, maior coragem e bondade do que forças para tanto? É fechar-se no convento. O tédio e o arrependimento muitas vezes coroam as atitudes generosas. A alma esforça-se, cansa-se, cai. Pensa-se, de início, poder responder por si e depois vê-se que se esperou demais de si mesmo. Quando nós, mortais, não temos uma ocupação diária a nos fixar, não passamos de cata-ventos. ...

À SRA. DENIS

Colmar, 19 de maio [de 1754]

... Será um espanto estar de volta ao mundo, em Plombières, após sete meses inteiros sem sair do quarto, como Carlos XII com os turcos.¹²⁰ Acho que errei minha vocação; deveria ter sido monge, pois adoro a cela. Gostaria que se tornasse monja comigo. A senhora poderia trabalhar numa

comédia em seu dormitório e eu, numa tragédia, no meu. Mas sou um monge velho, talvez a senhora preferisse um noviço. ...

À SRA. MARQUESA DU DEFFAND

Colmar, 19 de maio de 1754

Conhece o latim, senhora? Não! Por isso me pergunta se não prefiro Pope a Virgílio. Ah! Nossas línguas modernas são todas áridas, pobres e sem harmonia, se comparadas àquelas que falaram nossos primeiros mestres, os gregos e os romanos. Não passamos de rabecas de quermesse. Como quer que eu compare meras epístolas a um poema épico, aos amores de Dido, ao incêndio de Troia, à descida de Eneias aos infernos?

Acho o *Ensaio sobre o homem*, de Pope, o primeiro dos poemas didáticos, dos poemas filosóficos, mas nada que se possa colocar ao lado de Virgílio. A senhora o conhece por traduções, mas poetas não se traduzem. É possível traduzir música? Lastimo-a, senhora, com o gosto e a sensibilidade esclarecida que possui, e não poder ler Virgílio. ...

À SRA. DENIS

Sénones en Lorraine, 12 de junho [de 1754]

Querida criança, tornei-me beneditino, esperando que a senhora me devolva ao mundo, ou melhor, à senhora, pois do mundo não faço a menor questão. Trato apenas de História, numa biblioteca imensa. Os monges proporcionam-me as páginas, as linhas, as citações que peço. Dom Calmet, com a idade de oitenta e três anos, sobe no alto de uma escada, que nos faz estremecer e que estremece, para desencavar velhos alfarrábios. Quero dar-lhe um presente digno de sua biblioteca. Possuo alguns livros de teologia inglesa, todos escritos em latim e em inglês. Estão à direita da janela, no gabinetinho de livros, naquela espécie de tremó que faz um redente. Peço que os embale e envie ao livreiro Bure, no Quai des Augustins, indicando como destinatário: *Sr. abade de Sénones*. ...

Repito à senhora o que disse um outro: “Venda tudo e siga-me.”¹²¹ Torne-se filósofa comigo, a maneira como vai o mundo não é digna de que nos apeguemos a ele. A história de hoje não se compara à história dos

séculos passados e quem sabe viver consigo mesmo acha horrendamente vazio o estrépito de Paris. Que Deus lhe conceda a graça, querida criança, e lhe inspire essas ideias saudáveis.

Quando a amizade custa esforço, ela não demora a cansar; a glória de uma bela ação acaba por ceder ao fastio. Mas quando a filosofia se alia à amizade, essa dupla base sustenta a alma e impede que ela caia na apatia. Quem sabe amar e se ocupar paira acima de tudo. É pena que não tenham criado abadias mistas para homens e mulheres, onde filósofos dos dois sexos fossem aceitos, depois de abjurarem as vaidades do mundo, as bobagens dos preconceitos, os absurdos das superstições, tendo feito votos de amizade e de tranquilidade. ...

AO SR. DE BRENLES

Colmar, 6 de outubro de 1754

... Reconheço, senhor, que será muito difícil para mim pagar duzentas e vinte e cinco mil libras. Terei um castelo, mas não me sobrá com que mobiliá-lo; estarei como Chapelle¹²², que dispunha de sobrepeliz e nenhuma camisa, uma pia de água benta, sem poder contar com um penico. Veja o que seria possível para mim: eu daria, à vista, cento e cinquenta mil libras e o restante em promissórias junto ao melhor banco de Cádiz, descontáveis em vários prazos.

Mediante tal arranjo, eu teria como dar sequência imediata à sua generosidade. Provavelmente não previu todas as dificuldades. O senhor sabe que não tenho a honra de pertencer à religião de Zwingli e de Calvino. Minha sobrinha e eu somos papistas; é sem dúvida uma das prerrogativas e vantagens de nosso governo que um homem possa, em seu país, gozar dos direitos de cidadão sem pertencer à mesma paróquia. ...

AO SR. THIERIOT, EM PARIS

Prangins, 23 de janeiro de 1755

... Tem seriamente vontade de vir a Prangins, velho amigo? Previna com antecedência a sra. de Fontaine e o dono da casa. Encontrará a mais bela situação da Terra, um castelo magnífico, trutas de cinco quilos e eu, que não peso muito mais do que isso, já que estou mais esquelético e

moribundo que nunca. Passei minha vida morrendo, mas agora a coisa está ficando séria, não consigo mais sequer escrever a mão. De toda forma, esta mão ainda é capaz de rabiscar que meu coração lhe pertence.

AO SR. MARECHAL,
duque de Richelieu

Prangins, 13 de fevereiro [de 1755]

... No momento, cabe-me apenas enaltecer a generosidade do rei da Prússia etc., mas nem por isso deixei de comprar, às margens do lago de Genebra, uma linda casa com um delicioso jardim. Bem que a preferiria no domínio de Richelieu, mas escolhi este cantão, seduzido pela beleza indescritível da região e pela proximidade de um famoso médico, além da esperança de vir fazer-lhe a corte quando vier o senhor a seu reino. É engraçado que eu só possua terras no único país em que não me é permitido adquiri-las. A bela lei fundamental de Genebra diz que nenhum católico pode respirar o ar de seu território. A república aceitou, a meu favor, uma pequena infração à lei, com todas as facilidades possíveis. Não se pode dispor de mais agradável refúgio, tampouco se aborrecer por estar longe do senhor. O marechal certamente já viu suíços: nunca nenhum que lhe mostre maior respeito que o *suíço Voltaire*.

AO SR. THIERIOT

Les Délices, 24 de março de 1755

Faz tempo, velho amigo, que não lhe escrevo; tornei-me pedreiro, carpinteiro, jardineiro; minha casa inteira está revirada e, apesar de meus esforços, não terei onde alojar todos os amigos, como gostaria. Nada ficará pronto para o mês de maio. Será absolutamente necessário que passemos dois meses em Prangins com a sra. de Fontaine, antes que possamos morar em Les Délices. Essas “Delícias” são presentemente meu tormento. Estamos ocupados, a sra. Denis e eu, em construir alojamentos para os amigos e para as galinhas. Mandamos construir carroças e carrinhos de mão, plantamos laranjeiras e cebolas, tulipas e cenouras. Falta-nos tudo, precisamos fundar Cartago. Meu território não é maior que o couro de boi

ofertado à fugitiva Dido, mas nem por isso pretendo expandi-lo. A casa se situa no território de Genebra e o prado no da França. E bem verdade que possuo, do outro lado do lago, uma casa inteiramente suíça; diria até convincentemente suíça, em sua aparência. Arrumo-a ao mesmo tempo que Les Délices. Será meu palácio de inverno, e a cabana em que me encontro atualmente, meu palácio de verão. ...

AO SR. CONDE D'ARGENTAL

Les Délices, 13 de junho [de 1755]

... O senhor é são Denis vindo socorrer Joana.¹²³ Recebi sua carta pelo senhor Malet, mas as coisas estão piores do que imagina. O senhor duque de La Vallière me informa que foi oferecido um exemplar por mil escudos. O cunhado de Darget distribuiu uma ou duas cópias. Não sei o que esse Darget fez, mas sei que em todos os países em que há livrarias imprime-se essa detestável e escandalosa cópia. É absolutamente necessário que eu mande fazer uma transcrição da verdadeira. Seguirei seu conselho e a enviarei ao senhor de La Vallière e à pessoa que me foi indicada. O senhor sem dúvida a terá, mas quanto tempo não exige essa operação! Farei isto, mas até lá a obra circulará truncada, desfigurada, repleta de abominações. De resto, o senhor tem suficiente sensibilidade para não achar que grosserias possam convir a obras, mesmo às mais livres. Palavras obscenas são horríveis num poema, seja qual for a sua natureza. É preciso arte e boas maneiras mesmo na leviandade e até a loucura deve ser comandada pela sensatez. O adido francês e um magistrado vieram à minha casa ler a verdadeira versão. Ficaram interessados e prendendo o riso. Disseram que somente um bobo se escandalizaria. Minha situação é de desespero, pois, apesar da indulgência dos dois homens sisudos, sou mais sisudo do que eles. ...

À SRA. DE FONTAINE, EM PARIS

Les Délices, 13 de agosto de 1755

... Um velhaco, chamado Grasset, veio aqui para imprimir uma detestável obra com o mesmo título daquela em que venho trabalhando há trinta anos

e que a senhora tem em mãos.¹²⁴ Sabe que essa obra de juventude não passa de uma brincadeira bem inocente. Dois sacripantas parisienses que tiveram acesso a fragmentos preencheram as lacunas como puderam, contrariando tudo o que há de respeitável e sagrado. Grasset, emissário deles, veio me oferecer o manuscrito por cinquenta luíses de ouro e deu-me amostra tão absurda quanto escandalosa. São asneiras de feirante, mas que arrepiam os cabelos. Corri de imediato de minha terra para a cidade e, auxiliado pelo adido francês, denunciei o espertalhão, e o Conselho escreveu-me agradecendo pelo ato. É como se deveriam tratar sempre os caluniadores! Aqui não os temo, só os temo na França. ...

AO SR. J.-J. ROUSSEAU, EM PARIS

[*Les Délices*, 30 de agosto de 1755]

Recebi, senhor, seu novo livro contra o gênero humano.¹²⁵ Obrigado. O senhor agradará aos homens, pois diz boas verdades, mas não os corrigirá. Não se poderia pintar com cores mais fortes os horrores da sociedade humana, da qual nossa ignorância e fraqueza esperam tanto consolo. Nunca se empregou tanta sutileza no sentido de nos bestializar; dá vontade de andar de quatro, quando acabamos de ler o seu livro.¹²⁶ Não obstante, como perdi tal hábito há mais de sessenta anos, desgraçadamente sinto ser impossível recuperá-lo, e deixo essa postura natural aos que são mais dignos dela do que o senhor e eu. Tampouco posso embarcar para me reunir aos selvagens do Canadá: primeiro, porque as doenças me achacam, prendendo-me junto do melhor médico da Europa; além disso, possivelmente não encontraria os mesmos cuidados na tribo dos Missouri. Em segundo lugar, a guerra já alcançou aquelas regiões e os exemplos de certas nações tornaram os selvagens quase tão perversos quanto nós. Limito-me a ser um pacato selvagem em meio à solidão que escolhi, em sua pátria, onde o senhor deveria estar.

Concordo que as letras e a ciência causaram às vezes grande desconforto.¹²⁷ Os inimigos de Tasso fizeram de sua vida uma teia de problemas; os de Galileu levaram-no a gemer na prisão, aos setenta anos, por ter constatado o movimento da Terra e, o que é ainda mais vergonhoso, obrigaram-no a retratar-se.

Quando nossos amigos começaram o *Dicionário enciclopédico*, os que ousaram opor-se tacharam-nos de “deístas”, de “ateus” e até de “jansenistas”.

Se eu ousasse incluir-me dentre aqueles cujas obras só obtiveram perseguição como recompensa, faria com que visse um bando de miseráveis obcecados em arruinar-me desde o dia em que apresentei a tragédia de *Édipo*; uma biblioteca de calúnias ridículas contra mim publicadas: um ex-jesuíta,¹²⁸ que eu tinha salvado do derradeiro suplício, recompensando-me pelo serviço prestado com libelos difamatórios; um homem, ainda mais culpado,¹²⁹ imprimindo minha obra sobre *O século de Luís XIV* com notas em que a mais crassa ignorância vomita as mais infames imposturas; outro que vende a um livreiro capítulos de uma pretensa *História universal* a mim atribuída, e que, ávido de imprimir tal disforme tecido de besteiras, datas falsas, fatos e nomes estropiados; enfim, homens covardes e perversos o bastante para imputar-me a publicação de toda essa rapsódia. Faria com que o senhor visse a sociedade infectada por esse gênero de homens, desconhecido de toda a Antiguidade e que, não podendo abraçar profissão honesta, quer de comando quer de laçao, mas infelizmente sabendo ler e escrever, arvoram-se a porta-vozes da literatura, vivem de nossas obras, roubam manuscritos, os desfiguram e vendem. Poderia me queixar de que resquícios de uma brincadeira feita mais de trinta anos atrás, sobre o mesmo assunto que Chapelain cometeu a tolice de tratar com seriedade, correm atualmente o mundo em razão da infidelidade e da avareza desses desgraçados que inseriram grosserias em meras ligeirezas, que preencheram as lacunas ora com idiotice ora com malícia e que, enfim, ao longo de trinta anos, vendem por toda a parte, em manuscrito, o que não pertence senão a eles, e o que apenas deles digno é. Por último, acrescentaria que roubaram parte do material que eu compilara nos arquivos públicos para utilizá-la na *História da Guerra de 1741*, quando era historiógrafo da França; que venderam a um livreiro de Paris o fruto de meu trabalho; que disputaram a posse de meu patrimônio como se eu já estivesse morto, e o descaracterizaram para botá-lo no prego.¹³⁰ Poderia descrever-lhe a ingratidão, a impostura e a cupidez perseguindo-me por quarenta anos até o sopé dos Alpes, quem sabe até a beira do meu túmulo. Mas o que concluiria de todas essas tribulações? Que não devo queixar-me? Que Pope, Descartes, Bayle, os camonianos e cem outros já

sofreram as mesmas injustiças, maiores ainda? Que tal é o destino de quase todos a quem o amor das letras arrebatou?

Reconheça, senhor, que estes são pequenos infortúnios pessoais, dos quais a sociedade mal se dá conta. O que importa ao gênero humano que alguns zangões tenham pilhado o mel de um certo número de abelhas? Os homens de letras fazem grande estardalhaço em torno dessas pequenas querelas, mas o resto do mundo as ignora ou escarnece.

De todas as amarguras impostas à vida humana, são estas as menos funestas. Os espinhos inerentes à literatura e a alguma reputação não passam de flores comparados a outros males que desde sempre assolaram a terra. Admita que nem Cícero, nem Virgílio, nem Horácio tiveram a menor participação nas proscricções. Marco Antônio e o imbecil Lépido não eram leitores de Platão nem de Sófocles; e quanto àquele tirano covarde, Otávio Cépio, tão levemente denominado Augusto, foi um detestável assassino apenas no período em que não conviveu com letrados.

Reconheça que Petrarca e Bocácio não deram origem aos tumultos da Itália, que não foi a leviandade de Marot que gerou a Noite de São Bartolomeu, e que a tragédia do *Cid* não foi a causa do motim da Fronda. Os grandes crimes foram cometidos exclusivamente por célebres ignorantes. O que faz e fará sempre deste mundo um vale de lágrimas é a insaciável cupidez e o indomável orgulho dos homens, de Thamas Kulkan,¹³¹ que não sabia ler, ao fiscal de alfândega que sabe apenas fazer contas. As letras alimentam a alma, orientam-na, consolam-na; e serviam ao senhor no exato momento em que escrevia contra elas. O senhor é como Aquiles, que investe contra a glória, e como o padre Malebranche, cuja fértil imaginação fazia-o escrever contra a imaginação.

Se alguém pode queixar-se das letras, sou eu, já que em todas as épocas e lugares elas serviram para me perseguir. Mas é preciso amá-las, a despeito dos abusos cometidos; assim como é preciso amar a sociedade, da qual os mesquinhos corrompem as delícias; como é preciso amar a pátria, por mais injustiças que nos inflija; como é preciso amar o Ser supremo, malgrado as superstições e o fanatismo que tão amiúde desonram seu culto.

O sr. Chappuis diz que sua saúde vai mal; deveria restabelecê-la nos ares natais, gozar da liberdade, beber comigo o leite de nossas vacas e pastar nosso capim.

Sou mui filosoficamente e com a maior estima etc.

Paris, 10 de setembro de 1755

Cabe a mim, senhor, agradecer-lhe sob todos os aspectos. Ao lhe oferecer o esboço de meus tristes devaneios, de modo algum acreditei ser presente digno de si, mas cumprir um dever e prestar uma homenagem que todos devemos ao senhor, como a um chefe. Sensível, além disso, à honra que faz à minha pátria, compartilho o reconhecimento de meus concidadãos, que espero só venha intensificar-se à medida que melhor desfrutem da instrução que pode lhes proporcionar. Adorne o asilo que escolheu; esclareça um povo digno de suas lições; e nos ensine, o senhor que tão bem sabe descrever as virtudes e a liberdade, a venerá-las tanto dentro de nossos muros como em seus escritos. Tudo o que se lhe aproxima deve aprender o caminho da glória.

Veja que não aspiro a restabelecer nossa condição animal, embora lamente, de minha parte, o pouco que dela perdi. No que lhe toca, esse retorno seria um milagre tão grande e daninho que não caberia senão a Deus promovê-lo, e ao diabo pretendê-lo. Não experimente, portanto, voltar a andar de quatro; ninguém no mundo teria menos êxito.

Admito todas as desgraças que perseguem os homens célebres nas letras; admito mesmo todos os males inerentes à humanidade e que parecem independentes de nossos vãos conhecimentos. Os homens derramaram sobre si próprios tamanho manancial de misérias que, quando o acaso os poupa de alguma, eles continuam impregnados. Além disso, há, no progresso das coisas, associações ocultas que o vulgo não percebe, mas que não escapam ao olho do sábio, caso ele se disponha a refletir. Não foram Terêncio, nem Cícero, nem Virgílio, nem Sêneca, nem Tácito; não foram os eruditos nem os poetas que produziram as desgraças de Roma e os crimes dos romanos: mas, sem o veneno lento e insidioso que pouco a pouco corrompeu o mais vigoroso governo de que a história faz menção, tampouco Cícero, Lucrécio ou Salústio teriam existido, ou escrito. O século amável de Lúlio e Terêncio trazia incubados os séculos horríveis de Sêneca e de Nero, de Domiciano e de Marcial. O gosto pelas letras e as artes nasce no povo que carrega um vício interior que esse gosto faz ainda aumentar; e, se é verdade que todos os progressos humanos são perniciosos à espécie, os do espírito e do conhecimento, que aumentam nosso orgulho e multiplicam nossos desvarios, precipitam as

desgraças. Mas chega uma época em que o mal é tão grande que as próprias causas que o originaram são necessárias para impedi-lo de proliferar; é o ferro que é preciso deixar na ferida, por temor de que o ferido expire ao se arrancá-lo.

Pessoalmente, caso houvesse seguido minha primeira vocação e nem lido nem escrito, creio que teria sido mais feliz. No entanto, se as letras fossem subitamente aniquiladas, eu me veria privado do único prazer que me resta. É em seu seio que me consolo de todos os males; é entre os que as cultivam que saboreio as doçuras da amizade e aprendo a fruir a vida sem temer a morte. Devo-lhes o pouco que sou; devo-lhes até mesmo a honra de ser conhecido pelo senhor. Mas analisemos nossa questão e a veracidade em nossos textos. Embora sejam necessários filósofos, historiadores e cientistas para esclarecer o mundo e conduzir seus cegos habitantes, se for verdade o que o sábio Mnemon¹³³ me ensinou, nada seria tão irracional quanto um povo de sábios.

Admita, senhor, se é bom que os grandes gênios instruem os homens, é preciso que o vulgo receba suas instruções: se todos se arvorarem a ministrá-la, quem haverá para recebê-la? Diz Montaigne que “os mancos não se prestam aos exercícios físicos, e nem aos exercícios espirituais as almas mancas”. Neste século erudito, porém, não se veem senão mancos querendo ensinar os outros a andar.

O povo recebe os escritos dos grandes sábios para julgá-los, não para instruir-se. Nunca se viram tantos enganadores. O teatro pulula, os cafés estremecem com suas frases, que além disso são estampadas nas gazetas, os passeios estão cobertos com seus textos e me inclino a criticar o Orphelin¹³⁴ só porque o vejo elogiado por um imbecil tão incapaz de enxergar suas deficiências que mal pode sentir suas belezas.

Se investigarmos a primeira fonte de desordens da sociedade, veremos que todos os males dos homens advêm bem mais do engano que da ignorância, e aquilo de que nada sabemos nos prejudica bem menos que o que acreditamos saber. Ora, qual o meio mais seguro de correr de engano em engano senão a fúria de tudo saber? Se não se houvesse pretendido saber que a Terra não girava, não se teria punido Galileu por ter dito que girava. Se apenas os filósofos tivessem reivindicado seu título, a Enciclopédia não teria perseguidores. Se cem mirmidões não aspirassem à glória, o senhor gozaria a sua em paz, ou ao menos teria apenas rivais dignos de si.

Não se admire, portanto, ao sentir os espinhos inerentes às flores que coroa os grandes talentos. As injúrias de seus inimigos são o cortejo de sua glória, assim como as aclamações satíricas disparadas contra os triunfadores; é a sofreguidão do público por tudo que o senhor escreve que produz os roubos de que se queixa; mas falsificá-los não é tarefa fácil, pois nem o ferro nem o chumbo fazem liga com o ouro. Permita-me recomendar-lhe, em nome do interesse que dispenso a seu repouso e à nossa instrução: despreze os clamores vãos através dos quais buscam menos fazer-lhe mal do que desviá-lo das boas ações. Quanto mais o criticarem, mais deve fazer-se admirar. Um bom livro é uma terrível resposta a injúrias impressas; e quem ousaria atribuir-lhe textos que de modo algum teriam sido pelo senhor escritos, visto que só os faz inimitáveis?

Fico sensibilizado com seu convite; e caso o inverno me deixe em condições de ir, na primavera, habitar minha pátria, desfrutarei de suas bondades. Contudo, preferiria beber a água de sua fonte ao leite de suas vacas; quanto ao capim de suas pastagens, temo só encontrar ali o loto, que não é pasto para animais, e o móli¹³⁵, que impede os homens de se tornarem um.

De todo meu coração e com respeito etc.

AO SR. JEAN-JACQUES ROUSSEAU¹³⁶

Les Délices, 12 de setembro de 1756

Meu caro filósofo, podemos, o senhor e eu, nos intervalos entre nossos achaques, meditar em verso e prosa. Perdoe-me, porém, por deixar de lado, no presente momento, quaisquer discussões filosóficas, pois não passam de entretenimentos. Sua carta é belíssima, mas tenho em casa uma de minhas sobrinhas que há três semanas corre enorme perigo; sou enfermeiro da doente, eu próprio bastante doente. Aguardarei minhas melhoras e a cura de minha sobrinha para ousar pensar junto com o senhor. O dr. Tronchin¹³⁷ me contou que o senhor virá afinal à sua pátria. O sr. d'Alembert lhe falará da vida filosófica que reina em meu modesto refúgio.¹³⁸ Este mereceria o nome que tem, caso contasse com sua visita. Dizem os rumores que o senhor abomina a vida nas cidades; temos isto em

comum. E gostaria que nossas afinidades fossem um estímulo para sua vinda. O estado em que me encontro impede que eu me estenda.

Esteja certo de que, dentre todos os que o leram, ninguém o estima mais que eu, inobstante minhas pilhérias cruéis; e que, dentre todos os que privam de sua pessoa, ninguém está mais disposto a afetosamente amá-lo.

Começo por suprimir toda cerimônia.

Em Les Délices e, a partir de 1758, em Ferney, Voltaire se corresponde com toda a Europa. Envolve-se numa infinidade de polêmicas epistolares e também jurídicas, partindo em defesa dos que crê injustiçados pela intransigência religiosa. Com a mesma paixão, defende seus negócios e os de “sua gente”, os camponeses e artesãos de Ferney. Seu endereço, na fronteira franco-suíça (permitindo-lhe sempre fugir de um país para o outro), torna-se referência em toda a Europa.

AO SR. D’ALEMBERT

Lausanne, 3 de janeiro [de 1758]

O pouco que acabo de ler do sétimo tomo, prezado grande homem, confirma exatamente o que eu disse quando ambos começaram: os senhores criam asas com que voarão à posteridade. Saiba que os reverencio, ao senhor e ao sr. Diderot.

Há outras pessoas de grande mérito que assentaram belas pedras nessa pirâmide. Quanto a mim, alquebrado, e meus colegas, devemos nos desculpar por nossos pequenos seixos; mas os senhores assim exigiram. Aqui vão mais três para o início do oitavo volume. Apressei-me porque, depois de “Habacuc”, é a vez de “Hábil”.¹³⁹ Rogo-lhe o favor de não suprimir uma palavra do final; parece-me que o que disse deve ser incluído.

O verbete “Hemistíquio”, que me confiou, será mais longo, embora aparentemente devesse ser mais curto. Gostaria de inserir, em versos, pequenos preceitos e exemplos da maneira como se pode variar a uniformidade dos hemistíquios; teria talvez ainda algumas novidades a

revelar, mas não passo de um suíço já velho. Lancem os senhores, parisienses, meus hemistíquios ao fogo, caso não lhes agradem.

Quando terei o *Pai de família*? Disseram-me ser extremamente perturbador. O senhor prova que os geômetras e metafísicos possuem um coração.

Não é o caso dos sacerdotes. Ignoro se o herético Prades¹⁴⁰ conspirou contra o rei da Prússia. Não creio nisso, mas os padres heréticos de Genebra conspiram contra nós. Não há atrocidade que alguns deles não tenham levantado contra o termo “atroz”; mas vou pegá-los no verbete “Servet”.¹⁴¹ Nesse ínterim, eles devem escrever-lhe. Insisto para que apenas acuse a recepção da carta, dizendo que fará tudo que for possível por eles e que me encarregou a mim comunicar-lhes sua decisão, encerrando assim o assunto. Asseguro-lhe que saberemos, meus amigos e eu, conduzir tudo na santa paz; eles beberão o cálice até a borra. Faça o que peço e deixe seus amigos agirem: ficará contente. Espero em Lausanne o “História” rubricado.¹⁴² Incomodam-me um pouco as moscas que invadiram meu apartamento, de frente para o eterno gelo dos Alpes. Há sempre neste mundo uma mosca a incomodar; mas isso não me impedirá de servi-lo.

Dizem que Breslau foi retomada pelo rei da Prússia; é bem possível, pois há mais de um mês não me envia versos. Deve estar muito ocupado e o senhor também. Por isso, termino abraçando-o de todo o coração, assim como a sra. Denis.

o suíço Voltaire

AO SR. DIDEROT

[c. 5 de janeiro de 1758]

Será verdade, senhor, que enquanto presta serviços ao gênero humano e o ilumina, aqueles que se creem nascidos para cegá-lo atrevem-se a publicar um libelo periódico¹⁴³ contra o senhor e contra os que pensam como o senhor? O quê! Permite-se aos Garasse¹⁴⁴ insultar os Varrões e os Plínios!

Furiosos, alguns clérigos de Genebra chegaram a ponto de pretender justificar juridicamente a execução de Servet.¹⁴⁵ Mas o magistrado impôs

silêncio e os mais sensatos ruborizaram por seus confrades; enquanto isso, permite-se que alguns pedantes jesuítas insultem os senhores!

Não fica tentado a declarar a suspensão da *Encyclopédie* até que lhe façam justiça? Os Guignard¹⁴⁶ foram enforcados e os novos Garasse deveriam ser levados ao pelourinho! Diga-me, por favor, os nomes desses miseráveis. Vou tratá-los como merecem na nova edição da *História geral*. Como lamento que não faça a *Encyclopédie* num país livre! Será possível que esse dicionário, cem vezes mais útil do que o de Bayle, se veja intimidado pela superstição – que, curiosamente, ele deve aniquilar? Que continuemos a poupar patifes que nada poupam? Que os inimigos da razão, os perseguidores dos *philosophes*, os assassinos de nossos reis ainda ousem falar, num século como o nosso?

Dizem que esses monstros são impertinentes e pretendem vingar a religião, que não está de modo algum sendo atacada, com libelos difamatórios, com que deveriam ser acesas as fogueiras para os sacerdotes sodomitas, se não fôssemos tão indulgentes quanto eles se revelam furiosos.

Seu admirador e companheiro até o túmulo,

o suíço livre

AO SR. DIDEROT

Les Délices, 26 de junho [de 1758]

Não duvide, senhor, da honra e do prazer que sinto ao contribuir com um ou dois tijolos para sua grande pirâmide. É de fato uma pena que, em tudo que diz respeito à metafísica e mesmo à história, não se possa dizer a verdade. Os verbetes que mais deveriam esclarecer os homens são precisamente aqueles nos quais aprofundamos o equívoco e a ignorância do público.

Somos obrigados a mentir e, ainda por cima, perseguidos por não mentir o suficiente. Quanto a mim, disse tão insolentemente a verdade nos verbetes “História”, “Imaginação” e “Idolatria”,¹⁴⁷ que aconselho submetê-los à censura como sendo de outro autor. Talvez os liberem, caso eu não seja nomeado; e, assim sendo, melhor para o pequeno número de leitores que ama a verdade. Vou passar alguns dias na corte palatina. Essa distração me impedirá de acrescentar novos verbetes além daqueles de que

o sr. d'Argental com muito gosto se encarrega. Enviarei apenas “Humor”,¹⁴⁸ que remeterei a Briasson.

Eu havia encontrado para o senhor dois ajudantes de pedreiro, um deles erudito em línguas orientais e o outro amante da história natural,¹⁴⁹ conhecedor de todas as curiosidades dos Alpes, capaz de produzir bons textos sobre os fósseis e sobre as mudanças ocorridas neste globo, ou glóbulo, chamado Terra. Os dois pediam apenas um exemplar, a fim de orientar-se pelo que já foi impresso. Um deles forneceu alguns verbetes, mas os impressores não parecem querer fazer-lhe esse pequeno favor. Tudo indica que podemos prescindir dessa ajuda.

Espero que todos esses contratemplos proporcionem-lhe tanto vantagens quanto glória. Saiba que não há ninguém no mundo que mais faça votos por sua felicidade, imbuído de estima e afeição, do que este
pequeno suíço

AO SR. D'ALEMBERT

Les Délices, 2 de setembro de 1758

Meu querido filósofo, o senhor pretendia visitar o santo padre e continua em Paris. E eu, que não queria de modo algum ir à Alemanha, é de lá que retorno.¹⁵⁰ Encontro, ao chegar, sua *Dinâmica*. Estou lendo o “Discurso preliminar”,¹⁵¹ continuo a admirá-lo, e agradeço-lhe de coração.

Como vai a *Encyclopédie*? É verdade que Jean-Jacques escreveu contra o senhor e ainda insiste na querela sobre o verbe “Genebra”?¹⁵² Contaram-me que ele leva o sacrilégio a ponto de insurgir-se contra a comédia que, aliás, vem se tornando o terceiro sacramento de Genebra.¹⁵³ O país de Calvino está apaixonado pelo espetáculo.

Nossos hábitos mudam, Brutus;

Cumpram mudar nossas leis.¹⁵⁴

Num intervalo de três meses, três novas peças foram encenadas, todas produzidas em Genebra, sendo uma só minha.

Eis o altar ao deus desconhecido em que se oferecem sacrifícios, nessa nova Atenas. Rousseau é Diógenes e, do fundo de seu tonel, tem o desplante de ladrar contra nós. Revela uma dupla ingratidão: ataca uma arte que ele próprio exerceu e escreve contra o senhor, que o cumulou de

elogios. Na verdade, *magis magnos clericos non sunt magis magnos sapientes*.¹⁵⁵

Não sentem-se consternados em Paris? O rei da Prússia atravessa dificuldades, Maria Teresa está de pires na mão; todo mundo arruinado. E Rousseau nem é o louco mais perigoso desse mundo. Ah! Que século, pobre século! Responda às minhas perguntas e estime um solitário saudoso de poucos homens e poucas coisas, mas que sempre sentirá saudades do senhor, pois o admira e aprecia.

AO SR. JOLY DE FLEURY

Les Délices, 11 de outubro de 1758

Senhor, ofereceram-me uma gleba situada em sua jurisdição. Para mim é um privilégio, do qual não posso, entretanto, fruir sem sua proteção. Trata-se da gleba de Ferney, a doze quilômetros de Genebra, na região de Gex. Essa gleba só me convém na medida em que pode, pelo menos em parte, abastecer minha residência, Les Délices, poupando-me do constante desconforto de comprar as coisas necessárias no cotidiano. Onde moro tenho apenas flores, sombra e cerca de quarenta pessoas a alimentar diariamente. Devo à sua bondade a permissão para comprar, na Borgonha, sessenta medas de trigo por ano, o que não chega à metade do que preciso. Tenho, dependente de mim, uma família numerosíssima, que ser-lhe-á tão grata quanto eu, caso aceite, com sua bondade, facilitar a aquisição que se oferece. Como sabe, a gleba de Ferney pertence ao sr. de Budée de Boisy, descendente daquele célebre Budée que, sob Francisco I, protegeu a literatura, que eu gostaria de cultivar melhor do que o faço.¹⁵⁶ O senhor irá agradá-lo se honrar com sua aprovação a transação proposta. Sei que, na condição de genebrino, ele detém em sua gleba alguns direitos de que serei privado. Porém, como cidadão, espero que sua proteção me assegure os mesmos direitos: a permissão de transferir da gleba de Ferney, caso ela passe às minhas mãos, cem medas anuais de trigo, além das sessenta que já concedeu à minha casa, Les Délices. Essas cento e sessenta medas servirão também para o consumo de minha residência em Lausanne, onde passo o inverno.

Peço igualmente para continuar pagar a mesma soma que o sr. de Boisy, de imposto. Esses dois favores terão capital importância no

fechamento do negócio, que depende, senhor, das facilidades que ousar esperar de sua indulgência.

Parece-me que o senhor tem um excelente procurador em Gex. Uma palavra dele bastaria para o bom desfecho de minha demanda.

Com respeito e reconhecimento, senhor, tenho a honra de ser seu mui humilde e obediente servidor,

Voltaire,
fidalgo ordinário do rei

A FREDERICO II, REI DA PRÚSSIA

[6 de novembro de 1759]

Seja qual for a situação em que vos encontreis,¹⁵⁷ não resta dúvida de que sois um grande homem. Não é para aborrecer Vossa Majestade que escrevo, mas para confessar-me, sob a condição de ser absolvido. O fato é que vos traí. Escrevestes a mim uma carta, metade no estilo de vosso patrono, Marco Aurélio, a outra metade no estilo de Marcial ou de Juvenal, igualmente vossos patronos. Mostrei-a a uma francesinha coquete¹⁵⁸ da corte da França, que, como é comum, veio ao templo de Esculápio, em Genebra, para ser curada pelo grande Tronchin (bem grande, de fato, pois mede quase dois metros, formoso e simpático). A coquete em questão, como creio já haver dito à Vossa Majestade, é namorada de um certo duque, um certo ministro. Ela é bastante esclarecida, assim como seu namorado. Ficou encantada, beijou vossa carta e mais teria feito, caso estivésseis presente. Disse-me ela: “Envie isto imediatamente a meu namorado; ele o estima desde menino e admira o rei da Prússia. Ele não pensa absolutamente como todo mundo e enxerga claro; é um verdadeiro paladino e alia o espírito às armas.” A dama tanto falou que copiei vossa carta, suprimindo mui honestamente toda a metade Marcial e Juvenal, mas mantendo fielmente todo o Marco Aurélio, isto é, toda a vossa prosa, na qual, diga-se, vosso Marco Aurélio nos desfere violentas patadas e diz que somos ambiciosos. Infelizmente, sire, somos irrisórios demais para ter ambição. Mas não posso deixar de vos enviar a resposta recebida. Tendo traído um rei, posso muito bem trair um duque e par de França.

É possível ser muito inteligente, ter ótimos sentimentos e escrever como um macaco.

Sire, era uma vez um leão e um rato. O rato apaixonou-se pelo leão e foi cortejá-lo. O leão deu-lhe uma leve patada; o rato voltou à toca, mas continuou amando o leão. Um dia, vendo uma rede que estendiam para capturar o leão e matá-lo, ele roeu uma das malhas.¹⁵⁹ Sire, o rato beija mui pequenamente vossas belas garras com toda humildade; ele jamais morrerá entre dois capuchinhos, como morreu, na Basileia, um buldogue de Saint-Malo,¹⁶⁰ preferindo morrer junto a seu leão. Crede o rato mais fiel que o buldogue.

A FREDERICO II, REI DA PRÚSSIA

No castelo de Tournay, 21 de abril de 1760

Sire, um pequeno monge de Saint-Juste disse a Carlos V: “Sagrada Majestade, não vos sentis fatigada por ter sacudido o mundo? Será preciso também afligir um pobre monge em sua cela?” Sou eu o monge, mas ainda não haveis renunciado às grandezas e misérias humanas como fez Carlos V. Que crueldade demonstraís ao me dizer que calunio Maupertuis, quando vos digo que correu o rumor de que após sua morte encontraram as *Obras do filósofo de Sans-Souci* ¹⁶¹ em seu escrínio.¹⁶² Caso efetivamente as tenham encontrado, isso não provaria, ao contrário, que ele as guardara fielmente, que a ninguém as comunicara e algum tipógrafo teria abusado do fato? Isso desculparia pessoas injustamente acusadas. Aliás, sou obrigado a saber que Maupertuis as devolvera? Que interesse tenho em falar mal dele? O que me importam sua pessoa e sua memória? Que culpa tenho em dizer à Vossa Majestade que ele guardara fielmente o que vós lhe confiastes até sua morte? Eu próprio só penso em morrer e minha hora se aproxima; mas não a turvai com críticas injustas e asperezas sobremaneira sensíveis quando de vós emanadas.

Fizestes-me muito mal; instaurastes para sempre a cizânia entre o rei de França e eu; perdi meus empregos e minhas pensões; fui maltratado em Frankfurt ao lado de uma mulher inocente, uma mulher respeitável que foi arrastada na lama e atirada na cadeia. Em seguida, honrando-me com vossas cartas, corrompestes a doçura desse consolo com censuras amargas. Será mesmo vós que assim me tratais, quando há três anos ocupo-me

apenas, embora debalde, em servir-vos sem outra intenção que a de seguir minha maneira de pensar?

O pior dos males que vossas obras causaram foi o de ter dado aos inimigos da filosofia, espalhados por toda a Europa, o direito de dizer: “Os filósofos não conseguem viver em paz e não podem viver juntos. Temos o exemplo de um rei que não acredita em Jesus Cristo, ele convoca à sua corte um homem que também não crê, e o maltrata; não existe humanidade alguma entre os pretensos filósofos e Deus os pune, colocando-os uns contra os outros.”

É o que dizem, é o que se imprime em todo canto e, enquanto os fanáticos estão unidos, os filósofos permanecem dispersos e infelizes. Na corte de Versalhes e em outras me acusam de vos haver estimulado a escrever contra a religião cristã, e também me censurais, acrescentando esse triunfo aos insultos dos fanáticos! Tudo isso motiva meu horror pelo mundo e, felizmente, em meus ermos, dele encontro-me distante. Considerarei abençoado o dia em que, morrendo, deixarei de sofrer, e sobretudo de sofrer por vós. Será, porém, desejando-vos uma felicidade a que vossa posição talvez vos torne insensível, e que apenas a filosofia poderia vos proporcionar, nas procelas de vossa vida, caso a fortuna permitisse que vos limitásseis a cultivar com pertinácia esse acervo de erudição que possuíis. É um acervo admirável, mas alterado por paixões indissociáveis de uma grande imaginação, pela inconstância de vosso humor e pelas situações espinhosas que em vossa alma vertem fel. Acrescente-se a tudo isso o lamentável prazer que sempre demonstrais em querer humilhar os outros, dizer-lhes e escrever-lhes coisas cruéis; prazer indigno de vós, sobretudo considerando que estais acima deles por vossa posição e talentos únicos.

Perdoai essas verdades, ditas por um ancião com pouco tempo de vida. Ele as diz, com toda a franqueza, ciente de suas próprias misérias e debilidades, infinitamente maiores que as vossas, porém menos perigosas, por sua obscuridade. Ele não pode ser acusado por vós de julgar-se isento de erros para crer-se no direito de lastimar alguns dos vossos. Ele lamenta os vossos erros tanto quanto os próprios, e não almeja senão reparar, antes de morrer, os desvios funestos de uma imaginação enganadora, fazendo sinceros votos para que o grande homem que sois em tudo seja feliz e grande, como deve sê-lo.

AO SR. DIDEROT

25 de setembro [de 1762]

Muito bem! O que me diz, o ilustre filósofo, da imperatriz da Rússia?¹⁶³ Não acha que sua proposta é a maior bofetada que se pode aplicar no rosto de um *Omer*?¹⁶⁴ Em que época vivemos! É a França que persegue a filosofia e são os citas que a estimulam! O sr. de Schuvalov encarregou-me de obter do senhor a honra, para a Rússia, de imprimir sua *Encyclopédie*. O sr. de Schuvalov está muito acima de Anacarsis¹⁶⁵ e possui todo o fervor e zelo que proporcionam as artes nascentes e que possuíamos sob Francisco I.

Duvido que os compromissos que assumiu em Paris permitam-lhe fazer em Riga o favor que solicitam; mas saboreie o consolo e a honra de ser procurado por uma heroína, ao passo que os Chaumeix, os Berthier e os Omer ousam persegui-lo. Qualquer partido que tome, cuide da *inf...*; ¹⁶⁶ é preciso destruí-la nas pessoas honestas e relegá-la à canalha, grande ou pequena, para a qual foi feita.

Reverencio-o o quanto merece. Poderia enviar sua resposta ao sr. de Schuvalov? É só entregá-la a nosso irmão.¹⁶⁷

À SRA. D'ÉPINAY

25 de setembro de 1764

Um de nossos irmãos,¹⁶⁸ senhora, que suspeito ser o profeta cigano, escreveu-me uma bela carta em que pede alguns exemplares de um livro diabólico, no qual ficaria eu bem contrariado de ter tido a mínima participação. Minha própria consciência estaria alarmada, caso tivesse contribuído para a difusão dessas obras de Satã; porém, considerando o quanto é agradável participar de algo pela senhora e, sobretudo, com a senhora, nada há que não faça para servi-la. Mandeí, então, buscar alguns exemplares em Genebra: aqueles heréticos arrebataram-nos todos, avidamente. A cidade de Calvino tornou-se a cidade *philosophe*; nunca se fez revolução tão grande no espírito humano como hoje em dia. É surpreendente que quase todo mundo comece a acreditar que se pode ser homem honesto sem ser absurdo; isso abala o meu coração.

Rogo-lhe, senhora, recomendar-me às orações dos irmãos. Rezo incessantemente a Deus tanto por eles como pela senhora e pela propagação do santo Evangelho. Saiba que Esculápio-Tronchin vai inocular o Parlamento,¹⁶⁹ enquanto os *welches*¹⁷⁰ condenam a inoculação. Entre estes, permita-me, apenas nossos irmãos têm bom senso. A senhora, que reúne ao bom senso a graça e o espírito, é sem dúvida francesa, mas de modo algum *welche*; e eu, senhora, ponho-me a seus pés por toda a minha vida.

AO SR. DAMILAVILLE

7 de julho de 1766

Querido irmão, meu coração está aflito e pasmo.¹⁷¹ Desconfiava que atribuiriam a mais tola e desenfreada demência aos que não pregam senão a sabedoria e a pureza dos costumes.¹⁷² Quero morrer numa terra onde os homens sejam menos injustos. Calo-me; tenho muito a dizer.

Rogo encarecidamente que me envie a carta que supõem ter eu escrito a Jean-Jacques, e que seguramente não escrevi, de modo algum.¹⁷³ O tempo há de se encarregar de mais essa calúnia. Desculpe-me por encarregá-lo da devolução de tantas cartas.

A FREDERICO II
rei da Prússia

5 de janeiro [de 1767]

Sire, sempre desconfiei que cedo ou tarde vossa musa despertaria. Sei que outros homens ficarão pasmos que, após tão longa e vibrante guerra, ocupado na tarefa de restabelecer vosso reinado, governando sem ministros, imiscuindo-se em todos os detalhes, possais ainda assim fazer versos franceses; eu, porém, em nada me surpreendo, pois cabe-me a imensa honra de conhecer-vos. O que me espanta, contudo, reconheço, é que vossos versos sejam bons; por tal não esperava após tantos anos de interrupção. Pensamentos fortes e vigorosos, uma abordagem justa das fraquezas dos homens, ideias profundas e verdadeiras, é este o vosso atributo, desde sempre; mas tanta versificação e harmonia – e muito

frequentemente até mesmo requintes de linguagem –, estando a trezentas léguas de Paris, é um fenômeno que deve ser observado por nossa Academia.

Sabeis, sire, que Vossa Majestade tornou-se autor a quem citam?

Nosso deão, meu gordo abade d'Olivet, acaba, em nova edição da *Prosódia francesa*, de criticar-vos sobre o termo *crêpe*, cujo *e* final impiedosamente haveis suprimido em carta a mim endereçada e impressa em *Obras do filósofo de Sans-Souci*; não creio porém que tal edição tenha sido feita sob vossos olhos; de qualquer modo, ei-lo autor clássico, examinado como Racine por nosso deão, citado perante nosso tribunal das palavras, e inapelavelmente condenado a fazer *crêpe* de duas sílabas.

Junto-me ao deão e dirijo contra o filósofo de Sans-Souci uma acusação bem diversa. Vós proporcionastes duas sílabas à palavra *hait* em vosso belo discurso do *Estoico*: “*Votre goût offensé hait l’absinthe amère.*”¹⁷⁴

Não fecharemos os olhos para isto. O verbo *haïr* jamais terá duas sílabas no indicativo, *je hais, tu hais, il hait*; poderíeis até mesmo vencer-nos mais uma vez,

*Nous pourrions bien haïr les infidélités
De ceux qui par humeur ont fait de sots traits;
Nous pourrions bien haïr la fausse politique
De ceux qui, s’unissant avec nos ennemis,
Ont servi les desseins d’une cour tyrannique,
E qui se sont perdus pour perdre leurs amis;*¹⁷⁵

mas jamais cometeremos esse *il hait* de duas sílabas. Sire, considerai isto e tende a bondade de alterar o verso; seria bem conveniente.

Onde está o tempo, sire, em que me cabia a felicidade de colocar os pingos nos *ii* em Sans-Souci e em Potsdam? Asseguro-vos que aqueles dois anos foram os mais agradáveis de minha vida. Tive o infortúnio de construir um castelo na fronteira da França e muito me arrependo. Os patagões, a resina de terebentina, a exaltação da alma e o buraco para atingir diretamente o centro da terra, tudo isso me afastou de meu verdadeiro centro.¹⁷⁶ Paguei uma exorbitância por aquele buraco. Fui feito para vós. Encerro a vida em minha pequena e obscura esfera, precisamente como passais a vossa em meio à vossa grandeza e glória. Conheço apenas a solidão e o trabalho; minha vida social se resume a cinco ou seis pessoas

que me concedem plena liberdade e a quem retribuo na mesma moeda: pois a sociedade sem liberdade é um suplício. Sou vosso Gilles¹⁷⁷ em matéria de sociedade e de literatura.

Tive por estes dias uma ligeira crise de apoplexia, por culpa minha. Quase sempre somos os causadores de nossas desgraças. Tal incidente impediu-me responder à Vossa Majestade na brevidade com que contava.

O diabo irrompeu em Genebra. Os que pretendiam retirar-se para Clèves continuam aqui.¹⁷⁸ A metade do Conselho e seus partidários zarparam; o embaixador da França partiu incógnito, vindo refugiar-se em minha casa.

Fui obrigado a emprestar-lhe cavalos para que retornasse a Soleure. Os filósofos que pretendem emigrar estão em situação embaraçosa, sequer podendo vender o que possuem; cessou todo o comércio e os bancos estão fechados. Mesmo assim, escreverei ao sr. barão de Werder, conforme autorizado por Vossa Majestade;¹⁷⁹ no entanto prevejo que nada poderá ser feito antes do final do inverno.

Guardo com a mais viva gratidão os doze belos prefácios,¹⁸⁰ monumento precioso de uma razão firme e audaz, que deve ser a lição dos filósofos.

Tendes grande razão, sire; um príncipe corajoso e sábio, com dinheiro, tropas e leis, pode muito bem governar os homens sem o auxílio da religião, que é feita apenas para enganá-los; mas o estúpido povo logo engendrará uma e, enquanto houver canalhas e imbecis haverá religiões. A nossa é insofismavelmente a mais ridícula, a mais absurda e a mais sanguinária que infectou o mundo em todas as épocas.

Vossa Majestade prestará um serviço imorredouro ao gênero humano ao destruir essa infame superstição, não digo na canalha, que não é digna de ser esclarecida e à qual todos os jugos são adequados; refiro-me à gente honesta, aos homens que pensam e aos que querem pensar. O número deles é bem grande: cabe a vós nutrir sua alma; cabe a vós distribuir pão branco às crianças da casa e relegar o preto aos cachorros. A morte aflige-me apenas pela dor de não vos secundar nesse nobre empreendimento, o mais belo e respeitável que possa dignificar o espírito humano.¹⁸¹

Alcides¹⁸² da Alemanha, dela sede o Nestor:¹⁸³ vivei três gerações de homens a fim de esmagar a cabeça da hidra.

Em Ferney, Voltaire planta, constrói, realiza. Põe em prática um “modo filosófico” de fidalguia rural. Introduz o bicho-da-seda e cria uma manufatura. Consegue melhorar a situação dos habitantes da região de Gex com normas de higiene e inoculação, e também com seu apoio político. Promove a confecção de rendas e a fabricação de relógios. Vende estes últimos com grande sucesso às cortes de Berlim e de Moscou, mas também à Argélia e ao sultão de Constantinopla.

AO SR. DE BOURNONVILLE

Ferney, 10 de janeiro de 1767

Tive a honra de escrever esta manhã ao margrave duque de Choiseul a fim de requerer um passaporte para nós e nossa gente, a caminho de Genebra e da Suíça. A carta partiu por Genebra, com a permissão do sr. de Virieu, comandante em nossa jurisdição sob as ordens do sr. de Jaucourt, que veio a Ferney com outros funcionários, tendo sido todos testemunhas de nossas dificuldades.

Duas horas após o envio de minha carta ao margrave duque de Choiseul, via Genebra, soubemos que dois de nossos fazendeiros, de nacionalidade suíça, escaparam sem licença. Fizemos essa carta partir por Gex sem saber se o mensageiro conseguirá atravessar a pé as montanhas cobertas de neve que separam as regiões de Gex e do Franche-Comté, e se a estrada de Besançon estará transitável.

Não sabemos que representações poderão fazer os outros domiciliados da região de Gex, mas, de todos, somos os que mais nos lamentamos, pois temos cinquenta pessoas a alimentar diariamente, tanto no castelo de Ferney quanto no de Tournay, fronteira da França, a caminho de Genebra.

A súbita fuga e bancarrota de nossos fazendeiros, a exploração abusiva que nossos empregados fazem da escassez de víveres, até mesmo a impossibilidade de fazê-los chegar em condições à nossa mesa, tudo isso nos deixa numa situação bastante triste.

Os genebrinos nadam em abundância, pois, além dos rebanhos de seu território, usufruem de todos os gêneros alimentícios da Savoia. De Ripaille até Annecy, todos os savoiardos acorrem para abastecer Genebra;

de maneira que, literalmente, só nós permanecemos humilhados. Sentimo-nos exatamente como numa cidade sitiada. Cercados que estamos de montanhas, onde a neve alcança, nos locais mais acessíveis, uma altura de três metros, vemo-nos absolutamente sem socorro algum. Nosso único recurso seria atravessar o lago de Genebra para nos reabastecer nas cidades da Savoia, mas não há barcos senão em Genebra e Lausanne. Poderíamos matar nossos bois, mas nos fariam falta na lavoura. Jamais, ao menos até agora, matou-se um boi na pequena cidade de Gex, que no fundo não passa de uma grande e irrisória aldeia, onde nunca existiu uma única loja comercial digna deste nome.

Os camponeses, em cujas casas os soldados estão alojados, fornecem-lhes ainda lenha às nossas custas, devastando nossa pequena floresta durante a noite. Não entramos em maiores detalhes para não fatigá-lo, mas esperamos que a generosidade do margrave duque de Choiseul atente à nossa situação. Acima de tudo, nosso empenho é por um passaporte para a nossa gente, tanto em direção à Suíça como à Genebra, e não abusaremos dele.

Temos a honra de ser, com todos os sentimentos devidos, senhor, seus mui humildes e obedientes servidor e servidora,

Voltaire e Denis

A CATARINA II,
imperatriz da Rússia

Ferney, 30 de abril de 1771

Senhora, envio à Vossa Majestade imperial, segundo suas ordens, a *Epístola ao rei da Dinamarca*. Parece-me não valer a que escrevi para a heroína do Norte,¹⁸⁴ em que infundi alguma força à grandiosidade do assunto. Pois, embora o rei da Dinamarca também promova o bem para os seus povos e embora tenha disparado tiros de canhão contra os piratas da Argélia, não humilhou de modo algum o orgulho otomano, não triunfou sobre Mustafá e ainda não aliou o gosto das letras à glória das conquistas.

A respeito dos *welches*, a oeste da Alemanha e defronte à Inglaterra, não empreendem atualmente conquista alguma, desde que perderam a fértil região do Canadá; fazem sempre muitos livros, sem que haja um único bom, possuem música de má qualidade e dinheiro nenhum. Os

parlamentos do reino, que se consideram o Parlamento da Inglaterra em função de um equívoco de nome, lutam contra o governo a golpes de panfletos; os teatros regurgitam de peças ruins que são aplaudidas; e tudo isso vem a ser o primeiro povo do universo, a primeira corte do universo, os primeiros símios do universo. Travam uma guerra civil por escrito, que em muito se assemelha à guerra entre os ratos e as rãs.

Não sei se o cavaleiro de Tott¹⁸⁵ será o primeiro dos canhoneiros do universo; alegro-me, porém, de que o trono otomano, pelo qual nutro pouca inclinação, não será o primeiro trono.

Ouçó dizer em meu deserto que a abertura das hostilidades já se anuncia com uma vitória de Vossa Majestade imperial. Devo preparar liteira este ano ou ano que vem para ir passear pelo Bósforo?

Minha colônia trabalha na expectativa da generosidade de Vossa Majestade; pretende ter pronta, dentro de uma semana, uma remessa de três ou quatro caixinhas de relógios, cujos valores oscilam entre oito e oitenta luíses. Um deles é em diamantes, com vosso retrato pintado por um excelente pintor; todos os relógios têm ótimo funcionamento. Trabalhou-se com o zelo que se deve demonstrar quando é mister servir-vos; todos os preços são trinta por cento mais barato do que no mercado da Inglaterra, e no entanto nada se poupou.

Unânicos, desejamos, em meu cantão, que todas as horas desses relógios vos sejam favoráveis e que Mustafá passe sempre por maus minutos.

Que a heroína do Norte conceda receber o profundo respeito e o reconhecimento desse velho doente do monte Jura.

A MILORDE CHESTERFIELD

Ferney, 24 de setembro de 1771

... Dos cinco sentidos que temos em comum, milorde Huntington diz que o senhor perdeu apenas um, e que tem um bom estômago; o que bem vale um par de orelhas.¹⁸⁶

Talvez eu devesse refletir sobre o que é mais triste: ser surdo, cego ou nada ingerir. Posso julgar esses três estados com conhecimento de causa, mas há muito já não ousa decidir sobre bagatelas e, logo, menos ainda sobre coisas tão importantes. Limito-me a crer que, se o senhor tem sol na

bela casa que construiu, terá momentos toleráveis. E o que se pode esperar, além disso, na nossa idade, ou até mesmo em qualquer idade? Cícero escreveu um belo tratado sobre a velhice, mas não comprovou seu livro com fatos; seus últimos anos foram bem infelizes. O senhor viveu mais tempo e com maior felicidade do que ele. Não teve problemas com ditadores vitalícios nem com triunviratos. Seu quinhão foi e é um dos mais desejáveis nessa grande loteria em que são tão raros os bilhetes premiados e em que a grande recompensa de uma felicidade duradoura ainda não saiu para ninguém.

Sua filosofia jamais se abalou com quimeras que eventualmente confundiram alguns cérebros, inclusive dos mais bem dotados. O senhor nunca foi, em gênero algum, charlatão nem ludibriado por charlatães; e é o que considero um mérito bem pouco comum, que contribui para a nesga de felicidade que se pode provar nesta curta vida etc. ...

[CARTA DESTINADA PROVAVELMENTE A BEAUMARCHAIS]

No castelo de Ferney, 9 de dezembro de 1771

Permita, senhor, que, sem ter a honra de conhecê-lo, mas tendo conhecido o senhor seu pai, tome a liberdade de solicitar sua bondade para uma pequena colônia de estrangeiros que estabeleci em região um tanto agreste. Verá, pela pequena nota em anexo, que reuni artistas bastante talentosos em meu deserto. São novos súditos que tive a felicidade de conquistar para o rei. O senhor reúne condições de apresentar à corte trabalhos únicos em relojoaria, que não se fazem em Paris ou Londres.

Há cerca de um ano e meio, outros artesãos de minha colônia enviaram dois relógios ao sr. duque de Duras, com retratos da sra. delfina e da rainha de Nápoles. Os tais retratos não eram bem-feitos, o que acontece muitas vezes com pintores que trabalham com esmalte e também com outros; mas os relógios eram bons. Peço sua proteção para nossos relojoeiros, que trabalham por um salário três vezes mais baixo do que em Paris, e que estão às suas ordens.

Tenho a honra de expressar-lhe os sentimentos devidos, senhor, seu mui humilde e obediente servidor.

AO SR. DUPLEIX

Ferney, 10 de dezembro de 1776

Aceite minha gratidão pela carta com que me honrou em 4 de dezembro. Eis, a seguir, tudo o que sei em meu leito quanto aos negócios que empreendemos em Berna.

Lembro-me de que o sr. Fabry, em seu retorno de Bourg en Bresse, onde trabalhou para o senhor, contou-nos, à sra. Denis e a mim, que o sr. Roze fizera um negócio com suas Excelências de Berna em torno de seis mil quintais de sal branco e que não podíamos impedir o prosseguimento da transação, uma vez que o artigo 3 do édito real, registrado no Parlamento de Dijon, assegura “a qualquer súdito da província de Gex comprar sal e vendê-lo onde bem entender”.

Essa notícia logo alarmou toda a região. Viu-se, com horror e pasmo, que um homem sem palavra, desertor da legião de Condé, que trabalhou durante dois anos para o sr. Racle, antigo negociante de Versoix, tendo comprado sua licença com dinheiro do sr. Racle, maquinava um empreendimento capaz de enriquecê-lo em um ano e arruinar a província, assim prejudicando sua imagem junto ao Ministério. Toda a região logo soube que ele estava associado ao sr. Brémont, responsável pelo correio de Versoix e interino, nesse cargo, do sr. Fabry, seu procurador.

Imagine, senhor, os efeitos que produziu nos espíritos o receio de uma taxa considerável a ser imposta à província, e o receio ainda mais desesperado de pagar esse tributo apenas para enriquecer o citado Roze e seus sócios. Não se deve ocultar que os alarmes culminaram na injustiça de se suspeitar do próprio sr. Fabry, que estaria a proteger, nesse negócio, Brémont, seu interino, e, conseqüentemente, Roze.

Diversos membros dos Estados recorreram finalmente a mim, pedindo-me um empréstimo de trinta mil francos para pagar o que devem aos coletores de impostos, na expectativa de obter dos senhores de Berna o mesmo privilégio, extorquido por Roze, e, com a venda do sal que iriam adquirir de Berna, conseguir quitar a província de suas outras dívidas.

Embora avizinhandome de uma total ruína pela quantidade de casas que mandei construir, prometi o empréstimo de trinta mil francos aos Estados, e encarreguei-me também de representá-los junto aos senhores de Berna, sob a condição, escusado dizer, de sua aprovação. Tive a honra de escrever-lhe sobre isso em 28 de novembro, se bem me lembro.

Ao mesmo tempo, monsenhor Fabry aconselhou aos síndicos da nobreza¹⁸⁷ que escrevessem ao ministro de França sobre o caso do sal; tomaram essa infeliz iniciativa, daí resultando uma carta do sr. embaixador na Suíça, na qual este roga ao Senado de Berna que não dê o sal nem a Roze nem a nós.

Eis o ponto, senhor, a que chegamos com relação a esse assunto, mais transtorno do que negociação.

Além disso, não poderei emprestar os trinta mil francos a nossos Estados, como julgava, pois quando pensava poder ajudá-los, o sr. duque de Würtemberg, que me deve cem mil francos em dinheiro, pediu-me novo prazo, de um ano, para pagamento.

Agora, senhor, permita-me consultá-lo quanto ao uso a ser feito por nossa província do direito que lhe concede o artigo 3 do édito, de *comprar* e *vender* sal onde bem entender. Seria sem dúvida deplorável e absurdo que, seguindo ao pé da letra esse édito, um homem sem palavra, como Roze, tenha o poder de arruinar a província, e que não tenha ela a mesma prerrogativa. ...

AO SR. D'ALEMBERT

9 de maio [de 1777]

Seu estômago e seu ânus, meu caro amigo e filósofo, não podem encontrar-se em pior estado do que minha cabeça. Minha ligeira apoplexia, aos oitenta e três anos de idade, não fica nada a dever às suas evacuações aos sessenta. Coloquemo-las no mesmo prato, suas tripas e minhas meninges, e apresentemo-las à filosofia. Morro oprimido pela natureza, que me ataca em cima, ao passo que o fustiga por baixo. Morro perseguido pelo destino, que zombou de mim na fundação de minha colônia. Morro perseguido pelos péssimos livros, que chovem. Morro acuado pelos buldogues que fazem Delisle em pedaços.¹⁸⁸ Sei que, descarnado, querem devorar-me também; mas será uma refeição indigesta. Sou um velho cervo de mais de dez galhos e darei boas chifradas antes de expirar sob os seus dentes. Meu cérebro zune tão prodigiosamente, no momento em que lhe escrevo, que o *amanuensis*¹⁸⁹ e eu não nos entendemos mais. Meu coração ainda está saudável; será seu até o último momento.

Adeus, sábio; meus cumprimentos a Pascal-Condorcet;¹⁹⁰ ele desempenhará um grande papel. Adeus, caro Bertrand; lembre-se de Raton.¹⁹¹

No final de 1777, Voltaire é aclamado pelos habitantes de Ferney, por ocasião de uma festa. Em fevereiro de 1778, aos 83 anos, chega a Paris. Mais de 300 pessoas irão visitá-lo; todos o sabem moribundo. Recebe a absolvição, mas recusa a comunhão. É homenageado na Academia e na Comédie-Française. É a “coroação” de Voltaire. Morre em Paris, em 30 de maio.

AO SR. DOUTOR TRONCHIN

[c. 20 de maio de 1778]¹⁹²

O paciente da rua de Beaune, durante a noite inteira teve, e tem ainda, acessos de violenta tosse. Vomitou sangue três vezes. Pede perdão por tanto trabalho destinado a um cadáver.

AO SR. DOUTOR TRONCHIN
[com a letra tremida]

[maio de 1778]¹⁹³

Seu velho doente está com febre. Este glorioso corpo tem as pernas bem inchadas e cheias de manchas vermelhas. Gostaria esta manhã de se transportar ao templo de Esculápio, mas não consegue.

AO SR. CONDE DE LALLY

26 de maio [de 1778]

O moribundo ressuscita ao receber essa grande notícia;¹⁹⁴ abraça com muita ternura o sr. de Lally; vê que o rei é o defensor da justiça. Morrerá contente.¹⁹⁵



Nota dos organizadores

A correspondência incluída nesta coletânea foi selecionada e traduzida a partir de fontes diversas, dentre as quais podemos citar *Voltaire*, de Fernand Caussi (Paris, Hachette, 1912); *Les plus belles lettres de Voltaire* (Paris, Calmann-Lévy, 1961); *Voltaire*, de Pierre Lepape (Rio de Janeiro, Zahar, 1995); e os 13 tomos de *Correspondance*, organizados por Theodore Besterman (Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1977). Nos casos em que as redações mostraram-se divergentes, constituindo claramente edições ou, alguns deles, rascunhos desprezados, selecionamos as versões ou passagens conforme melhor servissem ao nosso propósito aqui.



Índice de cartas por destinatário

Alembert, Jean le Rond d', [1](#), [2](#), [3](#)
Amelot de Chaillou, Jean-Jacques, [1](#)
Argens, Jean-Baptiste de Boyer, marquês d', [1](#), [2](#), [3](#)
Argenson, René-Louis de Voyer, marquês d', [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Argental, Charles-Augustin de Ferriol, conde de, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)
Arnaud, Baculard d', [1](#)
Bagieux, Jacques, [1](#)
Beaumarchais, Pierre-Augustin Carron de, [1](#)
Bento XIV, papa, [1](#)
Berger, [1](#), [2](#), [3](#)
Bernières, Marguerite-Madeleine du Moutier, marquesa de, [1](#), [2](#)
Bournonville, Antoine-Charles Esmangart de, [1](#)
Brenles, Jacques Clavel de, [1](#)
Breteuil, Louis-Nicolas Le Tonnelier, marquês de, [1](#)
Brossette, Claude, [1](#)
Calmet, Antoine, dom, [1](#)
Catarina II, “Catarina a Grande”, [1](#)
Châtelet, Émilie du, marquesa de, [1](#)
Chesterfield, Philip Dormer, lorde, [1](#)
Cideville, Pierre-Robert Le Cornier de, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#)
Condamine, Charles-Marie de La, [1](#)
Damilaville, Étienne-Noël, [1](#)
Deffand, Marie de Vichy de Chamrond, marquesa du, [1](#), [2](#)

Denis, Marie-Louise Mignot, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#),
[16](#)
Desforgues-Maillard, Paul, [1](#)
Devaux, François-Antoine, [1](#)
Diderot, Denis, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Dubos, Jean-Baptiste, padre, [1](#)
Dupleix de Bacquencourt, Guillaume-Joseph, [1](#)
Épinay, Louise d', [1](#)
Fleury, André-Hercule, cardeal de, [1](#), [2](#)
Fontaine, Marie-Elisabeth de Dompierre de, [1](#), [2](#), [3](#)
Formont, Jean-Baptiste Nicolas de, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)
Francisco I, [1](#)
Frederico II o Grande, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Helvétius, Claude Adrien, [1](#)
Hénault, Charles-Jean François, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Hervey, John, lorde, [1](#)
Joly de Fleury, Jean-François, [1](#)
Lally-Tollendal, Gérard de, [1](#)
Lanoue, Jean-Baptiste Sauvé de, [1](#)
Lutzelbourg, Marie-Ursule de Klingin, condessa de, [1](#)
Maine, Anne de Bourbon-Condé, duquesa du, [1](#)
Maupertuis, Pierre Louis Moreau de, [1](#), [2](#)
Olivet, Pierre-Joseph Thoulhier, abade d', [1](#), [2](#), [3](#)
Orléans, Philipe d', [1](#)
Polier de Bottens, Antoine-Noé de, [1](#)
Richelieu, Louis François Armand, duque de, [1](#), [2](#), [3](#)
Rousseau, Jean-Jacques, [1](#), [2](#), [3](#)
Saint-Cyr, Joseph Giry de, [1](#)
Thibouville, Henri Lambert d'Herbigny, marquês de, [1](#)
Thieriot, Nicolas-Claude, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#)
Tronchin, Théodore, [1](#)
Valori, Charles de, [1](#)
Vauvenargues, Luc de Clapiers, marquês de, [1](#)

Virotte, Louis Anne La, [1](#)

Voisenon, Claude-Henri de Fusée, abade de, [1](#)

Voltaire, [1](#)

¹ Como o Regente recusou a dedicatória de *Édipo*, Voltaire dedicou a obra à duquesa de Orléans, que aceitou. Ainda assim, o Regente terminou concedendo ao autor uma pensão de mil e duzentas libras.

² O *Poema da Liga*, iniciado na Bastilha, só será concluído e impresso em 1723; em 1728 passa a se intitular *Henriade*.

³ O *Poema da Liga* (*A Henriade*), que será publicado alguns meses mais tarde.

⁴ Grande Pensionário: título do administrador geral da Holanda.

⁵ Atual Maisons-Laffitte, obra-prima do arquiteto François Mansart, um belo palacete nas proximidades de Paris.

⁷ Voltaire enviara o manuscrito revisto para a Inglaterra, mas este só seria publicado em 1728.

⁶ Trata-se de Gervasi (?), médico do cardeal de Rohan, e Jean-Baptiste Silva (1682-1742), primeiro-médico da rainha. Para Helvétius, ver “Sobre os destinatários”.

⁸ Jean Chapelain (1595-1674), poeta e crítico literário; Antoine Houdar de La Motte (1672-1731), escritor e dramaturgo; Henry de Saint-Didier (século XVI), autor da primeira obra concebida e impressa em francês (sobre a arte do combate).

⁹ Pierre-Charles Roy (1683-1764) escrevia libretos para comédias, óperas e balés. Mais tarde criticou Voltaire, que o processou.

¹⁰ Saudação latina de despedida, significando ao mesmo tempo “força”, “saúde”.

¹¹ O Cavaleiro de Rohan, que recusara duelo antes.

¹² Isso parece indicar que a carta foi escrita da região de Dover.

¹³ “Terá ela o cuidado de acalmar meu coração/ Contra a desconfiança e a infelicidade?” (Racine, *Mithridate*).

¹⁴ Ambos satirizados por Boileau.

¹⁵ Jean-Baptiste Rousseau (1671-1741), poeta lírico e epigramático, foi exilado em 1712 por ter escrito dísticos difamatórios. Tinha um gênio violento e Voltaire estava brigado com ele desde 1722.

¹⁶ O livro, *Elementos da filosofia de Newton*, planejado desde 1726, foi quase todo escrito durante a temporada na Inglaterra. Para a parte científica, porém, Voltaire buscou informações suplementares até 1732. A primeira edição (em inglês) é de 1733.

¹⁷ Porque receberia o lucro da edição.

¹⁸ “O destino não permitiu que eu escrevesse tolices à vontade/ compondo livros como bem entendesse”, brincadeira com versos de Virgílio, na *Eneida*, IV.

¹⁹ De origem modesta, a srta. de Launay era camareira da duquesa du Maine. Casada mais tarde com o barão de Staal, foi uma das mulheres mais invejadas da sociedade elegante da época, tendo deixado *Memórias*.

²⁰ Desde 1731, Voltaire estava hospedado na casa da baronesa Fontaine-Martel, que morreu em janeiro de 1733.

²¹ “Uma vez esmagada por nossos pés a superstição/a vitória nos conduz aos céus.”

²² Em 10 de junho de 1734, os exemplares das *Cartas filosóficas*, de Voltaire, tinham sido tirados de circulação, sendo em seguida queimados por um carrasco como escandalosos e contrários à religião.

²³ “Os versos exigem do poeta solidão e ócio” (Ovídio, *Tristia*, eleg. I).

²⁴ “... tendo que extorquir poemas” (Horácio, *Cartas*, II, 2).

²⁵ “Primeiro viver, depois filosofar.”

²⁶ A Lorena foi anexada à França no ano seguinte, mas a união só se formalizou quando da morte do rei Estanislau, em 1766.

²⁷ La Popelinière era contratador-geral e mecenas, sobretudo no campo da música.

²⁸ “Para maior glória de Deus”, divisa dos jesuítas.

²⁹ *A morte de César*, escrita por Voltaire em 1731, estreou na Comédie-Française apenas em 1743. Nesse ínterim, cenas eram apresentadas em recintos privados: no palacete de Lassenage e depois no colégio d’Harcourt.

³⁰ “O maior nas pequenas coisas.” Jean Philippe Rameau acabava de estreiar sua primeira ópera em 1733 e uma ópera-balé em 1735.

³¹ Voltaire refere-se a uma gravura em que ele aparece ao lado do “pastor, filósofo e galante Fontenelle”.

³² “Adeus, e queira-me bem.”

³³ Ex-jesuíta, Pierre François Guyot-Desfontaines (1685-1745) pode ser considerado um dos fundadores da crítica literária na França. Criticou as obras dramáticas de Voltaire, que respondeu com um panfleto bastante agressivo, intitulado *O preventivo*, em 1738. Desfontaines, por sua vez, publicou (anonimamente) *A voltaïromania*, que compilava histórias maldosas sobre o autor.

³⁴ Jean-Louis Guez de Balzac (1597-1654), escritor considerado o “reformador da língua francesa”.

³⁵ Vincent Voiture (1597-1648), exemplo de preciosismo literário.

³⁶ Bernard Bouyer de Fontenelle (1657-1757), autor de *Cartas do cavaleiro de Her*.

³⁷ “Em sua maioria sem nenhum estilo, sem nenhum bom gosto.”

³⁸ Voltaire esperava que a carta fosse transmitida a Marivaux; em outras ele se refere abertamente a “Marivaux o metafísico”.

³⁹ Frederico, que subiria ao trono da Prússia em 1740, havia escrito a Voltaire uma carta datada de 8 de agosto, com imensos elogios, e enviado, de sua autoria, uma apologia do filósofo e matemático Christian von Wolf (1679-1754), oferecendo uma cumplicidade de *philosophe*: “Se entre [seus] manuscritos existe algum que, por necessária circunspeção, o senhor considere conveniente esconder do público, prometo conservá-lo em sigilo, contentando-me apenas em aplaudir em privado. Infelizmente sei que a palavra dos príncipes é algo pouco respeitável em nossos dias; contudo, espero que não se deixe levar por preconceitos genéricos e abra, em meu benefício, uma exceção à regra.”

⁴⁰ Curiosa profecia anunciando a querela Maupertuis-Koenig, na corte de Frederico II. Voltaire retoma com frequência o tema das polêmicas no mundo erudito e literário, sendo ele próprio um notório provocador. Mas deve-se reconhecer que muitos de seus contemporâneos também o foram e que nem sempre ele tomou a iniciativa das hostilidades.

⁴¹ “A ferro ou à maneira bárbara.”

⁴² Voltaire estava longe de gostar de Wolf, acabando inclusive por influenciar Frederico nesse sentido.

⁴³ Libânio (314-394), retórico grego de Antioquia, defendeu o paganismo contra o cristianismo que começava a conquistar o mundo ocidental (século IV). O imperador Juliano o Apóstata (331-363) convidou-o para abrilhantar sua corte.

⁴⁴ A nota é uma resposta antecipada à publicação de *A virgem de Orléans*. Em 14 de janeiro, a *Gazeta de Utrecht* noticiara que Voltaire negava a composição do poema épico, um insulto à religião, obra de seus inimigos e caluniadores. Negava também que o Ministério público francês o perseguisse, até porque o rei lhe concedia a honra de uma pensão.

⁴⁵ “Descansando à sombra,/ ensinando a floresta a chamar a bela Amarilis” (Virgílio, *Eclógas*, I, v.4).

⁴⁶ Trata-se do poeta Jean-Baptiste Rousseau (1670-1741).

⁴⁷ Contemporâneo de Voltaire, Jean-Jacques Dortous de Mairan (1678-1771) era geômetra e astrônomo, membro das Academias de Ciências e de Letras, e Quintiliano (c.30-c.90), retórico do século I, autor de projeto pedagógico bastante moderno.

⁴⁸ “Há muitos quartos na morada de meu pai” (João, XIV). Voltaire cita com frequência este versículo, querendo destacar a veracidade e a imparcialidade dos gostos.

⁴⁹ “Mas tudo tem seu tempo.”

⁵⁰ “Se conhecesse o dom de Deus.”

⁵¹ “Um deus nos habita; quando ele age sentimos arder” (Ovídio, *Fastos*, livro VI, v.5).

⁵² No caso, a Academia Francesa e a Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Voltaire chama *tripot* todo grupo de iniciados ou de colegas que usufruem de um trabalho privilegiado. Quando

escreve a Argental, o *tripot* é o mundo do teatro.

⁵³ “Uma vez mortos, seremos amados” (Horácio, livro II, ep. I, v.14).

⁵⁴ A *régle* consistia na prerrogativa real de cobrança de impostos de determinadas dioceses da França. Em 1673, Luís XIV quis estender esse direito ao país inteiro, o que desagradou ao papa Inocêncio XI. A controvérsia durou até 1693.

⁵⁵ “Os trabalhos interrompidos permanecem suspensos, assim como os imponentes muros ameaçam o céu...”; “E andaimes que chegam ao céu” (*Eneida*, livro IV, v.88).

⁵⁶ D’Argenson tinha sido nomeado embaixador em Portugal, mas não chegou a ocupar o cargo.

⁵⁷ Como os externos eram chamados pelos internos das congregações jesuítas.

⁵⁸ A peça *Maomé*, de Voltaire, foi encenada pela primeira vez em Lille, em abril de 1739. François Lanoue (1701-1761) foi um bom ator e entrou para a Comédie-Française em 1742, “apesar da feiura de seus traços”. Compôs ele próprio algumas peças, dentre as quais *Maomé II* (1739).

⁵⁹ Os personagens da tragédia de Racine são, todos, otomanos.

⁶⁰ *Terre, guerre, père e mère*, como *sang e camp*, soam semelhantes em francês.

⁶¹ O processo que envolvia a sra. du Châtelet, para o qual Voltaire retornara a Bruxelas.

⁶² Trata-se do geômetra Viviani, que o próprio Voltaire cita no capítulo XXV do *Século de Luís XIV*.

⁶³ Paul Pelisson (1624-1693) escreveu *A história da Academia Francesa* e se tornou historiógrafo de Luís XIV. Seus escritos foram elogiados por Voltaire, que o compara a Cícero.

⁶⁴ Ver carta a Lanoue, de 3 de abril de 1739.

⁶⁵ *In partibus infidelium*: diz-se do bispo cujo título é puramente honorífico, não devendo obrigações a nenhuma jurisdição.

⁶⁶ No caso, Voltaire se refere a jansenistas que simulavam “convulsões” em suas manifestações públicas.

⁶⁷ A peça *Maomé*, que o padre Desfontaines conseguira embargar, pressionando o cardeal de Fleury.

⁶⁸ No original: “Pardonne aux diamants qui forment la bordure/ D’un portrait de peu de valeur/ Je n’ai pas mis tant d’art à te donner mon coeur:/ Il n’a pas besoin de parure.”

⁶⁹ O próprio Voltaire.

⁷⁰ Carta escrita originalmente em italiano.

⁷¹ “Eis Lambertini, glória de Roma e pai da terra; seus escritos instruíram o mundo e ele o adorna com suas virtudes.”

⁷² No mesmo dia, Voltaire enviava *Maomé* ao papa com uma dedicatória em italiano. Bento XIV amavelmente respondeu em 19 de setembro, discutindo a prosódia da copla que Voltaire lhe consagrara (“o vocábulo *hic* do primeiro verso pode ser longo, ou é obrigatoriamente breve?”).

⁷³ Jean-Jacques Rousseau havia escrito a Voltaire, dizendo ter sido encarregado pelo duque de Richelieu de reelaborar a *Princesa da Navarra*, que Voltaire escrevera em homenagem ao casamento do delfim, para transformá-la em libreto de ópera. Enviou suas sugestões a Voltaire para que as corrigisse à vontade.

⁷⁴ Voltaire decerto alude ao livro de *Máximas e reflexões*, de Vauvenargues.

⁷⁵ Obras eróticas atribuídas ao conde Anne-Claude de Caylus (1692-1765).

⁷⁶ Será apenas em 1754, em seu retorno da Prússia, que Voltaire passará um mês em Sénones.

⁷⁷ Voltaire escreveu a Marie Leszczyńska, rainha da França, solicitando a proibição de uma paródia satírica de uma tragédia sua; o monsenhor de Fleury, cardeal, aquiesceu.

⁷⁸ Denis Diderot (1713-1784) acabava de publicar a *Carta sobre os cegos para uso daqueles que veem* e foi preso em Vincennes no mês seguinte à presente carta. Já começara a reunir elementos e colaboradores para a *Enciclopédia*. Sua relação com Voltaire era irregular e mantinha-se polida.

⁷⁹ Uma reedição dos *Elementos da filosofia de Newton*.

⁸⁰ Diderot utiliza em seu livro o exemplo de Nicholas Saunderson (1682-1739), cego desde a idade de um ano e que veio a ser ilustre matemático.

⁸¹ Diderot respondeu a Voltaire em 11 de junho e aceitou algumas críticas, dizendo-se inclusive contrário à opinião de Saunderson.

⁸² Referência a São Greluchon, a quem as mulheres pediam para engravidar.

⁸³ Alusão a *Princesa de Clèves*, obra da sra. de La Fayette.

⁸⁴ Personagem de *Rome sauvée*.

⁸⁵ Trata-se do conde de Choiseul, amigo íntimo de d’Argental, e do abade de Chauvelin, cônego de Notre-Dame e conselheiro no Parlamento de Paris.

⁸⁶ No original: “A de pareils honneurs je n’ai point dû m’attendre/ Timide, embarrassé, j’ose à peine en jouir./ Quinte-Curce lui-même aurait-il pu dormir,/ S’il eût osé coucher dans le lit d’Alexandre?!”

⁸⁷ Alusão a *Cénie*, comédia estreada em 25 de junho de 1750 pela companhia da Comédie-Française.

⁸⁸ Essa trupe privada fez diversas apresentações no palacete da rua Traversière, que Voltaire ocupava em Paris com a sra. du Châtelet e onde depois morou, em 1749-50.

⁸⁹ “Os poemas trágicos e todas essas bagatelas.”

⁹⁰ “César é o supremo gramático.”

⁹¹ O general Flávio Belisário (505-56), de Bizâncio, acusado de conspirar contra o imperador Justiniano, foi exonerado e condenado à prisão. Diz a lenda que Justiniano mandou cegá-lo.

⁹² Do seu posto de camareiro-mor.

⁹³ Richelieu, na época, era general na região do Languedoc.

⁹⁴ George Keith (1692-1778), conhecido como milorde Marechal, havia participado de uma conspiração na Inglaterra, em 1713, e fora condenado à morte. Fugiu para a Prússia e lá morou até o fim da vida. Fazia parte do círculo de Frederico II e protegeu Jean-Jacques Rousseau.

⁹⁵ François d'Aguesseau (1668-1751) ocupou o cargo de chanceler da França até 1750, com a idade de 82 anos.

⁹⁶ Jean-François Boyer (1675-1755), bispo de Mirepoix e preceptor do delfim, detestava Voltaire, que volta e meia o ridicularizava (em *Zadig*, ele aparece como o arquimágico Yébor, anagrama de Boyer).

⁹⁷ Esse Painel viria a ser resumido na edição final do *Século de Luís XIV* (cap. XXIV), e uma parte dele inserida nos primeiros capítulos.

⁹⁸ A paz de Utrecht, firmada em 1714 por diversos países da Europa, pôs fim à guerra da sucessão espanhola.

⁹⁹ Charles Fouquet de Belle-Isle (1684-1761) foi um dos responsáveis pela guerra de sucessão da Áustria. Ficou conhecido sobretudo pela evacuação da Boêmia, após a defecção de Frederico II (em 1742).

¹⁰⁰ Os reis da Europa tratavam-se mutuamente por “irmão”.

¹⁰¹ Julien Offray de La Mettrie, médico e filósofo materialista, igualmente expatriado da corte de Frederico II.

¹⁰² Ver carta acima.

¹⁰³ Hénault fizera observações críticas ao *Século de Luís XIV*, sobretudo com relação à primeira parte, julgando insuficientes os elogios ao rei.

¹⁰⁴ Na verdade, Claude François Lambert (1705-17650), que acabava de publicar uma *História geral de todos os povos do mundo* (1750) e uma *História literária de Luís XIV* (1751).

¹⁰⁵ A correspondência era violada e Frederico controlava, sobretudo, as cartas trocadas entre Voltaire e a sra. Denis.

¹⁰⁶ Laurent Angliviel de la Beaumelle (1727-1773) viveu em Genebra, em Copenhague e em Berlim. Muito ambicioso, atacou Voltaire em *Notas sobre “O século de Luís XIV”* (1753), e a virulência de suas críticas levou-o a passar seis meses na Bastilha.

¹⁰⁷ Johann Samuel Koenig (1712-1757), matemático alemão, havia sido, por três anos, secretário particular e professor de matemática do sr. du Châtelet. O princípio cuja existência ele demonstrou em Leipzig chama-se “princípio de ação mínima”.

¹⁰⁸ Brochura intitulada *Carta ao público*.

¹⁰⁹ Em Diatribe do doutor Akakia, extremamente provocador e irônico.

¹¹⁰ Voltaire pedira que enviassem dinheiro de Paris para Berlim, mas por medida de segurança emprestou-o ao duque de Wurtemberg, que em troca pagaria uma renda vitalícia para ele e para a sra. Denis. O duque não cumpriu seus compromissos.

¹¹¹ Os soldados do exército de Frederico II caracterizavam-se pelo uso de bigodes.

¹¹² Carta de 23 de agosto de 1750, em que de Frederico respondia às apreensões da sra. Denis e acrescentava: “Respeito-o como meu mestre em eloquência e em saber; considero-o um amigo virtuoso.”

¹¹³ Será, no entanto, o pretexto de Voltaire para deixar Berlim, no mês de março seguinte. Em seguida à publicação de *Akakia*, Frederico escreveu a Voltaire uma carta enfática: “Sua afronta me espanta. Seu comportamento mereceria grilhões.” Em 1^o de janeiro, Voltaire devolve-lhe a chave de camareiro e o cordão com suas condecorações.

¹¹⁴ Voltaire acabava de chegar a Frankfurt, onde encontrou a sra. Denis, que viera de Paris, quando ocorre a afronta que relata ao imperador.

¹¹⁵ Pastiche de Voltaire, germanizando o francês.

¹¹⁶ Frankfurt tinha administração autônoma e, desde 1356, era a cidade de coroação dos imperadores.

¹¹⁷ Charlotte d’Orléans, mãe de Francisco I, irmã do regente Filipe d’Orléans e esposa de Leopoldo de Lorena.

¹¹⁸ Em retribuição a um exemplar de *O século de Luís XIV*, o imperador enviara a Voltaire um relógio e uma tabaqueira.

¹¹⁹ Margrave: título dado aos governantes, e por extensão às suas esposas, das províncias fronteiriças na época do Sacro Império Romano-Germânico.

¹²⁰ Carlos XII da Suécia (1682-1718), ao buscar apoio dos turcos contra os russos, passou um tempo prisioneiro em Constantinopla.

¹²¹ Palavras de Jesus ao Jovem Rico (São Mateus, XIX, 21; São Marcos, X, 21).

¹²² Claude-Emmanuel Lhuillier, vulgo Chapelle (1626-1686), poeta libertino francês.

¹²³ São Denis, padroeiro de Paris, e Joana d’Arc.

¹²⁴ Provavelmente *A virgem de Orléans*, sobre Joana D’Arc. O Grasset em questão nada tem a ver com as Éditions Grasset, editora francesa fundada em 1907.

¹²⁵ Rousseau enviara o *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* a Voltaire.

¹²⁶ O dramaturgo Charles Palissot (1730-1814) lembrou-se desse detalhe e, em sua comédia satírica *Philosophes* (1760), colocou Rousseau andando de quatro no palco.

¹²⁷ Em vez de criticar *Discurso sobre a desigualdade*, Voltaire se refere a *Discurso sobre as críticas e as artes*, publicado cinco anos antes e do qual gostava mais.

¹²⁸ Trata-se de Pierre-François Guyot Desfontaines (1685-1745), jornalista e crítico acusado de sodomia em 1724, que Voltaire ajudara a sair da prisão.

¹²⁹ Para este episódio, ver carta de Voltaire a sra. Denis de 24 de julho de 1752.

¹³⁰ Voltaire refere-se a *La Pucelle*. Para este episódio, ver carta de Voltaire à sra. de Fontaine de 23 de maio de 1755.

¹³¹ Thamas Kuli-kan (1688-1747) governou a Pérsia na primeira metade do século XVIII, venceu os turcos e conquistou parte da Ásia Central.

¹³² Embora falsa no caso de Voltaire, a partícula “de”, indicativa de nobreza, era ferinamente anteposta a seu nome por parte dos rivais.

¹³³ Do conto *Mnemon*, posteriormente intitulado *Zadig*, de Voltaire.

¹³⁴ *L'Orphelin de la Chine*, tragédia de Voltaire apresentada em Paris em agosto de 1755 e que ele imediatamente publicou em livro, julgando que fora “desfigurada” em cena.

¹³⁵ Mólí (do gr. *moly*): na *Odisseia*, planta mágica ingerida pelos homens da tripulação de Ulisses como antídoto ao feitiço de Circe, que os transformara em porcos.

¹³⁶ Trata-se de uma breve resposta a uma infundável carta de Rousseau, de 18 de agosto de 1756, que refutava o *Poema sobre o terremoto de Lisboa*. “No lugar do consolo que eu esperava”, escrevia ele, “o senhor me aflige ainda mais”.

¹³⁷ O “melhor médico da Europa”, citado na carta de 30 de agosto do ano anterior, correspondia-se também com Rousseau e, a propósito, traça um retrato de Voltaire que contrasta com os múltiplos elogios que o filósofo dedica ao médico.

¹³⁸ Jean le Rond d’Alembert (1717-1783) acabava de passar o mês de agosto em Les Délices, onde preparara o célebre verbete “Genebra”, publicado na *Enciclopédia* um ano mais tarde.

¹³⁹ Habacuc, oitavo dos profetas menores; verbete de autoria do teólogo Edme-François Mallet (1713-1755). “Hábil”, em francês “habile”, é verbete não assinado. Ambos encontram-se no tomo VIII.

¹⁴⁰ Jean-Martin de Prades (1720-1782), teólogo francês, acusado de heresia e acolhido na corte de Frederico II a pedido de Voltaire. Foi um dos colaboradores da *Enciclopédia*.

¹⁴¹ Ver nota à carta de 5 de janeiro de 1758. O verbete “Servet” acabou não sendo incluído na *Enciclopédia*.

¹⁴² Para escrever o verbete “Historiógrafo”, Voltaire requisitara o verbete “História”, já pronto, para não se repetir.

¹⁴³ *A religião vingada ou Refutação dos autores ímpios*, de Soret Hayer e outros colaboradores.

[144](#) O jesuíta François Garasse (1585-1631) era conhecido pela virulência de suas polêmicas e injúrias.

[145](#) Miguel Servet (1511-1553), médico e teólogo espanhol, a quem são atribuídos avanços no estudo da circulação do sangue através dos pulmões. Foi condenado à morte pelo Grande Conselho de Genebra, presidido por Calvino, e queimado vivo.

[146](#) O jesuíta Jean Guignard (?-?), alcunhado Briquarel, foi considerado o instigador da tentativa de regicídio perpetrada por Jean Châtel (1575-1594) contra Henrique IV e acabou condenado à morte pelo Parlamento de Paris, em 1595.

[147](#) São os últimos verbetes elaborados por Voltaire e, de fato, os mais importantes. Serão publicados em 1765, no tomo VIII.

[148](#) Esse verbete não foi publicado e aparentemente sequer foi escrito.

[149](#) Trata-se do teólogo Antoine-Noé Polier de Bottens (1713-1787) e do pastor e naturalista Élie Bertrand (1713-1797), “ajudantes de pedreiro” na construção da “pirâmide” que era a *Encyclopédia*, conforme analogia anterior.

[150](#) Voltaire regressava de Schwetzingen.

[151](#) O *Tratado de dinâmica* de d’Alembert foi publicado em 1743 e o “Discurso preliminar” da *Encyclopédia*, em 1751. No entanto, só agora Voltaire parece tomar conhecimento da obra de d’Alembert.

[152](#) Na *Carta a d’Alembert sobre os espetáculos* recém-publicada, em agosto.

[153](#) Calvino só reconhece dois sacramentos: o batismo e a comunhão.

[154](#) Da tragédia de Voltaire *A morte de César*, Ato III, Cena IV.

[155](#) “Mais ciência não dá mais sabedoria”: réplica do Irmão Jean em *Gargântua* (I, 39), de Rabelais.

[156](#) Voltaire se refere a Guillaume Budée, humanista e filólogo francês criador do “Colégio das Três Línguas” (hebraico, grego e latim), no século XVI, que logo em seguida se tornou o prestigioso Collège de France.

[157](#) Voltaire, vendo novamente Frederico II em dificuldades, não resiste à tentação de oferecer seus serviços e, ao mesmo tempo, provocar o rei da Prússia, prestando-lhe um favor. Como já havia acontecido antes, em 1757, Frederico pôde declinar a oferta, zombando das intenções protetoras de Voltaire.

[158](#) A sra. de Robecq, amiga de Choiseul, duque de Stainville, então ministro das Relações Exteriores.

[159](#) Frederico respondeu em 19 de dezembro no mesmo tom e aconselhou o rato a permanecer em sua toca.

[160](#) Maupertuis, que acabava de morrer.

[161](#) Obra de Frederico, que a quis renegar quando foi coroado. À carta em que Voltaire aludia a essas *Obras* encontradas com o morto, Frederico respondera energicamente (e em versos) em 3 de abril: “Sua alma era nobre e fiel/ Que ela vos sirva de modelo.”

[162](#) Em sua resposta seguinte, em 12 de maio, Frederico diz: “Seu comportamento não teria sido tolerado por filósofo algum. Perdoei-lhe tudo e desejo tudo esquecer. Por outro lado, não reconhecesse eu seu talento, não teria se saído tão bem. E que eu não ouça mais falar dessa sobrinha que me aborrece; ela não terá tantos méritos quanto o tio para encobrir seus erros.”

[163](#) Voltaire soubera da oferta de Catarina II aos enciclopedistas para que concluíssem na Rússia a publicação da obra.

[164](#) Jean Omer Joly de Fleury (1715-1810), procurador-geral do Parlamento de Paris.

[165](#) Anacarsis, sábio da Cítia (século VI a.C.), foi para Atenas estudar sua civilização.

[166](#) “Inf...”: certamente “infame”, ou seja, a Igreja, que Voltaire julgava perniciososa para as pessoas cultas, mas indispensável à plebe.

[167](#) O barão Melchior Grimm (1723-1807). Sua *Correspondência* literária (de 1754 a 1773, informava os soberanos europeus sobre a vida intelectual em Paris.

[168](#) Ainda o barão Grimm.

[169](#) Tronchin tornara-se um propagador da inoculação médica, há muito tempo defendida por Voltaire. Ia inocular o filho de De Brosses, presidente do Parlamento genebrino.

[170](#) Antiga palavra germânica que significa “estrangeiro”. Voltaire empregava-a ironicamente em relação aos franceses.

[171](#) Voltaire acabava de saber da execução do cavaleiro de La Barre (1^o de julho de 1766) em Abeville. La Barre, que tinha dezenove anos, era acusado de haver profanado um crucifixo e entoado canções inconvenientes durante a passagem de uma procissão. Foi condenado a ser queimado vivo após ter tido a língua e a mão direita decepadas. A sentença foi em seguida amenizada e ele foi decapitado e lançado às chamas. Um exemplar do *Dicionário filosófico*, encontrado em sua casa, foi queimado com seu corpo. Antes, Voltaire havia tentado mostrar não haver relação alguma entre os gestos de La Barre e os livros filosóficos. “Jovens estouvados”, escrevera em 1^o julho a Argene de Dirac, “que a demência e o excesso exacerbam a ponto de efetuar profanações públicas, não leem livros de filosofia.” Porém, após a execução, assim como no caso Calas, tomou o partido da vítima e, em 15 de julho, escreveu *Relato sobre a morte do cavaleiro de La Barre*. Também protegeu o cúmplice de La Barre, d’Etallonde de Morival, que conseguira fugir.

[172](#) Ou seja, os “*philosophes*”.

[173](#) A *Carta ao doutor Pansophe* que, de fato, é da autoria de Voltaire.

[174](#) “Vosso paladar suscetível odeia o amargo absinto.” Verso de Frederico, que o alterará, omitindo o verbo discutido, a fim de corrigir a métrica: “*L’absinthe à votre goût est âpre et trop amère.*”

[175](#) “Bem poderíamos odiar as infidelidades/ Dos que por capricho fizeram tolos tratados/ Bem poderíamos odiar a falsa política/ Dos que unindo-se aos inimigos/ Serviram aos desígnios de uma corte tirânica/ E se perderam para perder seus amigos” (*Tancredo*, Ato I, Cena 2).

[176](#) Alusão a detalhes da polêmica com Maupertuis.

[177](#) Personagem ingênuo do teatro de rua.

[178](#) Voltaire sugerira a Frederico a fundação, em Clèves, de uma colônia de filósofos. Com reservas, Frederico acabara aceitando a ideia.

[179](#) O barão de Werder, presidente da Câmara de Clèves, recebera ordem de Frederico para acolher bem os filósofos, caso emigrassem.

[180](#) Doze exemplares do *Prefácio*, escrito por Frederico para o *Compêndio de história eclesiástica*, de Fleury.

[181](#) Em sua resposta, Frederico escreve: “Um Estado expurgado de toda superstição não se sustentaria por muito tempo em sua pureza; novos absurdos substituiriam os antigos ao cabo de pouco tempo. A pequena dose de bom senso difundida pela superfície deste globo é, parece-me, suficiente para fundar uma comunidade geograficamente distribuída, quase como a dos jesuítas, mas não um Estado.”

[182](#) Alcides era o nome original de Héracles.

[183](#) Nestor foi um dos argonautas do mito grego, aparecendo na *Odisseia* como sábio ancião.

[184](#) A *Epístola ao rei da Dinamarca* tem um subtítulo: “Sobre a liberdade de imprensa permitida em todos os seus Estados.” A *Epístola a Catarina II* celebra as vitórias russas sobre os turcos.

[185](#) O diplomata francês François de Tott (1733-1793) viveu muito tempo na Turquia. Em 1770, organizou a defesa dos Dardanelos contra a frota russa de Orlof. Escreveu *Memórias sobre os turcos e os tártaros*, um dos primeiros livros a difundir a Turquia na França.

[186](#) Lord Chesterfield ficara surdo. Após sua morte, Voltaire escreveu um conto intitulado *Os ouvidos do conde de Chesterfield*, onde a surdez é apenas um pretexto para demonstrar que o acaso governa todas as coisas do mundo.

[187](#) O síndico da nobreza representava a nobreza do país em quaisquer circunstâncias em que esta requeresse defesa. O cargo foi abolido com a Revolução Francesa.

[188](#) Delisle de Sales publicara (1741-1816) sua *Filosofia da natureza* em 1769. A terceira edição foi perseguida e condenada à fogueira em 21 de março de 1777. Voltaire recomendara Delisle a Frederico II.

[189](#) *Amanuensis*: Voltaire provavelmente dita a carta.

[190](#) Condorcet acabava de publicar uma edição comentada dos *Pensamentos* de Pascal.

[191](#) Referência à fábula de La Fontaine: Bertrand é o Gato, Raton, o rato.

¹⁹² A este bilhete está colada, com dois lacres, uma carta de baralho em que Voltaire escreveu de seu punho: “*Non cecidit. Panem mitto. Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo quod oritur ex ore Tronchin.*” (“Ele não morreu. Renuncio ao pão. Mas não é só pão que faz viver, há cada palavra que sai da boca de Tronchin.”)

¹⁹³ Este bilhete deve ter sido escrito por volta de 25 de maio. Seu estado agravara-se sensivelmente.

¹⁹⁴ O decreto do Parlamento que condenara o pai de Lally acabava de ser cassado. Seu filho lutara muito tempo por sua reabilitação e Voltaire o ajudara, particularmente com *Fragmentos históricos sobre a Índia* (1773).

¹⁹⁵ Voltaire encontrava-se no leito de morte quando lhe comunicaram o ocorrido; pareceu reanimar-se para escrever o bilhete, mas voltou a desfalecer, expirando em 30 de maio de 1778, aos 84 anos de idade.

Copyright da tradução e da organização desta edição © 2011,
André Telles e Jorge Bastos

Copyright desta edição © 2011:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

“Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d’Aide à la Publication 2011
Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France,
bénéficie du soutien de l’ambassade de France au Brésil.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Auxílio à Publicação 2011
Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou
com o apoio da embaixada da França no Brasil.”



Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Geísa Pimentel Duque Estrada | Revisão: Maria da Glória Carvalho,
Joana Milli | Projeto gráfico: Mari Taboada | Capa: Rafael Nobre
Imagem da capa: Retrato de Voltaire em seu gabinete (© Alfredo Dagli Orti/
The Art Archive/Corbis/Corbis (DC)/Latinstock)

Edição eletrônica: julho 2011

ISBN: 978-85-378-0734-7

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](http://Simplissimo.com.br)
